

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**MARCELLO FRANÇA FURTADO**

**NAS RUAS, NAS PRAÇAS: AS IMAGENS DO MOVIMENTO ESTUDANTIL  
CAPIXABA NA DITADURA MILITAR (1964-1985)**

**VITÓRIA  
2017**

**MARCELLO FRANÇA FURTADO**

**NAS RUAS, NAS PRAÇAS: AS IMAGENS DO MOVIMENTO ESTUDANTIL  
CAPIXABA NA DITADURA MILITAR (1964-1985)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História na Linha: Sociedade e Movimento Políticos.

Orientador: Dr. Pedro Ernesto Fagundes.

VITÓRIA  
2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

F992n Furtado, Marcello França, 1991-  
Nas ruas, nas praças : as imagens do movimento estudantil capixaba na ditadura militar (1964-1985) / Marcello França Furtado. – 2017.  
145 f. : il.

Orientador: Pedro Ernesto Fagundes.  
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Fotografia documentária. 2. Arquivologia. 3. Perseguição política. 4. Sinais e símbolos. 5. Brasil – História – 1964-1985. 6. Espírito Santo (Estado) – História. I. Fagundes, Pedro Ernesto. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 93/99

---

**MARCELLO FRANÇA FURTADO**

**NAS RUAS, NAS PRAÇAS: AS IMAGENS DO MOVIMENTO ESTUDANTIL  
CAPIXABA NA DITADURA MILITAR (1964-1985)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História na Linha: Sociedade e Movimento Políticos.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Pedro Ernesto Fagundes**  
**Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)**  
**Orientador**

---

**Prof. Dra. Almerinda da Silva Lopes**  
**Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)**  
**Examinador Interno**

---

**Prof. Dr. Vitor Amorin de Angelo**  
**Universidade de Vila Velha (UVV)**  
**Membro Externo**

---

**Prof. Dr. William Golino de Freitas**  
**Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)**  
**Examinador Externo**

---

**Prof. Sebastião Pimentel Franco**  
**Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)**  
**Examinador Interno Suplente**

---

**Profa. Dra. Angélica Müller**  
**Universidade Federal Fluminense (UFF)**  
**Examinador Externo Suplente**

## AGRADECIMENTOS

Nestes dois anos que fazem parte da trajetória de um mestrando passa-se por diversas coisas que nos fazem ser gratos pela vida e pelo que está a sua volta. Sou muito grato a Deus por seu amor e por me permitir viver tantas coisas e ter tantos aprendizados. Também agradeço ao meu pai Marcello Furtado (in memoriam) e a minha mãe Rosane Ester França Furtado que tornaram que eu sou e me ensinaram a valorizar as coisas boas e corretas.

Agradeço ao meu orientador Pedro Ernesto Fagundes que deposita sua confiança em meu trabalho desde a graduação e a iniciação científica, pela liberdade e apoio as ideias e por sua inspiração à dedicação acadêmica.

Estendo esses agradecimentos aos professores Almerinda da Silva Lopes, Vitor Amorim de Angelo e William Golino de Freitas pela oportunidade de fazerem parte da banca examinadora deste trabalho e pelo acompanhamento desta pesquisa.

A equipe do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo por prestar todo suporte quanto à documentação utilizada. Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da UFES por todo amadurecimento durante as disciplinas e esforço para desenvolvimento do programa.

Agradeço aos amigos da F5 Atualiza, pois melhor do que estudar sobre política é ter a oportunidade de fazer política. Sou muito feliz em compartilhar tantos momentos que são até difíceis de registrar. Em especial a Deyvid Alberto Hehr, Raphael Moraes Simões e Souza, Raphael Pereira Calmon e Wesley Vitor da Silva. Penso que se hoje pudéssemos voltar àquilo que começamos em 2012 jamais imaginariamos que corresponderíamos a tantos estudantes que nos deram a oportunidade de dirigir as maiores entidades estudantis do Espírito Santo: o Diretório Central dos Estudantes da UFES e a Atlética Central dos Estudantes.

Agradeço a Alyne Gonçalves e Herbert Caçador com quem tive a oportunidade nesses últimos dois anos de desenvolver o “Catálogo do Acervo Textual de Augusto Ruschi” e o “Inventário da Casa de Cultura de Muniz Freire” respectivamente.

Aos amigos Danubia de Oliveira Florindo, Deyse da Silva Ferreira, Dimaghi Schwamback, Fabiola Pereira Costa, Guilherme Wilberstaedt Savas, Henrique Albuquerque Firme, Heitor da Costa Cobre, Joaquim Francisco de Oliveira Neto, Karolina Dias da Cunha, Leandro Napê Rocha, Marcela Oliveira de Paula, Mariana Roldi de Azeredo, Mayke dos Santos, Michele Santolin Silva, Rita Rebello Loss, Thiago Nascimento do Prado e Winnie Fracaroli por todo apoio durante este período.

## RESUMO

O presente trabalho busca apresentar reflexões acerca da abrangência do papel do Estado x Sociedade no que condiz sobre o uso e controle de informações produzidas e acumuladas institucionalmente. Durante o período da Ditadura Militar, o Estado exerceu maior repressão através da censura, vigilância e medo; obtendo coerção por parte da sociedade. Os arquivos, compreendidos como agentes do poder do Estado, se tornam lugares de memória e recurso para a investigação histórica. Através do acervo da Delegacia de Ordem Política e Social do Espírito Santo – DOPS/ES se aponta neste trabalho uma parte específica desta produção documental: as fotografias, ainda problematizadas como instrumento no campo da História. Realizamos ainda o recorte sobre o grupo denominado movimento estudantil, um dos principais alvos do regime militar. Através da metodologia histórica-semiótica, que entende a fotografia como um produto, se identificou os signos existentes nas imagens que caracterizam seus contextos sociais de produção; os principais eixos de atuação por parte da DOPS/ES; e os elementos que constroem um discurso sobre os considerados subversivos.

**Palavras Chaves:** Ditadura Militar. Fotografia. Arquivologia.

## ABSTRACT

This dissertation has the purpose of presenting reflections about the comprehensiveness of State x Society role in what concerns the use and the control of information produced and accumulated institutionally. During the period of the military dictatorship, the State practiced a huge repression through censorship, vigilance and fear; obtaining coercion by part of the society. The archives, understood as agents of the State power, become places of memory and resource for historical investigation. Through the collection of the Political and Social Order of the State of Espirito Santo - DOPS / ES, a specific part of this documentary production is pointed out in this paper: the photographs, still questioned as an instrument in the field of History. We also approach the student movement group, one of the main targets of the military regime. Through the historical-semiotic methodology, which understands photography as a product, the signs in the images that characterize its social contexts of production have been identified; the main lines of action by DOPS / ES; and the elements that construct a discourse about those considered subversive.

**Keywords:** Military dictatorship. Photography. Archival.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	14
1 DO CONTROLE DA INFORMAÇÃO AO ACESSO DOCUMENTAL .....	21
2 APROXIMAÇÕES ENTRE O DOCUMENTO FOTOGRÁFICO E A DITADURA MILITAR .....	35
2.1 A FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO .....	36
2.2 O DOCUMENTO E O TEMPO .....	43
2.3 A FOTOGRAFIA DA DITADURA MILITAR .....	47
3 O OLHAR PARA O MOVIMENTO ESTUDANTIL CAPIXABA.....	57
3.1 O ANO DE 1968.....	59
3.2 AS PICHAGENS .....	67
3.3 AS GREVES NACIONAIS.....	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	86
APÊNDICE .....	91

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Dossiê 06 - Pichações relacionadas ao Partido Comunista do Brasil.....	50
Figura 2 - Dossiê 03 - Celebração Nossa Senhora Aparecida .....	51
Figura 3 - Dossiê 21 - Convenção Municipal do MDB.....	52
Figura 4 - Dossiê 26 – Protestos contra falta de agua em Vitória .....	53
Figura 5 - Dossiê 12 - Grupo de mulheres com o Sigma Integralista .....	54
Figura 6 - Dossiê 22 –Bingo do PT .....	55
Figura 7 - Dossiê 7 - Fotografia relacionadas ao Movimento Concílio Dos Jovens...56	56
Figura 8 - Dossiê 10 – Fotografia de registro de prisão de César Ronald. 1968.....	60
Figura 9 - Dossiê 10 – Envelope contendo fotografia de registro de prisão de César Ronald.....	60
Figura 10 - Dossiê 19 – Fusca estacionando com um cartaz preso no para-brisa “Repressão da Ditadura dissolve Congresso da UNE”. .....	62
Figura 11 - Dossiê 19 – Ônibus da Viação Imperial pichado.....	63
Figura 12 - Dossiê 19 – Prédio com a inscrição “Correios e Telégrafos” .....	63
Figura 13 - Dossiê 19 – Restaurante Universitário com diversas pichações.....	64
Figura 14 - Vladimir Herzog suicídio. DOI-CODI.....	66
Figura 15 - Dossiê 06 – Pichação “PC do Brasil” em placa.....	68
Figura 16 - Dossiê 06 – Pichação “PC do Brasil – 60 anos – Reforma agrária radical!” .....	69
Figura 17 - Jovem picha fachada do Teatro Municipal do Rio de Janeiro durante a Passeata dos Cem Mil .....	71
Figura 18 - Dossiê 24 – Assembleia na FAFABES .....	72
Figura 19 - Dossiê 24 – Assembleia na FAFABES. Mesa composta por cinco pessoas.....	74
Figura 20 - Dossiê 24 – Assembleia na FAFABES .....	75
Figura 21 – Dossiê 01 – Ato pela retomada da Casa do Estudante.....	77
Figura 22 - Dossiê 01 – Ato pela retomada da Casa do Estudante.....	78
Figura 23 - Dossiê 207 de 1982 da Comissão da Verdade da UFES. ....	80
Figura 24 - Estudantes se reúnem no campus de Goiabeiras para ouvir palestra da professora Marilena Chauí. ....	81
Figura 25 - Dossiê 28 - Assembleia Geral dos Médicos do Espírito Santo. ....	83
Figura 26 - Dossiê 25 - Assembleia Geral dos Professores do Espírito Santo .....	84

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Distribuição das Fotografias da DOPS/ES .....	17
Tabela 2 – Dossiês contendo material sobre o movimento estudantil.....	57

## LISTA DE SIGLAS

ABIN – Agência Brasileira de Inteligência  
AESI – Assessoria Especial de Segurança e Informação  
AI – Ato Institucional  
AIB – Ação Integralista Brasileira  
ANL – Aliança Nacional Libertadora  
APEES – Arquivo Público do Estado do Espírito Santo  
ARENA – Aliança Renovadora Nacional  
ASI – Assessoria de Segurança da Informação  
CDN – Conselho Nacional de Defesa  
CEC – Casa do Estudante Capixaba  
CIA – Central Intelligence Agency  
CNV – Comissão Nacional da Verdade  
CVUFES – Comissão da Verdade da UFES  
DCE – Diretório Central dos Estudantes  
DESP – Delegacia de Segurança Política e Social  
DOI-CODI – Destacamento de Operações de Informação – Centro de Operações de Defesa Interna  
DOPS – Delegacia de Ordem Política e Social  
FAFABES – Faculdade de Farmácia e Bioquímica do Espírito Santo  
FAFI – Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras  
FAPES – Fundação de Apoio a Pesquisa do Espírito Santo  
IPM – Inquéritos Policiais Militares  
LAI – Lei de Acesso às Informações Públicas  
NHOI – Núcleo de História Oral e Imagem  
PCdoB – Partido Comunista do Brasil  
PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro  
PT – Partido dos Trabalhadores  
PUC – Pontifícia Universidade Católica  
RSAS – Regulamento para a Segurança de Assuntos Sigilosos  
RU – Restaurante Universitário  
SFICI/SISNI – Serviço Federal de Informação e Contra-Inteligência

SNI – Sistema Nacional de Informação

UEE – União Estadual dos Estudantes

UES – Universidade do Espírito Santo

UESC – Universidade Estadual de Santa Catarina

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

UNE – União Nacional dos Estudantes

USP – Universidade de São Paulo

## INTRODUÇÃO

As fotografias do Fundo Documental<sup>1</sup>da Delegacia de Ordem Política e Social do Espírito Santo (DOPS/ES), que funcionou de 1953 até 1991, estão carregadas de acepções e intencionalidades, ainda mais com a latente instabilidade política e social em que foram produzidas, em meio à violência, perseguições, vigilância e censura da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985). Os olhares dessas imagens enquanto informações produzidas pelo Estado revelam as ações e concepções do Regime Militar e suas instituições, muitas vezes ainda cercadas por ficções e fragmentos da realidade: pairando na sociedade brasileira um sentimento de desconhecimento, mistério e em especial de impunidade aplicada nesse período de 21 anos na história do país.

A motivação dos estudos dessas fotografias surge em 2013 junto à criação do Núcleo de História Oral e Imagem do Departamento de Arquivologia da Universidade Federal do Espírito Santo (NHOI/UFES), enquanto atuei como bolsista de iniciação científica da Fundação de Apoio à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES) orientado pelo professor Dr. Pedro Ernesto Fagundes. Como estudante de graduação em Arquivologia a pesquisa levou um ano de duração, sendo que neste tempo desenvolvemos uma série de procedimentos de tratamento arquivístico incluindo a realização da digitalização das fotografias do Fundo em questão desta pesquisa. Sabendo que a experiência na Iniciação Científica ainda seria insuficiente para a abrangência do significado completo dessas fotografias, até então inéditas e desconhecidas pelo grande público, ingressei em 2015 como discente regular do Mestrado em História da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) o que me levou ao aprofundamento em questões de metodologia científica e reflexões teóricas e bibliográficas.

No ano de 2013 também tive a oportunidade de ser eleito em Assembleia Geral dos Estudantes da UFES para representar a cadeira do Diretório Central dos Estudantes (DCE) na recém-criada Comissão da Verdade da UFES (CVUfes), instalada por

---

<sup>1</sup> Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística: Conjunto de Documento de uma mesma proveniência.

meio da Portaria 478, de 27 de fevereiro de 2013. Juntamente com os professores Pedro Ernesto Fagundes (coordenador), Paulo Velten (subcoordenador), Atílio Provedel, Bernardete Gomes Mian, Luiz Cláudio Moises Ribeiro e Temístocles de Souza Luz; os servidores técnico-administrativos Rita de Cássia Rebello Loss e Wellington Pereira; e o companheiro estudante Nevitton Vieira de Souza, pude vivenciar e colaborar em questões práticas no que tange a história oral e o tratamento de acervos sensíveis como o da Ditadura Militar. Em março de 2017 a Comissão da Verdade da UFES lançou seu Relatório Final contendo 187 páginas, resultado de 3 anos de pesquisas no acervo da extinta Assessoria Especial de Segurança e Informação (AESI) que operou dentro da UFES durante o regime militar.

Esse trabalho utiliza como fonte as fotografias produzidas e coletadas apenas pela DOPS/ES com o recorte do período da Ditadura Militar (1964-1985). Propõe-se aqui a realização do levantamento documental e a identificação das fotografias pertencentes ao acervo; e buscar estabelecer a interdisciplinaridade da história com outras áreas do saber como a Arquivologia, Legislação, Linguística e Sociologia. Tem como objetivo principal analisar as formas de ação e vigilância do Estado Brasileiro durante o Regime Militar através da atuação da DOPS no Espírito Santo.

Utilizo a teoria do *Enfoque da História Social* de Peter Burke e da *metodologia histórico-semiótica* de Ana Maria Mauad que encontra o reconhecimento da fotografia como fonte para a chamada *Nova História Política*, que através da identificação dos aspectos de cultura política e suas representações contidas nas imagens é possível compreender como os ditos subversivos se organizavam e a outra face da moeda, o modus operandi da polícia política capixaba e seus ângulos escolhidos para a realização dos registros fotográficos.

Ao compararmos uma imagem fotográfica e o objeto fotografado observamos que existem muito mais coisas em volta que não foram capturadas pela lente da câmera. A fotografia é apenas um recorte daquele presente, isola um determinado ponto no tempo e no espaço, seja real ou manipulado. De qualquer forma, é impossível afirmar que aquele registro fotográfico foi realizado sem motivo, a fotografia capta

algo para trazer alguma mensagem, mensagem essa, não verbal. Essas mensagens não verbais são construídas através de *códigos*.

Todo e qualquer conhecimento humano em uma sociedade está estabelecido por uma linguagem, sendo esta idealizada como uma convenção de *códigos* através da relação de *significados*<sup>2</sup>. Os significados se desenvolvem por uma determinante cultural; conjunto de fatores sociais, culturais, étnicos, ideológicos, estéticos, dentre outros, que compõe cada indivíduo; concepções pré-estabelecidas. Ao fazermos estas análises para a disciplina da História, nosso ponto de partida é tratar a fotografia como evidência de uma sociedade, para entender isso CIVATTA nos ajuda refletindo:

As fotografias não são objetos isolados, independentes. São situadas em um contexto e indelevelmente marcadas por quem as produziu, pelo olhar de quem as recortou da realidade. Destacam-se, nas diversas abordagens examinadas, a historicidade das imagens e seu potencial para a informação e para a educação. Como representação do passado geram uma memória que alimenta a compreensão do presente e orienta as perspectivas do futuro. Como memória ou como comunicação, as imagens constroem em discurso visual que organiza o conhecimento da realidade. (CIAVATTA, 2004: 15)

Com o fim do regime militar ocorreram inúmeras transformações político-administrativas na polícia política capixaba. Sendo assim, após a extinção da Delegacia de Ordem Política e Social do Espírito Santo (DOPS/ES), perdeu seu direito de poder de Polícia Política capixaba oficializada pela Lei estadual n. 4.573 de 31 de outubro de 1991, esta aprovada pela Assembleia Legislativa do Espírito Santo e homologada pelo então Governador Albuino Azeredo (1991-1994), a Lei também determinou a transferência do corpo documental para o Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES).

Estima-se um total de 77.000 páginas pertencente ao Fundo da DOPS/ES no APEES, dentre elas 480 fotografias (excluindo-se as imagens 3x4 inseridas em

---

<sup>2</sup> Para Saussure *conceito* é sinônimo de *significado*, algo como a parte espiritual da palavra, sua contraparte inteligível em oposição ao significante, que é sua parte sensível. “Sentido” a mesma coisa que *conceito* ou *ideia*, isto é, a representação mental de um objeto ou da realidade social em que nos situamos, representação essa condicionada plasmada pela formação sócio-cultural que nos cerca desde o berço. Em outras palavras, ??? CARVALHO, 1997: 33.

fichas pessoais), divididas em 16 séries arquivísticas<sup>3</sup> (Tabela 1) e proposta neste trabalho em 28 dossiês temáticos.

**Tabela 1– Distribuição das Fotografias da DOPS/ES**

<b>Número</b>	<b>Título</b>	<b>Quantidade</b>
<b>01</b>	Ato Público pela Tomada da Casa do Estudante.	42
<b>02</b>	Missa De Sagração de Dom Luiz Gonzaga.	02
<b>03</b>	Celebração “Nossa Senhora Aparecida” Retiro Anual do Clero.	20
<b>04</b>	Fotografias Relacionadas à Alziro Zarur.	71
<b>05</b>	Manifestação Do Partido dos Trabalhadores – PT.	23
<b>06</b>	Pichações Relacionadas ao Partido Comunista Do Brasil – PCdoB.	12
<b>07</b>	Fotografias Relacionadas ao Movimento Concílio Dos Jovens.	21
<b>08</b>	Fotografias Relacionadas ao Encontro Nacional Estudantil.	03
<b>09</b>	Reproduções Fotográficas (Jaderson).	02
<b>10</b>	Fotografias Relacionadas a Cezar Ronald Pereira Gomes.	06
<b>11</b>	Fotografias Relacionadas a Autoridades Do Alto Clero.	35
<b>12</b>	Fotografias Relacionadas ao Movimento Integralista. (coletadas)	28
<b>13</b>	Fotografias de Identificação.	44
<b>14</b>	Negativos Fotográficos.	-
<b>15</b>	Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB.	14
<b>16</b>	Fotografias Não Identificadas.	02
<b>17</b>	XVIII Encontro Nacional de Vereadores.	13
<b>18</b>	Movimento Indígena.	21
<b>19</b>	Sindicância sobre Pichamento de Imóveis e Automóveis.	10

<sup>3</sup> A saber: SÉRIE 01 – Integralismo; Aliança Nacional Libertadora e Partido Comunista; SÉRIE 02 – Movimentos Sindicais e Associações Profissionais; Série 03 – Movimento Grevista; SÉRIE 04 – Movimentos Políticos; SÉRIE 05 - Movimento Educacional; SÉRIE 06 - Movimentos Sociais; SÉRIE 07 - Encontros, Eventos e Congressos; SÉRIE 08 - Movimentos Religiosos; SÉRIE 09 - Imprensa, Radiofusão e Atividades Artísticas; SÉRIE 10 - Instituições Privadas; SÉRIE 11 - Instituições Públicas; SÉRIE 12 – Investigações; SÉRIE 13 – Empresas Particulares de Segurança e Investigação; SÉRIE 14 – Requerimentos; SÉRIE 15 - Organização e Funcionamento e SÉRIE 16 – Coletânea. <http://www.ape.es.gov.br/index2.htm>

<b>Número</b>	<b>Título</b>	<b>Quantidade</b>
<b>20</b>	Movimentos Sindicais.	04
<b>21</b>	Convenção Municipal do Movimento Democrático Brasileiro – MDB.	04
<b>22</b>	Bingo do Partido dos Trabalhadores – PT.	03
<b>23</b>	Pichações com o Símbolo Comunista.	04
<b>24</b>	Faculdades Particulares.	07
<b>25</b>	Fotografias Relacionadas à Investigação de Professores.	43
<b>26</b>	Fotografias Relacionadas à Movimentos Sociais.	25
<b>27</b>	Imprensa e Radiofusão.	12
<b>28</b>	Movimento Grevista.	09
<b>Total</b>		<b>480</b>

Os 28 dossiês destacados foram desenvolvidos junto a esse trabalho para facilitar a pesquisa acadêmica e a compreensão do leitor; visto que a equipe técnica do Arquivo Público abstraiu maior parte das fotografias do acervo de seus dossiês originais criando uma série arquivística específica à *tipologia documental* chamada “Fotografias”. Os dossiês propostos se encontram no esforço de direcionar as fotografias aos seus respectivos dossiês textuais localizados pelo acervo. Com data de produção documental de 1934-1989 (incluindo parte do Estado Novo), os documentos são provenientes de apreensões por parte do órgão como também produzidos institucionalmente.

Inicialmente pretendia lidar com a totalidade das fotografias. Contudo, ao longo do decorer do trabalho, em especial depois da observações levantadas durante a qualificação, amadureceu-se a necessidade da realização de um recorte mais específico, visto a necessidade de uma análise mais profunda das imagens e o curto prazo de realização de um mestrado. Tratamos apenas as fotografias relacionadas ao Movimento Estudantil, por perceber que é o movimento social com o maior índice de dossiês da DOPS/ES e também pelo reconhecimento do protagonismo estudantil em atividades políticas do período de 1964-1985 que serão tratadas mais a frente.

Vale destacar que existem mais três grupos em que a Polícia Política Capixaba se inclinou de maneira relevante: Clero; Partidos Políticos; e Trabalhadores/Sindicatos.

Em nosso primeiro capítulo, sabendo que esse trabalho possui um recorte temporal de 1964 a 1985, faz-se necessário a compreensão dessa estrutura de informação e repressão da Ditadura Militar, suas características em nível macro e a forma de operação do Sistema Nacional de Informações (SNI) e das delegacias estaduais como a DOPS/ES. O intuito também é provocar reflexões sobre a proveniência das fontes, as fotografias da DOPS/ES, através de um balanço historiográfico dos últimos 90 anos no Brasil. As fotografias não surgem em suas caixas de arquivos prontas para serem consultadas, o acesso às fontes (principalmente aqueles da história recente) perpassam pelo Estado Democrático de Direito<sup>4</sup>, esse até mesmo como garantia para a realização desta pesquisa.

O segundo capítulo está dividido em duas partes, a primeira indica a realização de uma trajetória sobre a utilização da fotografia pela História nas últimas décadas, a delimitação de História Política, as perspectivas do uso da imagem como documento pelas ciências humanas e sociais e a delimitação da base teórica a ser utilizado neste trabalho. A segunda problematiza o documento perante o tempo e de que forma a história pode ser instrumentalizada por grupos sociais e, também apresenta a questão da Cultura Política e da identificação das formas de abordagem da DOPS/ES através dos signos contidos nas fotografias.

A terceira parte propõe tratar mais diretamente a documentação fotográfica. Com o título, “O olhar para o movimento estudantil capixaba”, o capítulo realiza a identificação das fotografias a partir das principais frentes de atuação da DOPS/ES a partir de uma trajetória histórica, foi possível identificar três períodos de intensa vigilância com imagens sobre o movimento estudantil, que dividimos nos seguintes subcapítulos: “O ano de 1968”; “As pichações” que se estende a partir de 1968 até a década de 1970; e “As greves nacionais” a partir da década de 1980.

---

<sup>4</sup>Estado Democrático de Direito é, assim, um Estado que visa à garantia do exercício de direitos individuais e sociais, e os poderes instituídos (Legislativo, Executivo e Judiciário) são organizados de forma a que um não avance sobre a função precípua do outro. (SIQUEIRA, 2008).

Em nossas considerações finais buscamos oferecer como produto final o desenvolvimento de um instrumento de pesquisa e consulta através das técnicas da descrição arquivística<sup>5</sup>, compostas: por código, descrição sumária, datação e identificação do local de cada imagem, ainda não realizada com tamanha precisão pelo Projeto Memórias Revelada. A criação dessa base de dados da documentação fotográfica do DOPS/ES (1934-1989) permitiu a realização das constatações quantitativas e qualitativas obtidas ao longo de todo este trabalho, bem como permitirá como uso de guia para consulta por parte do público do APEES.

---

<sup>5</sup>Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística: Conjunto de procedimentos que leva em conta os elementos formais e de conteúdo dos documentos para a elaboração de instrumentos de pesquisa.

## 1 DO CONTROLE DA INFORMAÇÃO AO ACESSO DOCUMENTAL

Nas últimas décadas em nível internacional cresceu a pressão de diferentes seguimentos em torno da defesa do Direito a Informação como um dos elementos fundamentais dos direitos humanos. Nesse sentido, o direito a informação é um dos pilares que constitui o exercício da cidadania e da democracia; fruto da liberdade que o cidadão possui em ter acesso as suas informações pessoais e aos atos de um determinado governo. Para compreender esta relação do Estado e Sociedade pode-se encarar a partir da lógica de *Campo*, proposto por Pierre Bourdieu. O Estado é aquele que determina as regras e é detentor dos recursos de uma determinada população e território. Apesar do poder centralizador estatal, este é flexível, percebido como um espaço de disputa de forças, onde os atores articulam o social e o econômico através das demandas e interesses.

Um Estado existe a partir de seus atos registrados, de um discurso único a ser seguido, que revelam a hierarquia de uma determinada instituição. Sua legitimidade está em torno do apontamento claro de suas funções e ações. Compreender a burocracia de determinada sociedade ou grupo, a forma que se organiza, é também compreender a forma em que o poder se institui:

O processo de constituição do Estado moderno relaciona a concentração de capital econômico com a instauração de um fisco unificado. Este processo se faz acompanhar de capital informacional. O capital cultural seria uma dimensão do capital informacional. Isto implicaria numa ação unificadora e homogeneizadora por parte do Estado, inclusive na homogeneização das formas de comunicação burocrática (impressos, formulários etc. Trata-se da objetivação do capital simbólico, “codificado, delegado e garantido pelo Estado, burocratizado” (BOURDIEU:1996). Os arquivos constituem facetas dessa objetivação. Tal como a contabilidade e outros procedimentos, os arquivos são “métodos de governo e de gestão” (BOURDIEU:1996), inerentes ao campo administrativo. (JARDIM, 1999:45).

Levando em conta estas considerações, é possível refletir sobre os mecanismos burocráticos são instrumentos de legitimação do *poder simbólico* do Estado.

O poder simbólico seria exercido através da manipulação do mundo material, social e simbólico por meio de ideias, palavras e imagens. O poder simbólico teria em suas raízes mais arcaicas na realização de rituais e uso de símbolos. O Estado exerce esse poder no exterior pela propaganda e a diplomacia pública; internamente, por exemplo, através de campanhas mediáticas e do sistema educacional. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2012:53).

O controle do *Capital Informacional*, como colocado por José Maria Jardim, torna-se uma peça neste tabuleiro denominado de *Campo*, uma ferramenta de disputa do controle, fundamental para a determinação do político. As informações públicas passam a ser a linha que divide a autonomia do cidadão e o poder de um governo; quanto mais um governo retém informações mais poder e controle ele exerce sobre sua população, quanto mais a população tem acesso as informações mais exercício de poder ele tem sobre um governo. Podemos imaginar como a antiga brincadeira de “Cabo de Guerra”, onde em uma ponta está o Estado e na outra a Sociedade, a corda como o *Capital Informacional*, ambos puxam para o seu lado em uma disputa, quem tiver a maior parte da corda do seu lado, vence.

[Para Max Weber a ideia de burocracia] É a forma mais racional de exercício de dominação, porque nela se alcança tecnicamente o máximo de rendimento em virtude de precisão, continuidade, disciplina, rigor e confiabilidade, intensidade e extensibilidade dos serviços, e aplicabilidade formalmente universal a todas espécies de tarefas [...] Toda nossa vida cotidiana está encaixada nesse quadro. (WEBER, 1999: 145).

O Estado se coloca como responsável pela prestação de serviços públicos, pelo levantamento de informações e dados para o desenvolvimento de políticas públicas, de defesa externa e bélica, manutenção da ordem e do modelo de governo e coerção da população, atributos do monopólio legítimo através do paradigma de Estado. Desta forma, se pode entender os arquivos e os setores de protocolo na administração moderna como fontes e agentes do poder, cristalizadores do político de uma sociedade. Seu acesso e transparência são propostos medidos através da relação do Estado e Sociedade. Como ponto inicial para o estudo desta dinâmica, utilizamos o conceito de *Regime de Informação*:

Temos considerado que um regime de informação seria o modo informacional dominante em uma formação social, o qual define quem são os sujeitos, as organizações, as regras e as autoridades informacionais e quais os meios e os recursos preferenciais de

informação, os padrões de excelência e os modelos de sua organização, interação e distribuição, enquanto vigentes em certo tempo, lugar e circunstância. Como um plexo de relações e agências, um regime de informação está exposto a certas possibilidades e condições culturais, políticas e econômicas, que nele se expressam e nele se constituem. A partir dessas premissas podemos afirmar que cada nova configuração de um regime de informação resulta de e condiciona diferentes modos de configuração de uma ordem sociocultural e política. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2012:43).

Em nosso país, ainda marcado pela memória de seu passado recente traumático, os debates sobre pleno direito a informação, especialmente, dos acervos produzidos durante a última Ditadura ganhou espaço em setores acadêmicos, jurídicos e políticos. Depois de décadas de debates, à democracia e a participação cidadã, entrou em pauta, sobretudo, durante a tramitação no Congresso Nacional da chamada Lei de Acesso a Informação Pública (nº 12.527/2011), que ficou conhecida como LAI.

Na busca de compreender o processo de constituição deste “Estado Informacional”, a percepção e o estudo dessa assimetria latente do controle de informações se fazem necessária.

De fato, se a política de informação era de preferência política de Estado e Governo, se o Estado deixa de ter um papel decisório no domínio dos fenômenos, recursos, e serviços de informação, deixaria de existir o campo de manifestações das políticas de informação, e ficaria esvaziada a possibilidade de um conhecimento que tivesse a figura dos saberes do [conceito] do Estado. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2012:51).

Em primeiro momento, é necessário recuperar a trajetória do regime de informação instituído no Estado Brasileiro ao longo dos últimos anos (1927 a 2012), passando pela Ditadura Militar, a implementação da Lei de Acesso às Informações Públicas (LAI) e reflexões e problemáticas ao ponto em que nos encontramos na atualidade.

O início das atividades de vigilância, controle e preocupação por parte do Governo Brasileiro realmente se inicia de forma oficial com a criação do Conselho de Defesa Nacional (CDN) em 1927, que tinha apenas o caráter consultivo sobre a intensa atividade política na década de 1920 como o Movimento Tenentista e o Movimento Operário. Neste momento também que começa a preocupação com a produção e

segurança destas informações e documentos estratégicos, como descreve o artigo 8 do Decreto 17.999/27 “todos os papéis, arquivos e mais objectos do Conselho ficarão sob a guarda e responsabilidade do Estado Maior do Exército, que os classificará.”

Outro importante ponto a se destacar aqui, antes de iniciar as reflexões mais profundas, é apontar sobre os usos desse controle de informações por parte do Governo Brasileiro. A partir daqui é necessário elencar o conceito de Atividade de Inteligência; significativo ao poder do Estado e a justificativa aos usos informacionais para o entendimento da sociedade que governa:

A definição de inteligência como coleta e análise de informações que interessam à segurança nacional também é muito imprecisa, uma vez que o próprio conceito de segurança nacional é obscuro. Os interesses de segurança nacional estão diretamente relacionados ao tipo de governo, de regime político e com o contexto sócio-econômico. As ameaças podem incidir tanto sobre aspectos internos quanto externos de um país. Quanto mais fechado for o regime, mais o governo está propenso a enfatizar a segurança interna e preocupar-se com a repressão política dentro do próprio território. (ANTUNES, 2011:18).

Logo nos primeiros anos do governo de Getúlio Vargas, início da década de 1930, foi organizada a Delegacia de Segurança Política e Social (DESP) em nível federal, que visou a investigação e a vigilância dos movimentos sociais e ideológicos decorrentes da chamada “Revolução de 1930”, como a Ação Integralista Brasileira (AIB) e a Aliança Nacional Libertadora (ANL). Neste mesmo sentido, nas Unidades Federativas, foram também criadas as Delegacias de Ordem Social e Política (DOPS).

Ao longo dos anos do governo de Getúlio Vargas, essa estrutura se modificou algumas vezes com a criação de braços e subdivisões específicas, visando ampliar suas ações e fortalecer o papel do Estado. Com o fim da Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria as preocupações passaram a serem outras, as questões ideológicas que ameaçavam a estrutura social e econômica. Já com Dutra, é estabelecido o Decreto 9.775-A de 1946, neste momento começa a se pensar o Serviço Federal de Informações e Contra-Informações (SFICI ou SISNI) que também passaria a desempenhar o papel de organizar a propaganda e a contra-propaganda

de acordo com os interesses do governo. Logo após, o Decreto 27.583/49 seria o primeiro instrumento legal a regulamentar, proteger e classificar as informações julgadas pelo Estado brasileiro como sensíveis para a sua segurança.

No Espírito Santo, com as promulgações de leis estaduais ao longo da existência da polícia política, que reformulavam sua estrutura e burocracia, se deu cada vez mais autonomia para atuação do órgão; sendo a mais importante delas a Lei Estadual 719/1953 que reorganiza toda a estrutura da Polícia Civil do Espírito Santo, em seu artigo 21 determinam-se as competências da então passada a chamar DOPS/ES.

Art. 21 – À Delegacia da Ordem Política e Social compete: a) – a matéria relacionada com a ordem política e social, a economia regular e com crimes e contravenções referentes à organização do trabalho, à paz pública, à fé pública e à administração pública; b) – fiscalizar os embarques e desembarques de passageiros por via terrestre e as pessoas em trânsito ou residentes em hotéis e habitações coletivas; c) – controlar o fabrico, depósito, comércio e uso de explosivos e inflamáveis, armas e munições, substâncias corrosivas, tóxicas e entorpecentes; d) – o serviço de registro de estrangeiros e o de porte individual de arma; e) – a execução de todos os serviços secretos da Polícia Civil. Parágrafo único – O Serviço de Registros de Estrangeiros, Armas, Munições e Explosivos constituirá uma dependência da Delegacia de Ordem Política e Social. (ESPIRITO SANTO, 1953)

No último ponto do artigo 21 é colocado de forma mais explícita as funções do DOPS/ES. A execução dos serviços secretos da Polícia Civil foi porta de entrada para a vigilância, censura e repressão aos movimentos políticos e sociais que não eram consonantes ao governo. Contudo,

é o último tópico do artigo 21 que expõe de forma mais explícita a efetiva função da polícia política capixaba: a execução de todos os serviços secretos da Polícia Civil. Com essa informação, confirma-se a função do órgão como um instrumento de controle e vigilância da sociedade. Em seu cotidiano de vigilância, os agentes dos DOPS/ES produziram milhares de fichas de identificação, dossiês e relatórios de espionagem que, interpretados na atualidade, permitem conhecer as técnicas utilizadas, especialmente durante os regimes repressivos, para rotular e estigmatizar parcelas da sociedade. Como relatado, a Lei Estadual n. 719/1953 legitimou suporte legal para a prática da espionagem da polícia política nas mais amplas áreas da sociedade. Os agentes do DOPS/ES poderiam investigar, espionar e reprimir as manifestações que fossem classificadas como perigosas ou sediciosas. Contando com a estrutura e o suporte legal da Polícia Civil, a polícia política montou um aparelho repressivo que, em

defesa da estabilidade pública, utilizou como ferramentas a violência, a tortura e a perseguição aos considerados subversivos. (FAGUNDES, 2011:302).

A campanha do combate ao comunismo no Brasil vai ganhando força com o decorrer dos anos e as Forças Armadas se torna o principal combatente a essa “ameaça” nacional. Passa-se cada vez mais a monitorar os comportamentos considerados suspeitos. Em 1956, militares brasileiros fecham um acordo com Governo Americano de criar um serviço nos moldes da Central Intelligence Agency (CIA). O ambiente repressivo e vigilância se articula e se fortalece ao longo do conhecido “período democrático”, de 1946 até a tomada do poder efetiva pelos militares em 1964.

A partir deste momento se encerra o SFICI, e remodela este aparato como nova nomenclatura; o Serviço Nacional de Informações (SNI), em 1964, agora o serviço se tornaria mais autônomo e em articulação com as Forças Armadas. Desta forma, um amplo sistema repressivo de informações, que tinha por finalidade o controle da informação e a vigilância civil, começou a ser articulado em todos os níveis da estrutura do Estado. Esse processo de perseguição aos chamados “subversivos” chegou ao ápice da organização ao final da década de 1960, era necessário desenvolver uma *rede de informações* para manutenção do Regime a fim de enraizá-lo dentro do governo brasileiro e da sociedade. As delegacias estaduais passam a integrar a esta rede do SNI e das Forças Armadas, sua estrutura burocrática passa por poucas modificações, mas todas em forma de tornar mais eficiente o trabalho de combate à desordem e a aqueles intitulados como “subversivos”.

Em 1967, o Decreto 60.417/67, aprovou o Regulamento para a Salvaguarda de Assuntos Sigilosos (RSAS), buscando adequar o sigilo governamental à nova política nacional, substituindo o decreto publicado em 1949. Este estabeleceu os níveis de sigilo em Ultra-Secreto, Secreto, Confidencial e Reservado, onde basicamente toda e qualquer informação, documento ou área de interesse do Governo poderia ser classificado sem qualquer tipo de prazo limite de sigilo.

Também neste mesmo ano, através do Decreto 60.940/67, foram criadas as Assessorias de Segurança da Informação (ASI) e as Assessorias Especiais de Segurança e Informação (AESI) ligadas ao SNI, o desenvolvimento de órgãos e setores responsáveis pela triagem das informações em entidades públicas, ministérios, forças armadas e empresas e autarquias do governo, foi vital na troca de informações para vigiar e evitar que ações “comunistas” se enraizassem na estrutura do Governo. Nas Universidades, os órgãos de vigilância foram instituídos só a partir de 1971. A Portaria nº 10, BSB, de 13 de janeiro de 1971, que marcou a criação das primeiras AESI/ASI apontavam as prioridades desses órgãos: coleta de informações sobre atividades das lideranças estudantis e professores, controle da nomeação para cargos, viagens de docentes e discentes para eventos científicos, censura de livros, proibição de manifestações, confisco de material considerado “subversivo”, dentre outras.

Com o fim da Ditadura Militar em 1985, o SNI ainda permaneceu atuante durante o governo de José Sarney (1985-1990). Esse órgão foi extinto apenas em 1990, durante os primeiros dias do governo do presidente Fernando Collor (1990-1992). No Espírito Santo desde a Lei estadual nº. 3.391 de 03 de dezembro de 1980, [em meio aos movimentos de Anistia] a DOPS já aparece como órgão da Polícia Civil subordinado à Superintendência de Investigação Especial, ao lado da Delegacia Especializada de Tóxicos e Entorpecentes.

Após, com a Lei estadual nº. 3.705 de 28 de dezembro de 1984, onde institui o Quadro de Pessoal da Polícia Civil do Espírito Santo, o cargo de delegado das delegacias especializadas passou a ser provido pelo delegado de Polícia Civil de 3ª Categoria, ou seja, limitando ainda mais a abrangência e autonomia da Polícia Política. Vale lembrar que o documento mais recente encontrado no acervo da DOPS/ES data de 1989.

Apenas pela Lei estadual n. 4.573 de 31 de outubro de 1991, aprovada pela Assembleia Legislativa do Espírito Santo e homologado pelo então Governador Albuino Azeredo, onde é citado pela primeira vez o termo sobre extinção. Percebe-se que leva em torno de 7 anos para o desmonte por completo desse órgão que ocupou espaço de destaque na elite política e no governo capixaba. Essa lei

também determinou a transferência do conjunto documental produzido pela DOPS/ES para o Arquivo Público do Estado do Espírito Santo – APEES, apesar da autorização do acesso as fichas e dossiês por parte do Governo do Estado estas permaneceriam inacessíveis até 2009 devido aos entraves burocráticos de transferência da Polícia Civil para o APEES; falta de tratamento arquivístico e grande deterioração do papel; além do enredo da aprovação da Lei Federal de Arquivos<sup>6</sup>. Segue na integra:

LEI Nº 4.573. O GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPIRITO SANTO. Faço saber que a Assembléia Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte Lei: Art. 1º - O Poder Executivo deverá transferir as fichas e dossiês da extinta Delegacia de Ordem Política e Social - DOPS, da Polícia Civil para o Arquivo Publico. Art. 2º - Fica autorizado o acesso às informações ali contidas a qualquer cidadão que as requerer. Art. 3º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrários. Ordeno, portanto, a todas as autoridades que a cumpram e a façam cumprir como nela se contém, O Secretário de Estado da Justiça e da Cidadania faça publicá-la, imprimir e correr. Palácio Anchieta, em Vitória, 31 de outubro de 1991. (ESPÍRITO SANTO, 1991)

Em 1988, após a promulgação da Constituição Federal, a aprovação do Habeas Data<sup>7</sup> passou por grandes dificuldades em ser aprovada durante os debates constitucionais, mesmo ainda fazendo menção ao SNI em seu texto. Apesar disso, muitos documentos e informações do governo continuaram inacessíveis, principalmente aqueles vinculados aos órgãos de segurança. Sobre esse assunto LOPES e KONRAD apontam que:

Após o término das ditaduras, em ambos os países [Brasil e Argentina], foram promulgadas as Leis de Anistia, assim como suas novas Constituições, estas, de cunho democrático, que afirmavam a importância do acesso à informação. Paralelo a essas novas legislações, outras leis e decretos específicos foram produzidos, tanto para dar acesso aos documentos produzidos no período da Ditadura Civil-Militar, bem como para ocultar, visto que estes apresentam um grande valor probatório para que a verdade venha a ser conhecida e assim desenhar um sistema de memória e justiça.

<sup>6</sup> Referência a Lei 8.159 de 1991, popularmente conhecida como Lei de Arquivos.

<sup>7</sup> Ação para garantir o acesso de uma pessoa a informações sobre ela mesma, que façam parte de arquivos ou bancos de dados de entidades governamentais ou públicas. Também pode pedir a correção de dados incorretos. Art. 5º da Constituição Federal e Lei 9507/97. O Habeas Data exerce uma função ao mesmo tempo preventiva e corretiva, o que significa dizer que o cidadão possui o pleno direito de obter certos tipos de informação, principalmente aquelas que dizem respeito sobre si, que constam unicamente em órgãos governamentais, assim como pedir a sua retificação.

Nesse contexto, houve tanto uma política de construção, como de desconstrução da História. (LOPES. KONRAD, 2013:7).

Futuramente, em 1999, ainda seria criada a Agência Brasileira de Inteligência (ABIN), que até o momento é a responsável pelas ações, informações e interesses secretos do Governo Brasileiro.

Voltando a questões dos arquivos, somente a Lei Nº 8159/91, conhecida como “Lei de Arquivos”, estabeleceu regulamentações acerca da documentação produzida pelo governo. O Decreto nº 2.134 de janeiro de 1997 permitiu uma complementação à Lei de Arquivos, dando um destaque a documentação de caráter sigilosa, que passou a ter a seguinte classificação: reservado (5 anos), confidencial (10 anos), secreto (20 anos) e ultrassecreto (30 anos); desta forma garantido que em algum momento os documentos seriam “abertos”.

Na véspera de deixar o governo, o presidente Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), com receio do impacto que dos documentos sigilosos provocasse editou o Decreto de Lei Nº 4553/02, ato esse considerado por muitos de grande retrocesso para a garantia de direitos civis, que modificou os prazos de liberação dos documentos ultrassecretos para 50 anos, mas também dando abertura de possibilidades para novas classificações e prorrogações.

A liberação do acesso à documentação dos órgãos e agências de informação no Brasil só começa a ser vista em 2005, quando o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) propõe e sanciona a Lei Nº 11.111/05 que apresentou nova regulamentação aos prazos de guarda de documentos. E a criação programa Memórias Reveladas<sup>8</sup> em 2009 pela Casa Civil da Presidência da República, a partir de então todos os documentos relativos ao período de 1º de abril de 1964 a 15 de março de 1985, sob a guarda ou posse de pessoas, empresas e órgãos públicos civis e militares e de seus funcionários são transferidos e incorporados ao acervo do Arquivo Nacional.

---

<sup>8</sup> O Centro de Referência das Lutas Políticas no Brasil, denominado "Memórias Reveladas", projeto do Governo Federal que consiste na busca e disposição dos arquivos sobre o período entre as décadas de 1960 e 1980 e das lutas de resistência à ditadura militar. <<http://www.memoriasreveladas.gov.br>>

Porém, apenas com a Lei Nº 12.527 de 18 de novembro de 2011, sancionada pela então presidenta Dilma Rousseff (2011-2016), que se concretiza a busca pela abertura dos arquivos da Ditadura Militar de forma irrestrita. A conhecida LAI, representa um grande marco para as décadas de luta na quebra do silêncio que serviu de refúgio para crimes cometidos pelo Estado contra os Direitos Humanos e individuais. No caso, esta Lei pode ser considerada uma das mais importantes no que tange a transparência pública no Brasil deste então, quando passa a condicionar o acesso a documentos e informações públicas como regra, e o sigilo como exceção. Este novo marco legal, só após mais de 20 anos da (re)constituição da democracia no Brasil.

Através da perspectiva de *Capital Informacional*, destacado no início do texto, aponto neste momento uma *ruptura* na balança entre Estado e Sociedade. A população passa a ter um maior controle sobre as ações do governo, sua economia e política, um avanço que garante o acesso pleno aos arquivos e o exercício do político e da cidadania. A LAI foi base fundamental para a formação da Comissão Nacional da Verdade (CNV), através da Lei. 12.528/11, que tem como o objetivo realizar o levantamento e a apuração dos crimes e violações aos direitos humanos no Brasil entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988, trazendo a tona os ditos *Arquivos da Repressão*.

Indo mais a fundo: a partir da constituição de uma lei, até sua a vigência e aplicação existe muitas vezes um caminho longo a ser trilhado; a dicotomia entre o ideal e realidade [durante sua implementação]. A LAI ainda é balanceada pela falta de constituição de políticas públicas pelo executivo voltadas para o arquivo e de mecanismos específicos como recursos humanos especializados, tecnologia e conhecimento prático.

Os vinte anos que separam a Nº 8159/91 da LAI não garantiram, em linhas gerais, condições arquivísticas que favorecessem a implantação da Lei de Acesso. Certamente ocorreram avanços na gestão arquivística em duas décadas, especialmente no plano federal, em alguns estados e, de forma menos acentuada, nos municípios. No entanto, a ausência de políticas públicas e ações técnico-científicas de caráter arquivístico na maioria dessas instâncias confronta os diversos setores do Estado brasileiro com as exigências da LAI. Neste confronto, o ônus da opacidade

informativo do Estado recai em especial sobre a cidadania. (JARDIM, 2013:387).

As questões que entram em pauta neste momento são acerca da *gestão*<sup>9</sup> destas informações e documentos. E a partir de qual momento ela deixa de ter seu valor administrativo e a passar a torna-se memória. É importante destacar que o cidadão é o cerne da Lei. A LAI garante ao cidadão, em seu artigo 7º os direitos de obter:

I - orientação sobre os procedimentos para a consecução de acesso, bem como sobre o local onde poderá ser encontrada ou obtida a informação almejada; II - informação contida em registros ou documentos, produzidos ou acumulados por seus órgãos ou entidades, recolhidos ou não a arquivos públicos; III - informação produzida ou custodiada por pessoa física ou entidade privada decorrente de qualquer vínculo com seus órgãos ou entidades, mesmo que esse vínculo já tenha cessado; IV - informação primária, íntegra, autêntica e atualizada; V - informação sobre atividades exercidas pelos órgãos e entidades, inclusive as relativas à sua política, organização e serviços; VI - informação pertinente à administração do patrimônio público, utilização de recursos públicos, licitação, contratos administrativos; e VII - informação relativa: a) à implementação, acompanhamento e resultados dos programas, projetos e ações dos órgãos e entidades públicas, bem como metas e indicadores propostos; b) ao resultado de inspeções, auditorias, prestações e tomadas de contas realizadas pelos órgãos de controle interno e externo, incluindo prestações de contas relativas a exercícios anteriores. (BRASIL, 2011).

Apesar de em seu texto a LAI estabelecer um amplo acesso, com poucas exceções. Ainda existe grande dificuldade por parte das administrações públicas a sua aplicação plena e garantia de disponibilização da informação devido *acultura do segredo* presente nas instituições brasileiras, advindo de um sentimento de posse dos gestores e funcionários dos órgãos. Essa análise é resultado da “Pesquisa Diagnóstico sobre Valores, Conhecimento e Cultura de Acesso à Informação Pública no Poder Executivo Federal Brasileira” realizada pela Controladoria-Geral da União.

...desafios deverão ser enfrentados para a implementação bem sucedida da Lei. O primeiro deles é o enfrentamento da cultura do segredo, identificada principalmente na constante preocupação com o “mau uso” das informações pelo público, com a “má interpretação” ou “descontextualização das informações”. ...muitas vezes, as

---

<sup>9</sup> Gestão Documental: Conjunto de procedimentos e operações técnicas referentes à produção, tramitação, uso, avaliação e arquivamento de documentos em fase corrente e intermediária, visando sua eliminação ou recolhimento. Também chamado administração de documentos. Referente à Gestão de Documentos. Avaliação é o procedimento que determina o potencial histórico do documento.

informações sob a guarda da Administração Pública são tratadas como sendo de propriedade do Estado, dos departamentos e em alguns casos dos próprios servidores... O controle das informações, especialmente dos bancos de dados, cria um status diferenciado e garante o espaço político dos técnicos dentro de seus órgãos. Por isso, há resistência em disponibilizar informações não só para o público, mas às vezes até para outras áreas da Administração. (DA MATTA, 2011:18 in JARDIM, 2012:8)

Quando se está em questão uma informação muito mais delicada do que aquelas ligadas às rotinas administrativas de uma instituição, como as dos *Arquivos da Repressão* a memórias traumáticas, essa *cultura do segredo* por parte se torna muito mais forte, em maioria das vezes ligadas ao medo ou a preocupação de alguma perseguição ou até mesmo processo jurídico pessoal ou a partir de familiares. Este é o caso dos agentes da Ditadura Militar, que por vezes seus nomes ainda assombram as garantias de acesso as gavetas desses arquivos. A LAI é muito clara e específica no Parágrafo Único do artigo 21º “As informações ou documentos que versem sobre condutas que impliquem violação dos direitos humanos praticada por agentes públicos ou a mando de autoridades públicas não poderão ser objeto de restrição de acesso.” (BRASIL, 2011). Os únicos casos de sigilo são aqueles ligados a soberania nacional, áreas estratégicas de interesse econômico, internacional, estabilidade, segurança e saúde do país.

Do outro lado da moeda estão aqueles que foram vítimas da repressão, que muitas vezes buscam o silenciamento da memória por trazer algum sentimento de tristeza, vergonha, dor ou invasão de privacidade, seja para o próprio indivíduo ou seus familiares. A LAI apresenta no artigo 31º a responsabilidade sobre as informações pessoais, sendo de aplicabilidade a essas situações.

Art. 31. O tratamento das informações pessoais deve ser feito de forma transparente e com respeito à intimidade, vida privada, honra e imagem das pessoas, bem como às liberdades e garantias individuais; § 1º As informações pessoais, a que se refere este artigo, relativas à intimidade, vida privada, honra e imagem: I - terão seu acesso restrito, independentemente de classificação de sigilo e pelo prazo máximo de 100 (cem) anos a contar da sua data de produção, a agentes públicos legalmente autorizados e à pessoa a que elas se referirem; e II - poderão ter autorizada sua divulgação ou acesso por terceiros diante de previsão legal ou consentimento expresso da pessoa a que elas se referirem. § 2º Aquele que obtiver acesso às informações de que trata este artigo será responsabilizado

por seu uso indevido. § 3º O consentimento referido no inciso II do § 1º não será exigido quando as informações forem necessárias: I - à prevenção e diagnóstico médico, quando a pessoa estiver física ou legalmente incapaz, e para utilização única e exclusivamente para o tratamento médico; II - à realização de estatísticas e pesquisas científicas de evidente interesse público ou geral, previstos em lei, sendo vedada a identificação da pessoa a que as informações se referirem; III - ao cumprimento de ordem judicial; IV - à defesa de direitos humanos; ou V - à proteção do interesse público e geral preponderante. § 4º A restrição de acesso à informação relativa à vida privada, honra e imagem de pessoa não poderá ser invocada com o intuito de prejudicar processo de apuração de irregularidades em que o titular das informações estiver envolvido, bem como em ações voltadas para a recuperação de fatos históricos de maior relevância. § 5º Regulamento disporá sobre os procedimentos para tratamento de informação pessoal. (BRASIL, 2011)

Apenas 1 ano depois, através do Decreto 7.724 de 16 de maio de 2012, que é regulamenta a Lei de Acesso à Informação no âmbito do Poder Executivo Federal, onde são definidas novas diretrizes, mais claras, no que diz respeito a procedimentos de disponibilização de informações pessoais, mas que não serão destacadas aqui por se tratarem de uma outra possibilidade de trabalho.

De certa maneira, agora, pode-se se afirmar que os ditos *Arquivos da Repressão* encontram-se “abertos”, mas talvez não ainda acessíveis em sua totalidade. A LAI é muito clara no que tange o valor histórico dos documentos públicos, sejam eles de conteúdo institucional ou individual, desde que produzidos pelo Estado. Nos tempos atuais, em que o Estado retém cada vez mais informações sobre o cidadão, já é algo claro que existe uma relação assimétrica. O primeiro passo já foi dado, quanto as regras do jogo, como no *Campo* de Bourdieu, quando as informações deixam de ficar exclusivamente nas mãos do governo (refém de mandatos políticos) e passam a ser uma política de Estado, de direto a todos os cidadãos. Avançamos na ideia da informação como Direito Humano<sup>10</sup>, a informação como um bem além de estruturas sociais.

Retomando as reflexões a respeito da Ditadura Militar, cerne deste capítulo, o fortalecimento de uma “*rede de informações*” foi importante para manutenção e

---

10 “Fazem parte dos direitos humanos todo um conjunto de direitos fundamentais, os quais todos os seres humanos, de todos os povos e nações, devem usufruir pelo simples fato de existirem, independentemente de sua classe social, etnia, gênero, nacionalidade ou posicionamento político.” Ver mais sobre a definição do conceito no site do STF: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=100515>

controle do regime, sendo realizadas trocas de informações consideradas estratégicas tanto em níveis estaduais, regionais e/ou nacional. A forma de comunicação desta estrutura também era motivada pela constante “teoria da conspiração” criada sobre comunistas e o mito sobre um medo constante de invasão e tomada do poder por estes no país. No terceiro capítulo vamos compreender, através das fotografias [nosso objeto de pesquisa], como o principal órgão dessa “rede” no Espírito Santo, a DOPS/ES, atuou sobre o Movimento Estudantil. Porém, antes, faz-se necessário discutir o que é essa fotografia como fonte para uso na história.

## 2 APROXIMAÇÕES ENTRE O DOCUMENTO FOTOGRÁFICO E A DITADURA MILITAR

A utilização da fotografia como fonte histórica percorreu diversas abordagens ao longo de seu desenvolvimento no meio científico, muitas vezes em diversos trabalhos do campo da História a imagem é tratada apenas como ilustração para conclusões em que o autor já havia chegado, meio para comprovar a alegação textual. Por outro lado, a imagem passa a ser o único ponto de referência em determinados estudos, como no caso do início da civilização e da antiguidade<sup>11</sup>, onde respectivamente não havia ainda o desenvolvimento da escrita e/ou a existência de indícios suficientes para os acontecimentos além dos registros em desenhos ou peças artísticas.

A História por muitas décadas negligenciou o uso de imagens para a produção historiográfica: por uma convenção de que apenas os atos oficiais e documentos textuais fornecem uma “verdade superior” ou por apenas a fuga da dificuldade na leitura de “mensagens não verbais”, como são as imagens. Nesse momento perduravam muitas interrogações, entre elas: Será que o que está impresso é a realidade? A fotografia é puramente visual? Qual a relação da fotografia com a história? Como ver através da imagem? Essas são algumas das mais diversas reflexões relacionadas à fotografia enquanto objeto de estudo.

Diante do exposto, este capítulo se dividirá em três partes para tratar sobre as reflexões às problemáticas da fotografia em si. Em primeiro momento busca-se sintetizar a trajetória dos usos das imagens na história. Do pré-Annales ao presente acadêmico, quando passa a ser reconhecida como fonte. Vale destacar que nesta primeira será apresentada a metodologia desse trabalho. Na segunda parte vamos abordar as sensibilidades de uma pesquisa histórica sobre um período recente da história, como é a Ditadura Militar, evocar os aspectos de *tempo*, memória e de cultura política. E na terceira parte os objetivos da produção fotográfica da DOPS/ES.

---

<sup>11</sup> Os historiados Francis Haskell (1928) que estudou as pinturas das catacumbas romanas como evidência para o início do Cristianismo na Europa. David Douglas (1953) que estudou as Tapeçarias de Bayeux. Jacob Burckhardt (1818) sobre o renascimento da Idade Média.

## 2.1 A FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO

O conceito de documento foi ampliado ao longo do tempo, os primeiros estudos desse tipo começaram com Paul Otlet em 1868, quando refuta o livro enquanto suporte de informações e problematiza sua forma de transmissão de conhecimento, hoje conhecido como o pai da Classificação Decimal Universal – CDU, utilizado em milhares de bibliotecas em todo o mundo. Cerca de meio século depois, com Marc Bloch e Lucien Febvre, teve início o que ficaria conhecido como Escola dos Annales<sup>12</sup> em 1929, cujo documento fora apontado como fonte para a História.

Em paralelo a isso, na Alemanha, Erwin Panofsky já era precursor no tratamento da imagem como documento, em seu ensaio de 1939 sobre imagens apresenta um paradigma de estudo que consiste em três níveis de análise baseadas na hermenêutica de Friedrich Schleiermacher (1778), filosofia que se propõe interpretar as escrituras. A *pré-iconográfica* consiste na identificação dos objetos (árvores, prédios, pessoas, animais) e eventos. A *Análise Iconográfica*, no sentido estrito do significado convencional que proporciona reconhecer o que está sendo retratado como entender, por exemplo, que ao observar uma noiva, um noivo, os convidados e uma figura religiosa, esse conjunto de fatores, faz-nos compreender que é uma cena de um casamento. Entender como casamento é a *Interpretação Iconológica*, que se volta para o sentido intrínseco, o retrato/episódio de uma nação, período, crença, política, um elemento de representação de um todo. Dessa forma, o autor coloca que os dois tipos de análises devem andar juntas.

As principais críticas ao modelo de Panofsky surgiram do ponto de não se preocupar com um “contexto social”, utilizar como análise apenas elementos que contenham a própria imagem. Devido a isso, acabou por ser apontado como tradicionalista e factual.

---

<sup>12</sup>A Revista dos *Annales* surge numa época em que a "escola metódica" exalta a sua preocupação com a erudição, privilegiando a dimensão política - procurando dar grande ênfase ao acontecimento. "A corrente inovadora (*Annales*) despreza o acontecimento e insiste na "longa duração"; deriva a sua atenção da vida política para a atividade econômica, a organização social e a psicologia coletiva" Dessa forma, esforçavam-se em aproximar a história das outras ciências humanas. (MARTIM: 2000, 119).

Perceber a evolução da tecnologia, na gênese da sua palavra como “modo de fazer” é fundamental para buscar novos enfoques. Novos enfoques surgiram com o amadurecimento da própria história, como o desenvolvimento da história política.

A história política que teve o seu apogeu no século XIX ao contar as histórias de reis, rainhas e impérios, sofre uma série de críticas com o surgimento do Annales. A partir de então passa por uma fase de “desprestígio”, pois naquele contexto metodológico, a história política passou a ser considerada limitadora. Entretanto, a partir do surgimento da nova história política francesa, durante a década de 1980, sob a liderança de René Remond, durante a década de 1980:

Cada vez menos pesquisadores acham que a infraestruturas governam superestruturas, e a maioria prefere discernir uma diversidade de setores – o cultural, o econômico, o social e o político – que se influenciam mútua e desigualmente segundo as conjunturas, guardando as conjunturas ao mesmo tempo cada um sua vida autônoma e seus dinamismos próprios. E também sua especificidade: a política é um lugar de gestão do social e do econômico, mas a recíproca não é verdadeira. Sob essa luz, o historiador político sabe tira partido dos procedimentos e descobertas de seus vizinhos. A história política não pensa em opor a hierarquias obsoletas uma contra-hierarquia que a recolocaria no topo da pirâmide. Mas está convicta de que muito tem a contribuir em troca – não apenas marginalmente – para todos os outros setores da história. (REMOND, 2003:10).

Como dissemos, de 1980 em diante, ao se aproximar de outras áreas do saber, a história política volta a ganhar força sem perder os postulados da história encontrando-se em novas fontes (imagens, vídeo e oralidade). A aproximação da história com outros campos do saber possibilitou novas frentes e formas de pesquisas através do reconhecimento da mídia; dos discursos; das eleições; das estatísticas; das leis e das políticas públicas; e dos partidos políticos, por exemplo.

No que se refletia sobre o uso das imagens, “historiadores [ainda] preferem lidar com textos e fatos políticos ou econômicos e não com os níveis mais profundos de experiência que as imagens sondam” (BURKE, 2004) e tendem a apenas ilustrar resultados ou concepções já definidas pelo pesquisador, sem qualquer tipo de análise como evidência. Mas então, como trabalhar a fotografia como única evidência em novos tempos de reafirmação da história política?

A resposta seria através da imersão no cotidiano político da sociedade. O político volta a ter seu espaço a partir do século XX, a ideia das massas e da história de longa duração não é abandonada, a história política se utiliza da reformulação do conceito de documento para (re) ocupar seu espaço na academia. Com esse novo paradigma para a história, surge a terceira fase de Annales, nomes importantes desse movimento para o desenvolvimento desse trabalho são Le Goff e Peter Burke.

Sob influência das ciências sociais, a história também sofreu uma mudança no campo das técnicas e dos métodos. Se antes a documentação era relativa ao evento e ao seu produtor, agora ela é relativa ao campo econômico-social: ela se torna massiva, serial e revela também o duradouro, a permanência, as estruturas sociais. "Os documentos se referem à vida cotidiana das massas anônimas, à sua vida produtiva, à sua vida comercial, ao seu consumo, às suas crenças, às suas diversas formas de vida social." (REIS: 1994, 126) Portanto, a nova história privilegia a documentação massiva e involuntária em relação aos documentos voluntários e oficiais. Nesse sentido, os documentos são arqueológicos, pictográficos, iconográficos, fotográficos, cinematográficos, numéricos, orais, enfim, de todo tipo. Todos os meios são tentados para vencer as lacunas e silêncios das fontes, mesmo, e não sem risco, os considerados como antiobjetivos. (BIRARDI, CASTELANI, BELATTO, 2001).

Para responder essa ausência de "contexto social" em Panofsky (precursor de todo esse movimento), Peter Burke apresenta três aprimoramentos de forma de análise da imagem. A *Psicanálise*, que bebe na fonte de Sigmund Freud, ao afirmar que os significados não estão no consciente, mas nos símbolos e associações do inconsciente, tanto para o fotógrafo, o fotografado e quem observa a imagem. Mas aponta que há um grande risco aos historiadores, pois projeções do imaginário e fantasias não necessariamente estão ligadas ao passado.

A segunda através de *Enfoques Estruturalistas e Pós-Estruturalistas*, conhecida também como semiologia ou semiótica, possui como objetivo a identificação de *signos*<sup>13</sup>, que estão relacionados entre si e desenvolvem um sistema de elementos

---

<sup>13</sup> A Semiologia (ou Semiótica) distingue dois tipos de sinais: os *naturais* e os *convencionais*. O sinal natural manifesta-se em forma de *indício* (físico), como a fumaça, a trovoada, nuvens negras, rastros, o som, o cheiro, a luz, etc., ou em forma de *sintoma* (fisiológico): a pulsação, a contração, a dor, a febre, a fome, o suor, o espasmo, etc. O sinal convencional envolve maior complexidade e pressupõe a existência de uma cultura (antropologicamente falando) já estabelecida, da qual ele é o resultado e expressão, produto e instrumento a um só tempo. Pode apresentar-se em forma de *ícone*, *símbolo* ou *signo*. O *ícone* (do grego eikón = imagem) é

que produzem uma reprodução da realidade externa, que se aproxima as ideias de Charles Peirce:

Os signos seriam não só palavras, mas também gestos, as imagens, os sons não estritamente linguísticos, como o apito de um trem, o repicar de um sino, as batidas do telégrafo o tilintar de uma campainha. Compreende-se assim a definição de Peirce: “O signo, ou seu representamen, é algo que, sob certo aspecto ou de algum modo, representa alguma coisa para alguém (PEIRCE, 1975: 94 em CARVALHO, 1997:32).

Este enfoque é muito semelhante à *Análise Iconológica* de Panofsky, por simular os acontecimentos externos de uma imagem a existência de signos dentro dela, sendo necessário o entendimento desses signos como forma de entender o todo. As ideias de Michel Foucault e Le Goff também se correspondem muito a esse tipo de análise:

Michel Foucault foi também um tipo de estruturalista, embora não nas mesmas linhas formuladas por Lévi-Strauss. Ele estava interessado em sistemas de “representações” da mesma forma que se interessava por sistemas de pensamento. Por “representação” Foucault entendia uma imagem verbal e pictórica de algum objeto, feita de acordo com um determinado conjunto de convenções, que se interessavam a ele mais do que a maior ou menor fidelidade com a qual o objeto foi descrito ou pintado. (BURKE, 2001:219).

Para Michel Foucault, um problema da História talvez esteja em questionar os documentos como forma de *discurso*<sup>14</sup>. Assim, desestruturam o documento evidenciando o seu caráter de monumento, sendo que o documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, do momento histórico, da sociedade que o produziu, mas, também, das épocas sucessivas, talvez esquecido durante os anos que continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é *monumento*, inserido no conjunto formado por outros monumentos, levando em conta que todo documento é simultaneamente verdadeiro e falso, pois serve aos interesses específicos de cada situação.

---

imagístico, por exemplo, uma foto, uma estatueta, um desenho de alguém ou de algum lugar, e caracteriza-se também por ser *não-arbitrário*; o signo, totalmente *arbitrário*, é a própria palavra [ou coisa que represente], enquanto o *símbolo*, *semi-arbitrário*, é um tipo intermediário entre o *ícone* e o *signo*; por exemplo, a balança é o símbolo da justiça, a espada, símbolo do Exército, a cruz simboliza o Cristianismo (uma vez que seu fundador nela morreu), etc. CARVALHO, 1997, 31-32.

<sup>14</sup> Mais na obra *Arqueologia do Saber* de 1969 de Michel Foucault.

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade, isto é, os tipos de discurso que aceita e faz funcionar como verdadeiros..., os meios pelo qual cada um deles é sancionado, as técnicas e procedimentos valorizados na aquisição da verdade; o status daqueles que estão encarregados de dizer o que conta como verdadeiro. (...) analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar um conjunto de regras, próprias da prática discursiva” (FOUCAULT, 2005:56).

Foucault busca em Jacques Le Goff, no conceito de *monumento*, espaço para apontar rumos para a História. Sendo:

A História, na sua forma tradicional, dedicava-se a 'memorizar' os monumentos do passado, a transformá-los em documentos e em fazer falar os traços que, por si próprios, muitas vezes não são absolutamente verbais, ou dizem em silêncio outra coisa diferente do que dizem; nos nossos dias, a história é o que transforma os documentos "em monumentos e o que, onde dantes se decifravam traços deixados pelos homens, onde dantes se tentava reconhecer em negativo o que eles tinham sido, apresenta agora uma massa de elementos que é preciso depois isolar, reagrupar, tomar pertinentes, colocar em relação, constituir em conjunto. (LE GOFF, 1990: 471)

Monumento é um sinal do passado, sendo tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar e recordar, por exemplo, as fotografias. O monumento tem como características, o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades. Originalmente, o documento se opunha ao monumento, o que era intencional. A noção de documento é modificada, isto é, não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que detinham o poder.

A fotografia é uma fonte histórica que demanda, por parte do historiador, um novo tipo de crítica. O testemunho é válido, não importando se o registro fotográfico foi feito para documentar um fato ou representar um estilo de vida. No entanto, parafraseando Jacques Le Goff, deve se considerar a fotografia simultaneamente, como imagem/documento e como imagem/monumento. No primeiro caso, considera-se a fotografia como índice, marca de uma materialidade passada, na qual objetos, pessoas, lugares, nos informam sobre determinados aspectos desse passado - condições de vida, moda, infraestrutura urbana ou rural, condições de trabalho etc. No segundo caso, a fotografia é um símbolo, aquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro. Sem esquecer jamais que todo documento é monumento, se a fotografia informa, ela também conforma determinada visão de mundo. (CIAVATTA, ALVES. 2008: 22).

Essa provocação de Foucault também serviria para engrossar o movimento da Análise do Discurso, dentro da Linguística, iniciada por Saussure em 1970 e, que de certa forma, também beneficia diretamente aos estudos sobre a teoria da história.

Se dedicar as reflexões sobre a produção e a recepção das imagens (assim como as fontes textuais e orais) é necessária dentro da perspectiva de que toda e qualquer linguagem, linguagem essa idealizada como uma convenção de códigos através da relação de *significados x significantes*, pensada como base para a formação do conhecimento e das informações:

El significante y el significado, la representación mental y la imagen acústica son, por lo tanto, las dos caras de una misma moneda y se integran a título de incorporante e incorporado. El significante es la traducción fónica de un concepto; el significado, el correlato mental del significante. Esta consustancialidad del significante y el significado asegura la unidad estructural del signo lingüístico. (SAUSSURE, 1970: 142)

É uma relação simples: para se pronunciar uma palavra, idioma ou, até mesmo, um gesto, como aqueles das regras de trânsito, são necessitados ao menos um emissor e um receptor. Ora, se você está dirigindo um carro sem saber a linguagem e os códigos de trânsito suas chances de provocar um acidente são grandes. Com maior profundidade esse mesmo modelo acontece de maneira macro na sociedade, no caso das imagens, talvez o seu entendimento visual tenha afetividades<sup>15</sup> diferentes para você do que para outra pessoa. Algo semelhante acontece ao observarmos com estranheza imagens das vacas sagradas habitando os lares das pessoas na Índia.

Os significados se desenvolvem por uma determinante cultural: conjunto de fatores sociais, culturais, étnicos, ideológicos, estéticos, dentre outros, que compõe cada indivíduo; concepções pré-estabelecidas.

Ao trazemos todas essas análises e formas de pensamentos para a disciplina da História, o objetivo desta pesquisa é passar a tratar a fotografia como evidência, que

---

<sup>15</sup> O conceito de “afetividade” é inerente a estudos da psicologia.

atesta de alguma forma a existência de algo, além de discutir a fotografia como um processo de construção de sentido. Essa transdisciplinaridade é necessária como apontada por Maria Ciavatta:

Já se ia percebendo que a imagem fugiu sempre de características única e limitadora de “objeto disciplinar” e exigiu um tratamento nos limites alargados da transdisciplinaridade. Isso, tanto por sua origem quanto ao espaço/tempo de produção (nos tantos contextos cotidianos, na vida social ou nas artes – pintura, fotografia, cinema, vídeo, na produção das ciências etc.), como pela incorporação de arquivos diversos (públicos e privados). Também pelas relações com a ciência ou a técnica que permitem e desenvolvem os artefatos culturais necessários à sua produção (tintas, máquinas, etc.). (CIAVATTA, 2004: 15).

Retomando Burke e suas formas de análise, revelamos sua terceira e última perspectiva, o *Enfoque da História Social*, que se debruça sobre as circunstâncias em que a imagem foi produzida, sua encomenda e qual a demanda que a atenderia originalmente. Ela se coloca como um apanhado geral dos demais paradigmas, imerso ao “contexto social”, colocando a imagem como um produto construído em forma de mercadoria para um determinado público. Ao propor essa forma, Burke evoca os estudos do sociólogo Roland Barthes:

Certos historiadores e críticos, neste grupo ou escola, preocupam-se com a imagem que o artista elabora sobre o espectador, um paralelo visual do que os críticos literários denominam de “leitor implícito”. Eles examinam o que Barthes descreveu como “a retórica da imagem”, as formas pelas quais ela opera para persuadir ou obrigar os espectadores a fazer determinadas interpretações, estimulando-os a identificar-se ou com o herói ou com a vítima, colocando o espectador na posição de testemunha ocular do acontecimento representado. (BURKE, 2001: 227).

Entender a imagem como um cenário e seus signos, mas muito mais além de chaves para a história e compreensão dos acontecimentos, mas como produtos construídos (ângulos escolhidos, focos escolhidos, símbolos, objetos e pessoas escolhidas) para provocar um determinado entendimento da imagem.

Neste ponto devemos lembrar que esta pesquisa possui como objeto as fotografias produzidas por uma instituição, a Delegacia de Ordem Política e Social do Espírito Santo – DOPS (explorada no primeiro capítulo) e que sua produção informacional e

imagética tinham um objetivo muito claro: caçar os chamados subversivos. Dessa forma, o “expectador” era o Regime Militar.

No Brasil, Ana Maria Mauad (1996) desenvolve um balaço das perspectivas apontadas Burke chamada *metodologia histórico-semiótica*, apontando três relações necessárias entre o historiador/pesquisador e o objeto imagético. Pretendemos neste trabalho usar como base metodológica os seguintes apontamentos: a primeira será a partir da observação das funções sígnicas na imagem, a compreensão de um texto icônico que incorpora um código subjetivo em cada elemento; o segundo ponto é perceber a fotografia como uma escolha efetuada em um conjunto de então possíveis escolhas, o produto final resultante da produção de um fotógrafo; a terceira relação, quanto à consideração dos elementos da fotografia com o contexto, remetendo-se a questões técnicas da materialização do documento.

## **2.2 O DOCUMENTO E O TEMPO**

A historiografia é uma criação do historiador, pode ser afirmada ou refutada por futuros pesquisadores com base em descobertas de novos documentos, utilização de um novo método de análise documental ou fontes antes não abordadas. Dentro desse esforço, - por compreender pessoas, relações sociais, acontecimentos e a sociedade de maneira geral- o “*tempo*” é por importância uma peça para os estudos históricos, pois é ele quem mede a distancia entre o pesquisador e seu objeto.

A construção dos sentidos ou discursos é uma via de mão dupla. O sentido é atribuído por quem recebe e, também, por quem produz uma informação, sendo que esses sentidos nem sempre são os mesmos. Essa percepção é advinda do fator *tempo*, a cada período da história um mesmo documento/imagem pode ser lida de maneira diferente. As decorrências do passado muitas vezes afetam diretamente o presente do pesquisador, como é o caso da Ditadura Militar que veremos mais a frente na citação de THIESEN. Outra questão é determinar como o presente enxergará um passado em questão, por isso os documentos utilizados em uma pesquisa são fruto de escolhas e possibilidades do pesquisador.

Conhecer sua natureza, seus modos de produção, retenção e apropriação social tornou-se inadiável, se considerarmos o momento histórico em que vivemos, quando o presente precisa encontrar-se com o passado recente do país ainda encoberto por múltiplas versões e ficções. As vésperas do cinquentenário do golpe civil-militar que durou 21 anos, nos deparamos com questões de diversas ordens ainda não respondidas de forma conclusiva pelos governos que sucederam os militares no poder após 1985. (...) A temática da memória institucional volta a se colocar como um problema a ser equacionado [na historiografia da Ditadura Militar]. Ao longo de quase cinquenta anos sua configuração evidencia uma pluralidade de memórias que se transformam e se sucedem a medida que novas informações vem a publico, subsidiando mudanças no conhecimento até então existente sobre o regime. Os documentos que integram os arquivos são fundamentais para movimentar essa memória e contribuir para a escrita da história contemporânea. (THIESEN, 2013:3)

O estudo dos documentos enquanto produto científico não é uma coisa nova, remonta as primeiras corrente historiograficas do século XIX e atinge seu ápice a partir do surgimento da Escola dos Annales. Dessa forma suas discussões retomam necessariamente também aos historiadores do período da Ditadura, sobretudo, devido ao alargamento nos últimos anos do acesso as informações e aos conjuntos documentais, até então ocultos, e o impacto causado em toda a sociedade através da *memória*<sup>16</sup> e da mídia a cada nova descoberta, principalmente ao se tratar de imagens.

Acreditamos que pesquisar a Ditadura Militar hoje precisa levantar duas reflexões: 1) Sobre o acesso aos documentos e as formas de produção de informações do período (como abordamos no primeiro capítulo); 2) E as escolhas de documentos para uma determinada pesquisa, como pretendemos abordar a partir de agora.

Quanto às escolhas dos documentos precisamos utilizamos do conceito de *Regime de Historicidade*, como Hartog define:

‘Regime de historicidade’, escrevíamos então, começar a citação daqui: podia se compreender de duas formas. Em uma acepção

---

<sup>16</sup> Existe uma longa tradição Ocidental de pensar a memória do ponto de vista individual. Para Ricoeur, esse fato se deve a três traços: a memória parece ser singular, são minhas as lembranças e não suas; o vínculo original da consciência com o passado reside na memória (alteridade) e, por fim, a memória representa a orientação da passagem do tempo (passado ao futuro e vice-versa). SCARPATI, 2012:63.

restrita, é como uma sociedade trata seu passado. Em uma acepção ampla, regime de historicidade serviria para designar "a modalidade de consciência de uma comunidade humana" (HARTOG, 2006, p. 263).

E complementa:

O século XX é o que mais invocou o futuro, o que mais construiu e massacrou em seu nome, o que levou mais longe a produção de uma história escrita do ponto de vista do futuro, conforme aos postulados do regime moderno de historicidade. Mas, ele é também o século que, sobretudo no seu último terço, deu extensão maior à categoria do presente: um presente massivo, invasor, onipresente, que não tem outro horizonte além dele mesmo, fabricando cotidianamente o passado e o futuro do qual ele tem necessidade. Um presente já passado antes de ter completamente chegado. (HARTOG, 2006: 270).

O que François Hartog quer dizer com "não tem outro horizonte além dele mesmo" é sobre os usos políticos do passado no tempo presente. A instrumentalização da história para interesses presentes. A História é um campo constante em disputa.

Essa construção intencional do passado é latente e de interesse dos Governos e Estados, como podemos notar nos tombamentos de bens, nas leis, nas políticas públicas e normativas rígidas para manutenção de algo material ou imaterial, no "culto" à memória e ao patrimônio<sup>17</sup> de um determinado passado. Evocando Le Goff, citado na primeira parte deste capítulo, quando se pensa os documentos como patrimônios, podemos então aproximar com o que Hartog apresenta em seu manifesto *Temporality and Patrimony*, realizado em 2005 e traduzido e publicado para o português em 2006:

Assim, interrogar o patrimônio e seus regimes de temporalidades nos conduziu, de maneira inesperada, do passado ao futuro, mas um futuro que não é mais a conquistar ou a realizar sem hesitar e, se preciso for, violentando o presente. Este futuro não é mais um horizonte luminoso para o qual marchamos, mas uma linha de sombra que colocamos em movimento em direção a nós, enquanto

---

17 A Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 216, ampliou o conceito de patrimônio estabelecido pelo Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, substituindo a denominação Patrimônio Histórico e Artístico, por Patrimônio Cultural Brasileiro. Essa alteração incorporou o conceito de referência cultural e a definição dos bens passíveis de reconhecimento, sobretudo os de caráter imaterial. A Constituição estabelece ainda a parceria entre o poder público e as comunidades para a promoção e proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro, no entanto mantém a gestão do patrimônio e da documentação relativa aos bens sob-responsabilidade da administração pública. <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>

parecemos marcar passo no presente e ruminar um passado que não passa. (HARTOG, 2006: 273).

No período de 1964 a 1985, o país mobilizou diversos setores da sociedade. Podemos afirmar que de maneira geral houve uma divisão: de um lado àqueles que se sentiam ameaçados com o comunismo e a “desordem” em que acreditavam que o país vivia anteriormente e do outro, àqueles, em sua maioria estudantes, que buscavam exercício de suas liberdades políticas, culturais e individuais. Esses dois lados ideológicos, que estiveram se defrontando fisicamente há tão pouco tempo atrás, ainda disputam através das instituições políticas suas posições:

Como afirmamos anteriormente, visando resgatar parte dessa dívida com a história, em 2009, o governo federal criou o Projeto Memórias Reveladas, nome para o “Centro de Referência das Lutas Políticas, 1964—1985. No mesmo sentido, posteriormente surgiu a Lei nº 12.528/2011, sancionada em 18 de novembro de 2011. Nota-se que no mesmo dia também foi sancionada a lei de criação da Comissão Nacional da Verdade (CNV).

A CNV foi instalada oficialmente em 16 de maio de 2012 em uma cerimônia solene de grande porte com a presença da então presidente Dilma Rousseff (ex-presidente política que foi torturada durante a Ditadura), do ex-presidente Lula e das autoridades da América Latina. Com esse mesmo intuito, foi criado o Memorial da Resistência em São Paulo pelo Governo do Estado de São Paulo, hoje custodiador do principal acervo oral e visual da Ditadura Militar no Brasil.

Nitidamente, existia a expectativa que com a criação do projeto Memórias Reveladas, com a entrada em vigor da LAI e, principalmente, com os trabalhos da CNV abririam-se novas possibilidades de pesquisa, debate e acesso a informação no Brasil. Foi exatamente nesse contexto que iniciamos as primeiras pesquisas no acervo do DOPS/ES. Sendo assim, no próximo tópico abordaremos as fotografias e o regime militar.

Ainda sobre o conceito de História Política:

Ciro Flamarion Cardoso, através da obra de *Faire de l'histoire* de Jacques Julliard (1974), aponta o que seria considerado quatro tipos de história política: A *história política como história narrativa*, baseada em esquemas biográficos e com destaques cronológicos; A *história política com um sistema explicativo* concentrado nas ideologias, nas psicologias dos líderes e do parlamento; A *história política vista como uma sociologia história do poder* focada na forma que o poder se estrutura e se hierarquiza, as linguagens e as decisões; A *história política na longa duração*, “uma história da cultura política em vinculação com o sistema de crenças e mais preocupada com as persistências do que com as mudanças” (CARDOSO, 2012), elevando as ações e motivações das pessoas e dos grupos e as tradições e a forma de comportamento destes. Sobre o quarto tipo:

Falando de regiões de um mesmo país, convergentes em suas estruturas, mas com comportamentos políticos persistentemente divergentes, dia Julliard que, diante de estruturas sociais e econômicas comparáveis, a cultura é que faz a diferença. No estudo de determinada *cultura política* seria importante levar em conta coisas como um evento formador e aos “círculos de pensamento” em que toma forma uma tradição de longa duração. (CARDOSO, 2012:44).

A *cultura política*, ou então, a *história política de longa duração* nos permite:

(...) compreender as motivações das ações dos homens nem momento de sua história, por referência ao sistema de valores, normas e crenças que partilham, em função de sua leitura do passado, suas aspirações para o futuro, suas representações da sociedade, do lugar que ocupam e da imagem que tenham da felicidade. Todos esses são elementos que dependem do ser profundo, variam em função da sociedade em que estejam elaborados e permitem compreender melhor as razões das ações políticas, que assim, aparecem de maneiras diversas, e não somente como epifenômenos (BERSTEIN, 1999:405).

### 2.3 A FOTOGRAFIA DA DITADURA MILITAR

A Delegacia de Ordem Política e Social do Espírito Santo – DOPS/ES ao tentar capturar com seu olhar os elementos criminosos, isto é, os “subversivos”, em atos, concentrações e reuniões, procurava entender as formas de organização e

comportamento. Dessa forma, buscava-se o momento propício de organizar sua forma de operação e a maneira com que se infiltravam nesses espaços eram por vezes de modo despercebido e em outros não, dependia-se, sobretudo, do que se almejava em cada ação.

A Polícia Política buscava fotografar aquilo que entendemos, segundo a interpretação dos integrantes da comunidade de informação, como ações sediciosas dos grupos, justamente o que compunha os ritos e as tradições dos grupos políticos vigiados, no caso os considerados subversivos. De certa maneira a DOPS/ES também se preocupava com aquilo que pudesse funcionar como efeito multiplicador de mobilizações ou atrair mais pessoas para a “ideologia comunista” e até que ponto essas ameaças representavam perigo para o Estado.

O historiador francês Serge Berstein é um dos mais importantes estudiosos do conceito de cultura política, que também adotaremos no presente trabalho. Para esse pesquisador esse conceito possibilita:

(...) compreender as motivações das ações dos homens nem momento de sua história, por referência ao sistema de valores, normas e crenças que partilham, em função de sua leitura do passado, suas aspirações para o futuro, suas representações da sociedade, do lugar que ocupam e da imagem que tenham da felicidade. Todos esses são elementos que dependem do ser profundo, variam em função da sociedade em que estejam elaborados e permitem compreender melhor as razões das ações políticas, que assim, aparecem de maneiras diversas, e não somente como epifenômenos (BERSTEIN, 1999:405).

Em um olhar mais direcionado ao funcionamento da própria Polícia Política, percebemos uma semelhança ao buscarem a rotina dos subversivos desenvolveram seu próprio sistema, esse sistema consistia em procedimentos burocráticos de vigilância, regras e hierarquia bem definidas que não podemos deixar de considerar também como certa cultura política. Afinal,

Uma cultura política deve ser entendida tanto como algo coletivo, quanto em sua interiorização em cada indivíduo, pois, uma vez que este, submetido a diferentes influências, chega á maturidade, as seleções que realizou constituem um conjunto que diferentemente mudará no futuro, a não ser pela incidência do que o autor [Berstein] chama de “traumatismo” grave, e tenderá a orientar suas ações em matéria política. Percebe-se, então, que uma mesma cultura política

possa comportar nuances e subdivisões em função de interiorizações seletivas providas de processos de socialização que também favorecem o surgimento de variantes, algumas das quais podem ser categorizadas em termos de gerações. (CARDOSO, 2012:52).

Os militantes possuíam heróis, músicas e rodas, uniam-se em torno de seus ídolos históricos e tinham reuniões regulares. Os policiais também tinham os seus heróis, os ditadores, e grandes nomes de militares de alta patente, suas regras, asseio e disciplinas constituíam as suas rotinas.

De certa forma, o Regime buscava encontrar suas similaridades, coisas em comum na forma de organização dos militares que poderiam ocorrer com os subversivos. Da mesma forma que os militares possuíam uma hierarquia muito bem definida, esta buscava entender quem eram os líderes dos movimentos, a função de cada pessoa em um determinado evento ou ato e a mensagem transmitida em cada evento.

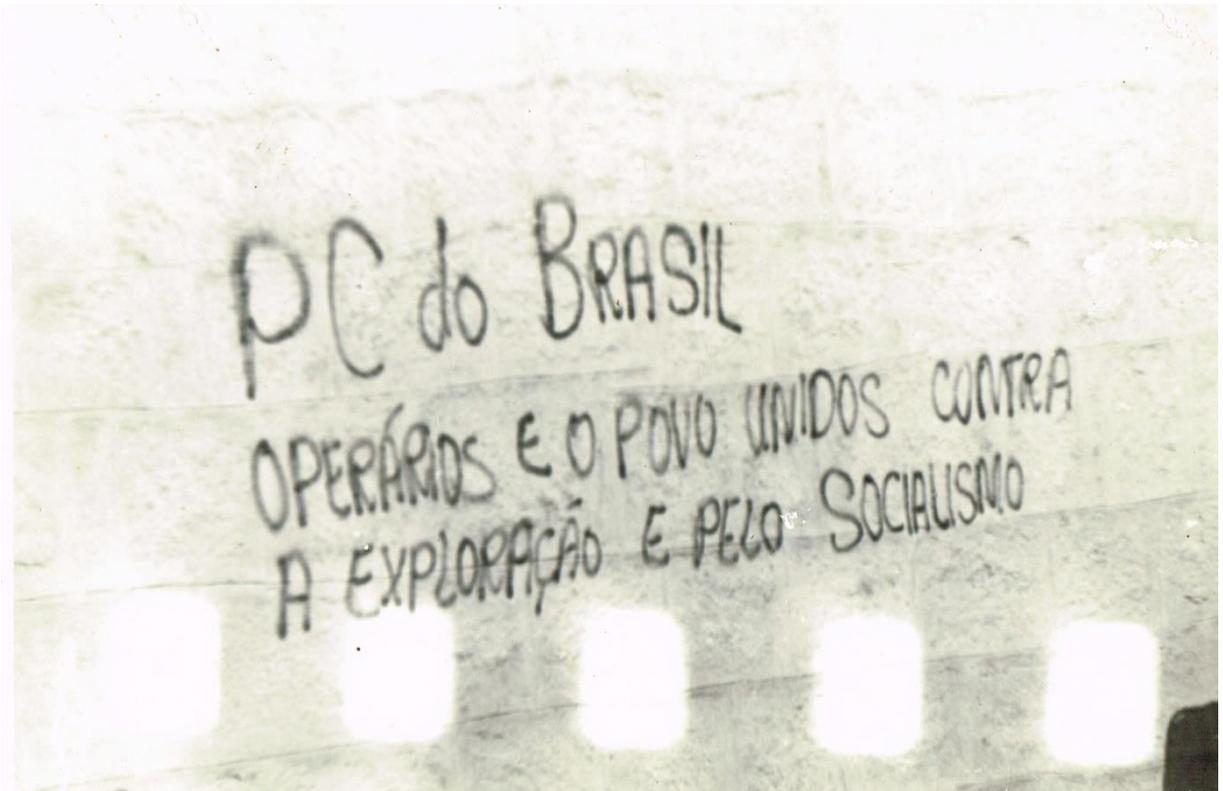
Em certo ponto a História Política também se propõe a ponderar sobre essa construção do passado no presente, a partir da forma em que os poderes e os movimentos sociais tratam sobre determinados objetos, memórias e documentos. Sobre eles, é possível visualizarmos duas frentes de análises da Ditadura Militar no Brasil que esse trabalho permite seguir:

- Discursos Institucionais: realizados pelas agências, delegacias e pelos militares de maneira geral no período de 1964-1985, a famosa “caça aos subversivos”, vigilância e demais operações de proteção e desenvolvimento da nação.
- Discursos Sociais: utilizados pelas vítimas, os antigos “subversivos” situados no presente e seus familiares, os movimentos voltados à anistia e aos direitos sociais em geral e os governos Federal/Estaduais na construção de uma identidade nacional/local e/ou também como forma de retratação de um “fardo” do passado.

Retomando para as fotografias: durante a identificação dos signos nas imagens pudemos dividi-las em quatro frentes de buscas da DOPS/ES contidas na totalidade do acervo. Essas buscas foram os focos de direção do olhar do fotógrafo. Antes de

partirmos diretamente para os dossiês do Movimento Estudantil, buscaremos outros exemplos ao longo do Fundo para ilustrar o que seria essa divisão (lembrando que tratamos aqui sobre os discursos institucionais):

- Imagens e Textos: Fotografias de faixas, placas, pichações e cartazes com imagens não necessariamente de eventos, como (Figura 1).



**Figura 1 - Dossiê 06 - Pichações relacionadas ao Partido Comunista do Brasil – Pcdob. Centro de Vitória. Sem data.**

- Posições Sociais: Fotografias de pessoas específicas em determinadas funções ou em relação à totalidade do evento (Figura 2).



**Figura 2 - Dossiê03 - Celebração Nossa Senhora Aparecida - Retiro Anual do Clero. Sem local informado. 1976. Destaque para as setas de caneta.**

- Estrutura: Fotografias espaciais identificando os limites geográficos dos eventos, quantidade de pessoas, tamanho do evento e retratação dos acontecimentos ocorridos de maneira geral (Figura 3).



A foto mostra, em destaque, o Clube Brasil de Cariacica/E.S., quando da realização da Convenção Municipal do Movimento Democrático Brasileiro (M.D.B.) de Cariacica, fato êste ocorrido as 09,00 horas do dia 26 de Agôsto de 1979.

**Figura 3 - Dossiê 21 - Convenção Municipal do Movimento Democrático Brasileiro – MDB.**

- Hábitos: Fotografias de momentos de dança, música ou relacionadas a hábitos alimentares durante eventos. Momentos culturais, lúdicos e artísticos de maneira geral (Figura 4).



Figura 4 - Dossiê 26 - Fotografias relacionadas a movimentos sociais. Sem local. Sem data. Destaque para o carimbo do SPI.

Já falamos sobre a observação das funções sógnicas nas imagem da DOPS/ES, percebemos a fotografia como uma escolha efetuada em um conjunto de então possíveis escolhas. Quanto à terceira relação, proposta por Ana Maria Maud, a respeito da consideração dos elementos da fotografia com o contexto, remetendo-se a questões técnicas da materialização do documento, exploraremos agora:

Até o momento não foram encontradas informações que possibilitassem identificar os agentes que atuavam como fotógrafos, se eram profissionais com algum tipo de formação ou cargo específico para este fim, ou se eram policiais comuns que também atuavam fotografando os diversos eventos de interesse da DOPS/ES, bem como os tipos de equipamentos utilizados. Dentro do acervo em que estamos trabalhando, observam-se os seguintes tipos de situação:

- Fotografias Técnicas: Imagens que demonstram algum tipo de técnica fotográfica, em geral, posadas e que em sua maioria apreendidas pela Delegacia, como é o

caso da Figura 5 do Movimento Integralista, que não fazem parte do período de 1964-1985, mas são necessárias destacá-las.



**Figura 5 - Dossiê 12 - Grupo de treze mulheres e um homem posa uniformizadas com o Sigma Integralista em frente a um edifício. 1934 – 1937. Sem local definido.**

- Fotografias Diletantes: Este tipo de fotografia não pode ser considerado um registro amador, mas, também, não encontram-se em perfeitas condições técnicas com foco, luz, distancia, etc. São muitas vezes realizadas em movimento, não se sabe se isso se dá pela falta de experiência do fotógrafo, ou por ele se encontrar em um momento em que deveria ser rápido e cuidadoso, justamente pelo fato de agentes da DOPS não serem bem vindos em eventos dos militantes de oposição ao Regime Militar, a exemplo das Figura 6 e Figura 7.



Figura 6 - Dossiê 22 - Foto de costas de multidão. Um palanque com cinco pessoas, uma delas segura uma bicicleta. 03/10/1981. Praça Hélio Ferraz.



**Figura 7 - Dossiê 7 - Homem de camisa branca caminhando em meio à multidão.09/02/1975. Campo do Desportiva.**

Até este ponto da pesquisa, procuramos destacar a formação da estrutura informacional do Regime Militar, bem como a criação e operação da DOPS no Espírito Santo. Além disso, abordamos as prerrogativas do uso da imagem como fonte histórica e as perspectivas de estudos através dos signos e da representação de *cultura política* impressa e os tipos de frentes de atuação da DOPS/ES. No próximo capítulo, pretende-se explorar, através das análises dos Discursos Institucionais das fotografias da DOPS/ES, a identificação de possíveis signos deixados impressos para entendimento da Cultura Política do Movimento Estudantil dos considerados subversivos como do *modus operandi* dessa instituição de vigilância.

### 3 O OLHAR PARA O MOVIMENTO ESTUDANTIL CAPIXABA

Em cima do conteúdo documental que temos disponível para realizar um recorte sobre o movimento estudantil capixaba é possível identificar 68 fotografias com ligações diretas a estudantes distribuídas dentro dos seguintes dossiês:

**Tabela 2 – Dossiês contendo material sobre o movimento estudantil**

<b>Número</b>	<b>Título</b>	<b>Quantidade</b>
<b>01</b>	Ato Público pela Tomada da Casa do Estudante.	42
<b>06</b>	Pichações relacionadas ao Partido Comunista do Brasil - PCdoB	12
<b>08</b>	Fotografias Relacionadas ao Encontro Nacional Estudantil.	03
<b>10</b>	Fotografias Relacionadas a Cezar Ronald Pereira Gomes.	06
<b>19</b>	Sindicância sobre Pichamento de Imóveis e Automóveis.	10
<b>24</b>	Faculdades Particulares.	07
<b>Total</b>		<b>80</b>

Acredita-se que o movimento estudantil tenha sido o maior alvo de investigações por parte do Regime Militar no Espírito Santo. Somando a documentação textual e imagética formamos uma grande coleção hoje dividida em dois Fundos, o da DOPS/ES no Arquivo Público do Estado do Espírito Santo e da AESI/UFES no Arquivo Geral da Universidade Federal do Espírito Santo. Sobre as fotos acerca do movimento estudantil a pesquisa se concentra apenas no acervo do APEES, o Fundo da UFES também possui fotografias, mas esses registros apenas ilustram as visitas de autoridades e outros eventos oficiais da Reitoria da Universidade.

Nosso intuito nesta pesquisa não é contar toda a história do movimento estudantil capixaba na Ditadura Militar, até mesmo por limitação de nosso material, mas destacar pontos e eventos em que a DOPS/ES direcionou seu olhar através das fotografias. Começaremos pela conjunto de fotografias da União Estadual de

Estudantes (UEE), que mesmo com ausência de imagens, é importante entendermos como os próximos acontecimentos no movimento estudantil decorreriam.

Logo após o golpe militar de 1º de abril de 1964 diversas instituições estudantis começaram a se reorganizarem, a exemplo da União Nacional dos Estudantes (UNE). Dias após golpe, no Espírito Santo, a União Estadual dos Estudantes (UEE) teria sua sede invadida e seu presidente Jaime Lanna Marinho, estudante de Odontologia, preso. Sete Diretórios Acadêmicos se organizaram e convocaram eleições para a escolha de uma nova diretoria que passaria nos próximos três meses por uma eleição apertada entre duas chapas. Para diversos pesquisadores esta é considerada a primeira movimentação estudantil na Ditadura Militar no Espírito Santo. A UEE capixaba foi fundada em 1951 e teve seu funcionamento até 1968. A UEE foi colocada em ilegalidade e o Decreto 288, de 28 de fevereiro de 1967, transfere o seu vasto patrimônio para a UEE, como as salas localizadas no Edifício Sarkis, na rua Washington Luiz, e o terreno localizado no final da Rua de 7 Setembro, ambos no Centro de Vitória.

O fechamento da UEE possui um impacto político muito grande para o Movimento Estudantil capixaba, nesses 50 anos até o presente momento nenhum dos grupos estudantis organizados conseguiram convergir para a reabertura da instituição e recuperação de seu patrimônio. Após o fechamento da UEE os setores mais radicais do movimento estudantil encontram novo abrigo, como sugere o autor:

Até 1967, a esquerda não havia manifestado interesse pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE) [da UFES]. Seu trabalho estava centrado na UEE. Só com as dificuldades advindas da legislação pós-64, e depois de seu fechamento de 1967, é que os setores se voltaram para a sua conquista. Esse quadro dá um novo fôlego ao movimento estudantil, que passa a desenvolver uma série de mobilizações de massa, como as passeatas em protesto pelo [suposto] assassinato do estudante secundarista Edson Luiz, ocorrido no Restaurante Calabouço, e pela prisão dos delegados capixabas ao Congresso da UNE, em Ibiúna, sendo este último violentamente reprimido. (BELING NETO, Roberto, 1996:148).

A Universidade do Espírito Santo (UES) foi criada em 1954 pelo Governo do Estado, sendo constituída pelas faculdades de Direito, Ciências Econômicas, Belas Artes, Odontologia, Medicina, Educação Física, de Filosofia, Ciências e Letras (Fafi) e a Escola Politécnica. Através da Lei Federal nº 3.868, de 30 de janeiro de 1961, a UES foi federalizada e passou a se chamar Universidade Federal do Espírito Santo, como é até hoje. Até então o movimento estudantil na UES se organizava em torno dos Diretórios Acadêmicos de cada faculdade,

A formação do DCE/UFES data 1963. Reconhecido pela legislação universitária, possuía patrimônio próprio e chegava a receber verbas da própria Universidade. Porém, sem muita representatividade política, ficava relegado ao desenvolvimento de atividades recreativas e assistencialistas. Durante algum tempo, sua presidência foi exercida por estudantes ligados à direita conservadora, até passar, em 1967, ao controle dos estudantes mais alinhados à esquerda, que reivindicavam os direitos estudantis. Desativado o DCE da UFES em 1969, o Movimento Estudantil dentro da universidade enfraqueceu-se frente ao endurecimento do regime, provocado principalmente pela promulgação do AI-5. Este só viria a se recuperar efetivamente na segunda metade da década de 1970, com a reabertura dos Diretórios Acadêmicos e do DCE, este último em 1978.(ATHAYDES, 2015: 1.).

A partir de 1968 os setores do movimento estudantil autointitulados de esquerda passam a utilizar o DCE como instrumento para as mobilizações populares. O período de maior efervescência dos opositores nas ruas ao Regime Militar no Espírito Santo é justamente a partir deste período, com o movimento estudantil da UFES. Até então os grupos sindicais e os ligados a Igreja Católica que se posicionavam contrários ao regime se articulavam através de reuniões, panfletos, jornais, etc: um enfrentamento ideológico. O enfrentamento físico direto só vem a partir da (re)organização desse grupo político da UEE dentro da UFES.

### **3.1 O ANO DE 1968**

Até 01 de março de 1968 a UFES não possuía um Restaurante Universitário (RU), existiam apenas pequenos refeitórios em algumas faculdades que possuíam muita dificuldade de funcionamento, sendo até mesmo mantidos graças a auxílios dos

estudantes em suas estruturas. Com o novo RU também chegou um aumento de preço, o que resultou em uma greve. Os diversos impasses entre a Reitoria e os estudantes tiveram como consequência diversas mobilizações e piquetes. A figura que surgiria como liderança dessas movimentações seria o estudante de medicina Cesar Ronald, que ainda em 1968 se tornaria presidente do DCE e preso em outubro junto a 700 lideranças estudantis no XXX Congresso “clandestino” da UNE em Ibiúna/SP.



Figura 8 - Dossiê 10 – Fotografia de registro de prisão de César Ronald. 1968. Sem local.

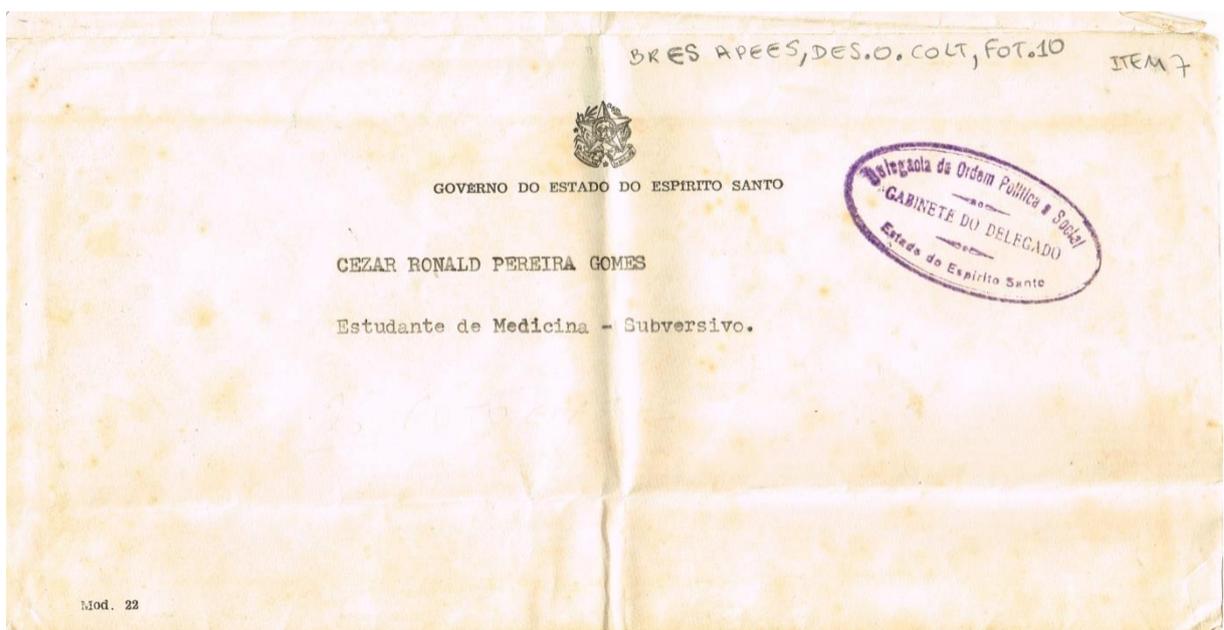


Figura 9 - Dossiê 10 – Envelope contendo fotografia de registro de prisão de César Ronald. 1968. Sem local.

O dossiê intitulado “Fotografias relacionadas a Cézar Ronald Pereira Gomes” é composto por 6 reproduções dessa mesma fotografia (Figura 8) em duas posições, de frente e de perfil, realizadas em sua prisão. Não é possível saber se essas fotografias foram tiradas no DOPS/SP ainda em 1968 e de alguma forma foram enviadas à DOPS/ES ou se é pertencente aos Inquéritos Policiais Militares (IPMs) que foram instalados nos respectivos estados dos estudantes presos. O que se pode observar é que o envelope onde foram acondicionadas (Figura 9) se trata de um envelope timbrado do Governo do Estado do Espírito Santo, o carimbo do delegado da DOPS e a inscrição “subversivo” após o nome pessoal. Só por esse material já percebemos que de fato houve identificação daqueles considerados perigosos para o regime militar, o que podemos chamar aqui até mesmo de perseguição.

12 de Outubro de 1968, este foi o dia em que ocorreram as prisões conforme noticiado na Folha de São Paulo no dia 13 de Outubro de 1968:

Cerca de mil estudantes que participavam do XXX Congresso da UNE, iniciado clandestinamente num sítio, em Ibiuna, no Sul do Estado, foram presos ontem de manhã por soldados da Força Pública e policiais do DOPS. Estes chegaram sem serem pressentidos e não encontraram resistência. Toda a liderança do movimento universitário foi presa: José Dirceu, presidente da UEE, Luís Travassos, presidente da UNE, Vladimir Palmeira, presidente da União Metropolitana de Estudantes, e Antonio Guilherme Ribeiro Ribas, presidente da União Paulista de Estudantes Secundários, entre outros. Eles foram levados diretamente ao DOPS. Os demais estão recolhidos ao presídio Tiradentes. Desde segunda-feira os habitantes de Ibiuna notaram a presença de jovens desconhecidos, que iam à cidade comprar pão, carne, escovas e pasta de dentes, despertando suspeitas ao adquirir mais de NCr\$ 200 de pão de uma só vez. Essas informações foram transmitidas ao DOPS e à Força Pública, que desde quinta-feira já conheciam segundo afirmaram —o local exato do Congresso. A denúncia de um caboclo, que fora barrado ao tentar chegar até o sítio Muduru, onde estavam os estudantes, fortaleceu a convicção da Polícia de que o congresso seria realizado ali. Depois de avançar alguns quilômetros de carro e outro trecho a pé, por causa da lama da estrada, 215 policiais chegaram ao local às 7h15 de ontem, organizaram o cerco aos estudantes e dispararam algumas rajadas de metralhadora para o ar, para intimidá-los. Sem resistir, os congressistas foram colocados em fila e levados aos ônibus requisitados para transportá-los para a capital. O governador Abreu Sodré, ao ser homenageado por trabalhadores do DAE, no Horto Florestal, referiu-se ao episódio e reafirmou sua disposição de “manter a paz e a tranquilidade para a população que deseja trabalhar”. E acrescentou, referindo-se à prisão dos participantes do congresso da UNE: “Agi com energia

para reprimir a agitação e a subversão quando determinei, após horas de angústia e apreensão, a prisão de estudantes subversivos que participavam do congresso da UNE. (FOLHA DE S. PAULO: 1968.)

O próximo registro que existe sobre o movimento estudantil na DOPS/ES é um dossiê intitulado “Sindicância sobre Pichamento de Imóveis e Automóveis” datado de 15 de Outubro de 1968 (Figura 10), (Figura 11),(Figura 12) e (Figura 13), três dias após as prisões dos 700 estudantes em São Paulo.



**Figura 10 - Dossiê 19 – Fusca estacionando com um cartaz preso no para-brisa “Repressão da Ditadura dissolve Congresso da UNE”. Pessoas paradas na calçada próximo ao carro e outras caminhando. 18 de Outubro de 1968. Sem local.**



Figura 11 - Dossiê 19 – Ônibus da Viação Imperial pichado com as seguintes: “UNE”, “Cães racistas”, “Liberdade para os presos”, “Abaixo a ditadura” e “Nós somos a UNE”. 18 de Outubro de 1968. Sem local.



Figura 12 - Dossiê 19 – Prédio com a inscrição “Correios e Telégrafos” e em uma das colunas a pichação “Abaixo a repressão”. 18 de Outubro de 1968. Centro de Vitória.



**Figura 13 - Dossiê 19 – Restaurante Universitário com um fusca estacionado na frente com diversas pichações na parede “UNE” e “Abaixo a ditadura”. 18 de Outubro de 1968. Centro de Vitória.**

Podemos ver que novamente o Restaurante Universitário da UFES se torna palco de manifestações do movimento estudantil. A DOPS/ES se preocupa em mostrar uma sequência de fotografias que ilustram o crime de depredação a bens públicos e privados e principalmente com destaque ao conteúdo das grafias. Os dois eventos estão claramente ligados: a prisão dos estudantes em São Paulo e a onda de protestos e pichações pela cidade de Vitória com dizeres citando a UNE e os militares. No dia 18 de outubro a DOPS/ES também registrou uma paralização dos estudantes de engenharia da UFES.

Em dezembro de 1968 o regime militar decreta do Ato Institucional Nº 5<sup>18</sup> e três meses depois , em março de 1969, o DCE da UFES é fechado. A partir desse ponto

<sup>18</sup>O Ato Institucional Nº 5, ou AI-5 (13 de Dezembro de 1968 - 13 de outubro de 1978) foi o quinto de uma série emitidos pelo regime militar. Conforme o artigo 4º, o Presidente da República, ouvido o Conselho de Segurança Nacional, e "sem as limitações previstas na Constituição", podia suspender os direitos políticos de qualquer cidadão por 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais. Pelo artigo 5º, a suspensão dos direitos políticos significava: I - Cessação de privilégio de foro por prerrogativa de função; II - Suspensão do direito de votar e ser votado nas eleições sindicais;

não existe até então mais nenhum registro imagético (fotografias ou recortes de imagens de jornais) no acervo da DOPS/ES em relação ao movimento estudantil até o começo dos anos 80. Os anos do decreto do AI-5 (1968-1978) são considerados os mais sombrios da história do Brasil, no Espírito Santo também não foram diferentes conforme o registro da Comissão da Verdade da UFES:

O ponto alto da repressão imposta pela ditadura nos campi da Ufes foram prisões e torturas de professores e estudantes relacionados ao PCdoB, ocorridas a partir de dezembro de 1972. É importante ressaltar que os documentos pesquisados pela CVUfes e o depoimento de ex-estudantes nesta Comissão indicam a presença, entre os torturadores, de militares integrantes do DOI-CODI/RJ (...). O IPM aberto por ocasião das prisões arrolou 18 pessoas ligadas à Ufes como envolvidas, sendo um professor (Vitor Buaiz, do curso de Medicina) e 17 estudantes: Marcelo Amorim Neto (Medicina); Gustavo Ferreira do Vale Neto (Medicina); Sebastião Lima Nascimento (Medicina); Elizabeth Santos Madeira (Medicina); Maria Magdalena Frechiani (Medicina); Luzimar Nogueira Dias (Medicina); Guilherme Lara Leite (Medicina); Marcus Lira Brandão (Medicina); Luiz Carlos Garcia Genelhu (Medicina); Iran Caetano (Medicina); Adriano Sisternas (Engenharia); Mirian Azevedo de Almeida Leitão (História); Ângela Milanez Caetano (CEG); Maria GilmaErlacher (Direito); Maria Auxiliadora Ferreira Gama; Jorge Luiz de Souza (Economia); e José William Sarandy (Direito). (COMISSÃO DA VERDADE DA UFES, 2016: 91)

Desses diversos atos de ilegalidade e atentado aos direitos humanos a estudantes cometidos no Espírito Santo, atestado em relatos orais, não possuímos registros fotográficos junto a DOPS/ES e a AESI/UFES.

Abrindo um parêntese: às vezes ao falar sobre fotografias da Ditadura o imaginário público nos remete diretamente a imagens sangrentas, de torturas e mortes. Ao exemplo da clássica fotografia do suicídio do jornalista Vladimir Herzog (Figura 14), de 1975, onde o próprio DOI/CODI/II de São Paulo onde o jornalista estava preso divulgou uma imagem de seu suicídio, mas que através de diversos laudos técnicos posteriores indicou-se que seria impossível devido a altura da amarra da corda; o fato dos pés tocarem o chão; e seu joelhos estarem flexionados.

---

III - Proibição de atividades ou manifestação sobre assuntos de natureza política; IV - Aplicação, pelo Ministério da Justiça, independentemente de apreciação pelo Poder Judiciário, das seguintes medidas: a) Liberdade vigiada; b) Proibição de frequentar determinados lugares; c) Domicílio determinado.



**Figura 14 - Vladimir Herzog suicídio. 28 de Outubro de 1975. DOI-CODI de São Paulo.**

Apesar da fotografia de Vladimir Herzog ser considerada “encenada e mentirosa”, a imagem não perde seu contexto indiciário, de fato houve a morte, isso não é questionado. Sua verdade está que de fato o regime militar matou muitos em seus “porões” travestidos de cenas de suicídio.

Na ditadura militar brasileira, salvo alguns casos, é incomum existirem fotografias mais chocantes em acervos e arquivos, após a promulgação da Lei de Acesso a Informação Pública é possível reforçar duas ideias que responderiam o porquê dessa ausência: 1) Os militares de fato não produziam provas contrárias a si próprias, produziam conteúdos a seu favor mesmo cometendo falhas (visto caso do Vladimir Herzog). 2) Com o fim da ditadura e a vinda da Constituição de 1988 muita documentação foi destruída dentro das agências de informação do regime militar e dos batalhões. Desses diversos atos de ilegalidade e atentado aos direitos humanos

a estudantes cometidos no Espírito Santo, atestado em relatos orais, não possuímos registros fotográficos junto a DOPS/ES e a AESI/UFES.

### **3.2 AS PICHAÇÕES**

Além do dossiê “Sindicância sobre Pichamento de Imóveis e Automóveis” O Fundo DOPS/ES possui outro dossiê com 12 fotografias intitulado “Fotografias relacionadas ao Partido Comunista do Brasil – Pcdob”, apesar de suas imagens não estarem ligadas diretamente ao movimento estudantil ainda sim possuem certo valor por estarem vinculadas ideologicamente.

As principais correntes políticas que atuaram no ME do Espírito Santo na década de 1960 foram, inicialmente, o Partido Comunista Brasileiro (PCB), o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e a Ação Popular (AP). Posteriormente, a partir de 1967 com as cisões que atingiram os dois primeiros partidos, em função principalmente da questão da luta armada, a maior parte dos seus militantes passaram a integrar, respectivamente, o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR) e a Ala Vermelha do PC do B. (CAETANO, 2014:135).

A aproximação do PC do B com o movimento estudantil ocorrem até os dias atuais como, por exemplo, a filiação de diversos dirigentes da UNE ao partido. Em 1968, estudantes capixabas como Iran Caetano, da Faculdade de Medicina, que foram presos em Ibiúna, eram diretamente ligados ao partido.

Não nos cabe aqui aprofundar sobre as aproximações ideológicas do movimento estudantil com grupos políticos, que rende até mesmo grandes debates entre os especialistas no assunto, mas podemos afirmar que a DOPS/ES registrou em diversos pontos, não só da capital, pichações relacionadas ao partido (Figura 15) e (Figura 16).



Figura 15 -Dossiê 06 – Pichação “PC do Brasil” em placa “Seja bem vindo a fazenda São Manoel – propriedade de Manoel Caetano Gonçalves – a 2kms”. Sem data. Espírito Santo.

Não existem informações sobre onde seria essa Fazenda São Manoel, informações do proprietário e/ou se possui alguma relação direta com o PC do B ou apenas um acaso. Mas é claramente possível ver que se trata de uma placa afixada em uma região com mato, o que indica que não seria em contexto urbano. Diferente é na Figura 15, que já se percebe um contexto mais urbano, provavelmente residencial. As fotos do dossiê sobre as pichações do PC do B não possuem data e nem informações escritas mais precisas que nos auxiliem a melhor situar as imagens, muita vezes também eram realizadas durante os atos estudantis.



**Figura 16 - Dossiê 06 – Pichação “PC do Brasil – 60 anos – Reforma agrária radical!” em muro com grades. Sem data. Espírito Santo.**

A pichação/graffiti encontra-se atualmente entre duas visões: uma denomina como um ato de vandalismo ou um atentado ao património, e a outra, que o defendem como uma expressão de arte alternativa, como uma contracultura, onde se manifesta a criatividade, estimulada por vezes, pela crítica à realidade social ou, simplesmente, pela vontade de "dar mais vida" aos espaços urbanos.

Para diferenciar essas visões podemos usar o conceito básico desenvolvido por Célia Maria Antonacci Ramos doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP e professora de Artes Plásticas da Universidade do Estado de Santa Catarina – UESC “Grafite não é pichação. O grafite é, em geral, um artista plástico que assina a obra da mesma forma como põe seu nome em uma tela. (...) Já o pichador costuma ser alguém sem conhecimento de artes plásticas, que usa os muros da cidade para queixar-se de dificuldades, mandar recados ou, simplesmente, escrever seu nome.” (1994). Também se entende como graffiti a arte feita em espaços autorizados e a pichação é a arte feita em locais irregulares.

As inscrições em grafite são conhecidas desde o Império Romano quando os antigos romanos utilizavam carvão para escrever palavras de protesto nas paredes. Com o passar do tempo o homem passou a utilizar destas “pinturas” para defender suas ideias; fazer propaganda; fazer arte; e até mesmo ofender seus inimigos. Grafite (ou grafito) é uma palavra de origem italiana cujo singular “graffito” (plural “graffite”) significa “escrita feita com carvão”. O graffiti contemporâneo, próximo de como conhecemos hoje, surgiu em meados do século XX, quando jovens utilizam os muros de Paris para um movimento contra-cultural de caráter poético-político.

Em Nova York na década de 60, após o moralismo rígido e a imposição do “sonho americano” construído na década de 50 jovens do Bronx, periferia da cidade, ocupam a cidade com suas marcas desenhando imagens de protesto contra a ordem social dando início a um grande movimento de arte urbana. Logo esta forma de expressão tomou conta de todo o mundo, jovens de todas as partes principalmente oriundos da pobreza e das margens das grandes metrópoles buscaram nesta arte a forma de manifestar e serem vistos. Juntamente com outros movimentos, como o Hip-Hop e o Rap a “expressão urbana” começa a crescer e ganhar força. O grafite foi introduzido no Brasil entre as décadas de 1960 e 1970, em São Paulo. Os brasileiros não se contentaram com o grafite norte-americano, então começaram a incrementar a arte com um toque nacionalista.

As pichações por si só já comprovam a resistência, principalmente dos jovens e do movimento estudantil a Ditadura Militar. As pichações em sua maioria são realizadas com tintas em spray, pois além de ser uma tinta de fácil aderência sobre o concreto necessitava-se que os desenhos ou palavras de ordem fossem feitos com certa agilidade visando um rápido escape da cena do “crime”. Atualmente, as imagens de pichações podem ser interpretadas como simples vandalismo. Mas dentro do contexto histórico da ditadura militar, as pichações assumem um caráter estritamente político. As pichações refletem a dimensão visual da *cultura política*, ou seja, manifestam uma posição (FAGUNDES, 2014: 276).



**Figura 17 - Jovem picha fachada do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em protesto, durante a Passeata dos Cem Mil. 29 de Junho de 1968. (Foto: Kaoru / CPDocJB)**

Quanto aos vocabulários, vemos a Figura 17, que ficou imortalizada como uma das principais memórias da resistência a Ditadura Militar. O termo “Abaixo a Ditadura”, que se tornou praticamente a principal palavra de ordem do movimento estudantil e dos pichadores em Vitória, vimos nas Figura 11, Figura 12 e Figura 13 a reprodução do mesmo termo.

Podemos avaliar que os grafites ou as pichações quando considerados elementos da cultura política se tornam arquivos, esses, dinâmicos, que fazem parte da paisagem urbana e interagem com a cidade. O pressuposto da organicidade existente na arquivologia, de um documento ser um produto natural dentro de um contexto cabe a esse tipo de intervenção imortalizada pela fotografia.

### 3.3 AS GREVES NACIONAIS

Estamos no ano de 1979, em um momento de início do desmonte do aparato repressivo da Ditadura Militar, que é marcado pelo início das grandes greves no Brasil, sendo uma das mais marcantes a dos metalúrgicos na grande região do ABC em São Paulo. No Espírito Santo, neste período também tivemos mobilizações dos sindicatos dos médicos, dos professores e também do movimento estudantil.

A Figura 18 é o nosso primeiro registro fotográfico sobre o movimento estudantil no Espírito Santo após o AI-5; da Faculdade de Farmácia e Bioquímica do Espírito Santo (FAFABES), que não havia sido incorporada a UES/UFES em 1961.

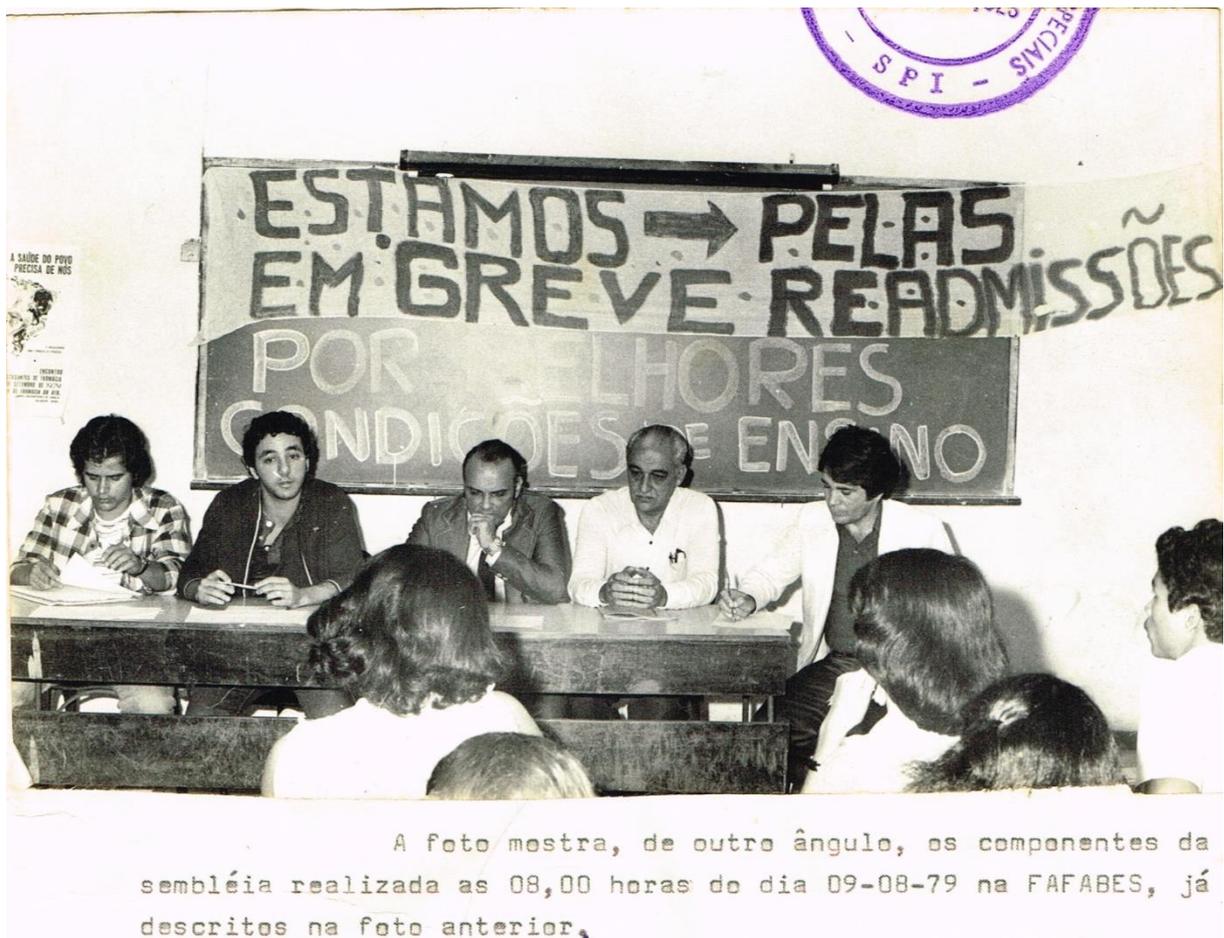


Figura 18 - Dossiê 24 – Público e cinco pessoas compondo uma mesa à frente, todas as cinco identificadas com números. Ao fundo as faixas “Estamos em Greve – Pelas readmissões” e “Por melhores condições de ensino”. 09/08/1979. Santa Casa de Misericórdia.

Na Figura 19, a DOPS/ES insere a identificação das pessoas que compõe a mesa. Observa-se curiosamente Nelson Aguiar, no período, Deputado Estadual pelo MDB; Stélio Dias, Secretário de Estado de Educação, indicado pelo então Governador Eurico Vieira, da ARENA; O Diretor da FAFABES, Wenceslau Lami; e a liderança estudantil, que teve seu nome incluído a caneta posteriormente identificado pelos agentes da DOPS/ES, Jorge Luiz. A DOPS/ES também usa o termo “elemento”, utilizado com certa carga subjetiva para aqueles considerados subversivos, na indicação ao jovem que estava sentado também a mesa.



A foto mostra o flagrante fotografico colhido no interior da Faculdade de Farmacia e Bioquímica do Esp. Santo (FAFABES), quando da realização de uma Assembléia, fato êste verificado as 08,00 horas do dia 09-08-79.

Em destaque, indicados numericamente, encontramos os componentes da mēsa de referida Assembléia, tais como:

- 1)- Deputado Estadual do M.D.B. NELSON AGUIAR;
- 2)- Diretor da Faculdade de Farmacia e Bioquímica do Esp. Santo, WENCESLAU LAMI;
- 3)- Secretario de Estado da Educação, Dr. STÉLIO DIAS;
- 4)- Presidente do Directorio Acadêmico "Castão Reubach", daquela culdade, - *Jorge Luiz Teodoro.*
- 5)- Elemento até então não identificado ✓

**Figura 19 - Dossiê24 – Mesa composta por cinco pessoas. Ao fundo as faixas “Estamos em Greve – Pelas readmissões” e “Por melhores condições de ensino”. 09/08/1979. Santa Casa de Misericórdia.**

A greve dos professores da FAFABES é protagonista no Espírito Santo, antecipa inclusive a greve da UFES que seria iniciada apenas no seguinte, em 1980. Na FAFABES a greve foi articulada pelos professores e contou com a adesão e apoio dos estudantes da faculdade. Os únicos registros fotográficos que possuímos no Fundo da DOPS/ES são acerca dessa assembleia (que não está explícito se é de professores, estudantes ou de toda faculdade) realizada no dia 09 de agosto de 1979 e possuía como pauta geral as “melhores condições de ensino”. Essa assembleia contou com representantes das categorias dos estudantes, dos professores e autoridades públicas. Pela Figura 20 é possível observar a quantidade de presentes.



A foto mostra de outro ângulo, visão parcial de pessoas participantes da Assembléia na Faculdade da Farmácia e Química do Esp. Santo (FAFABES), fato ocorrido as 08,00 horas do dia 09-08-79.

**Figura 20 - Dossiê 24 – Foto lateral de pessoas sentadas em carteiras olhando para frente. Ao fundo cartaz colado na parede “3º ENEF” [Encontro Nacional de Estudantes de Farmácia]. 09/08/1979. Santa Casa de Misericórdia.**

Em 1979 ocorreria uma tentativa de unificação da FAFABES com a UFES, mas sem grande sucesso. O Curso de Farmácia do Estado do Espírito Santo, criado em 15 de julho de 1969, pela Lei 2.422, foi mantido pelo Governo do Estado do Espírito Santo, até 15 de setembro de 1998, quando foi autorizada sua transferência para a UFES através da Lei Estadual nº 5.729. A Lei Estadual Complementar nº 149, de 25 de maio de 1999, desativou definitivamente a FAFABES e transferiu o Curso de Farmácia para a UFES, transferindo também seus bens e direitos e cedendo seus servidores docentes e técnicos administrativos para continuarem exercendo suas funções relacionadas a esse curso na UFES.

De acordo com o Relatório Final da Comissão da Verdade da UFES a Universidade Federal entra em uma greve nacional de professores e estudantes em 1980, decorrente de uma articulação da União Nacional dos Estudantes (UNE):

A greve dos estudantes foi decretada na assembleia realizada no dia 3 de setembro de 1980 e durou 20 dias, sendo encerrada apenas numa assembleia realizada no dia 22. Isso porque parte das lideranças estudantis da Ufes defendeu a manutenção da greve mesmo com o encerramento do movimento nacional coordenado pela UNE, o que provocou uma acirrada disputa entre as correntes que atuavam no ME na época, episódio sobre o qual também fazemos menção neste relatório. Os docentes haviam decidido fazer mais uma paralisação parcial, que durou entre os dias 8 e 15 de setembro 346. Semanas depois, no dia 24 de novembro de 1980, os professores da Ufes aderiram à primeira greve nacional por tempo indeterminado promovida por docentes das universidades federais durante a ditadura militar 347. O movimento se prolongaria até o dia 12 de dezembro do mesmo ano 348. A partir daí, a discussão entre os estudantes passou a ser sobre o calendário de reposição de aulas e aplicação de provas. (COMISSÃO DA VERDADE DA UFES, 2016:148).

Mesmo sendo uma greve de curta duração essa mesma efervescência do movimento estudantil segue até o início do ano de 1981, culminando em um ato cultural (Figura 21) e (Figura 22) promovido pelo DCE da UFES na Praça Costa Pereira que foi registrado em 42 imagens pela DOPS.

No início do ano de 1981, também houve grande repercussão – apesar de ter ocorrido num período de férias – da violenta repressão por parte da tropa de choque da PM de um ato cultural promovido pelo DCE em 6 de janeiro, em defesa da retomada do patrimônio da Casa do Estudante Capixaba (CEC). O ato cultural acontecia na praça Costa Pereira e, de acordo com os jornais da época, transcorria de forma pacífica e com a participação de cerca de 800 pessoas, até o momento em que 50 policiais militares chegaram armados com cassetetes, escopetas, metralhadores e bombas de gás lacrimogênio, para acabar com a manifestação, transformando o local numa verdadeira praça de guerra. (COMISSÃO DA VERDADE DA UFES, 2016:149.)



**Figura 21 – Dossiê 01 – Fotografia de duas faixas penduradas: “Pela retomada da Casa do Estudante – DCE” e “DCE preparou para você a Festa do Desabafo!!! Dia 6 – 21h – Ginásio da UFES – Chega de provas e de sufoco”. 06/01/1981.**

As imagens do dossiê “Ato Público pela tomada da Casa do Estudante” são o material fotográfico mais recente que nós temos. Datado de 1981, não temos mais nenhuma fotografia no Fundo da DOPS do Espírito Santo posterior. Com o total de 42 fotografias, a polícia política se ocupou em registrar apenas os momentos pacíficos do ato estudantil, os momentos de “praça de guerra” narrados pela Comissão da Verdade da UFES não possuem registros em imagens, o que de certa forma comprava que a DOPS não produziria provas contra o regime militar, que nesse momento já estava em deterioração.



**Figura 22 - Dossiê 01 – Público do ato em forma circular, com espaço vazio ao centro. Algumas pessoas estão sentadas e outra parte de pé. 06/01/1981. Praça Costa Pereira.**

A Figura 22, logo acima, é importante para a alegação contrária aos estudantes presentes, pois junto a ela o dossiê possui a inscrição que durante esse registro se cantava o hino nacional. A DOPS/ES em seus registros fotográficos buscavam encontrar aquilo que pudessem subverter a ordem e o respeito, neste caso aos símbolos nacionais, que foram supervalorizados durante todo o regime militar. A Lei Nº 5.700 de 1º de setembro de 1971, instituída por Emílio Médice, define os símbolos nacionais oficiais e suas regras como conhecemos, como: Bandeira; Hino Nacional; Armas Nacionais; Selo Nacional; e as cores oficiais do Brasil.

O período conhecido como Ditadura Militar acabaria 4 anos mais tarde, em 1985, nos anos prévios ao fim do ditos “anos chumbo” já havia maior liberdade de expressão, menos censura e violência e também abrandamento das leis de liberdade de expressão. A DOPS/ES se justificou de certa forma pela falta de referência dos estudantes no Ato Cultural pela Casa do Estudante ao Hino Nacional. Por parte dos estudantes a autora abaixo exemplifica uma hipótese da falta de reverência aos símbolos nacionais, notada até os dias atuais:

Datas comemorativas, como 22 de abril, 7 de setembro e 15 de novembro, para o brasileiro, são apenas simples feriados. Existem vários motivos para esclarecer esse fenômeno. Uma delas é a relação entre os Símbolos Nacionais e a época da ditadura militar, aspecto que provavelmente tenha motivado os brasileiros a desenvolver um desinteresse pelos símbolos da Nação. Decerto, o brasileiro não se sente parte da história do Brasil. (RAAB, sem data: 02.).

Com o fim o regime militar se aproximando, os órgãos de informação e segurança se apoiavam sobre o que consideravam pequenos delitos, a vigilância ostensiva já não funcionava tão bem. O fim da Ditadura Militar não foi uma ruptura do dia para a noite, a própria documentação nos ajuda a afirmar isso. Foi um processo de transição. Apesar do general Figueiredo não ter passado a faixa presidencial para José Sarney como símbolo de uma transição pacífica, sua posse foi arranjada e negociada entre os militares e o poder legislativo após a morte de Tancredo Neves.

O DCE da UFES é reaberto em 1978 e se torna protagonista nas mobilizações estudantis desde então. Em 1982 acontece uma nova mobilização de greve de professores, servidores técnicos administrativos e estudantes devido à escassez de recursos financeiros para a UFES (Figura 23). A Comissão da Verdade da UFES conseguiu encontrar o registro de três fotografias realizadas pela Administração da UFES



**Figura 23 - Dossiê 207 de 1982 da Comissão da Verdade da UFES.**

A última mobilização relevante do movimento estudantil no Espírito Santo durante a ditadura, segundo o acervo pesquisado, é em 1983, onde o DCE encampa a pauta para eleições diretas para Reitor da UFES, mas sem sucesso, pois até hoje ocorre por indicações em uma lista tríplice por parte do Conselho Universitário à Presidência da República. Nesta ocasião, de acordo com um relatório da DOPS/ES cerca de 500 estudantes participaram de um “comício” realizado em frente ao Restaurante Universitário com a presença da professora da Universidade de São Paulo (USP) Marilena Chauí (Figura 24).



**Figura 24 - Estudantes se reúnem no campus de Goiabeiras para ouvir palestra da professora Marilena Chauí. 19 de maio de 1983. Restaurante Universitário da UFES – Goiabeiras. Fonte Comissão da Verdade da UFES.**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal resultado de nossa pesquisa é poder comprovar que de fato houve vigilância por parte da Delegacia de Ordem Política e Social do Espírito Santo (DOPS/ES) a diversos movimentos contrários ao regime militar, que durou de 1964 a 1985, e que um desses recursos era a fotografia. Que desses movimentos é possível identificar o foco em quatro grandes grupos políticos: clero; partidos políticos; sindicatos; e o mais atingido, o movimento estudantil.

A partir das fotografias pertencentes ao Fundo da DOPS/ES identificou-se que o período do Ato Institucional Nº5, de 1968 a 1978, onde há relatos de prisões e torturas contra estudantes não existem documentos fotográficos de nenhuma natureza relacionados ao movimento estudantil. Não podemos afirmar se foram produzidas fotografias ou não e se estas teriam sido destruídas com o fim da ditadura militar.

Importante destaque à fotografia como uma fonte história é o perpassar ao seu fotógrafo, ao profissional ou artista que possui seu olhar direcionado a algo, sua câmera, competência, controle e os ângulos ali projetados. Aquele olhar vem carregado de ideologia e vontades. Levamos em conta também que o controle dos meios técnicos de produção cultural [maquinas, suportes, acesso aos locais, transporte] envolve tanto aquele que detém o meio quanto ao grupo ao qual serve, caso seja um fotógrafo profissional (CIAVATTA, 2004:23), algo além daquele puro instante ou operação policial. Infelizmente não foi possível identificar os agentes que atuaram como fotógrafos da DOPS/ES, mas sabemos que eram agentes que eram pagos e de certa forma estavam ocupados em projetar uma imagem de subversivos a política imposta pelo governo brasileiro naquele momento.

Atestou-se que o Restaurante Universitário da UFES esteve enquanto pauta e palco para muitas das mobilizações de estudantes. Este tipo comportamento ocorre até os dias atuais por parte do movimento estudantil, sendo o RU um tema agregador de

mobilizações e muitas vezes uma espécie de ponto de reunião, como as assembleias estudantis que acontecem até hoje neste local.

A documentação da DOPS/ES é muito rica, em especial a fotográfica, e apesar desse trabalho apenas abordar o contexto do movimento estudantil, ela permite seguir novas abordagens. Além de nos ajudar a entender questões sobre a Ditadura Militar também possibilita compreender o perfil da sociedade capixaba, como nos casos dos Sindicatos dos Médicos (Figura 25) e o Sindicato dos Professores (Figura 26).

**Figura 25 - Dossiê 28 - Assembleia Geral dos Médicos do Espírito Santo. 03/09/1979. Colégio do Carmo.**





**Figura 26 - Dossiê 25 - Assembleia Geral dos Professores do Espírito Santo, cartazes afixados no mezanino com os dizeres “Professor unido jamais será vencido” e “Não queremos esmola, queremos aumento”. Sem data. Vitória.**

Através das imagens da DOPS/ES é facilmente possível de afirmar que durante a segunda metade do Século XX no Espírito Santo a classe médica era composta majoritariamente por homens e a de professores quase que exclusivamente por mulheres. O acervo possui múltiplas facetas que permite ao pesquisador explorar além do movimento estudantil e do espectro da ditadura militar, pensando na viabilização de pesquisas futuras e até mesmo para o auxílio ao usuário de maneira geral, este trabalho oferece um instrumento de consulta às fotografias da DOPS/ES.

A Descrição Arquivística é uma ferramenta da arquivologia que propõe a construção de instrumentos de pesquisa, consiste justamente no conjunto de procedimentos que leva em conta os elementos formais e técnicos e as questões de conteúdo dos documentos. Em 2006, foi desenvolvida no Brasil a NOBRADE – Norma Brasileira de Descrição Arquivística, que estabelece diretrizes para a Descrição Arquivística no Brasil, compatíveis com as normas internacionais em vigor ISAD(G) e ISAAR(CPF), que visa facilitar o acesso e o intercâmbio de informações em âmbito nacional e internacional. Com o auxílio destas normas, desenvolvemos uma tabela descritiva

das 480 fotografias da DOPS/ES divididas nos 28 dossiês que apresentamos na introdução. A tabela pode ser conferida no apêndice, após as referências bibliográficas. Como sugere o auto abaixo, nosso objetivo aqui é tornar aquelas imagens que serviram como aparelho para a manutenção do regime militar como símbolos de memória e resistência desses 30 anos que assombraram nosso país:

Depois de décadas depositadas no acervo [da DOPS/ES, grifo nosso], as imagens fotográficas captadas pelas lentes de algum agente da repressão política foram recuperadas. Essas fotos, que originalmente serviram para fins autoritários, na atualidade – a partir das pesquisas nos arquivos da repressão política – tornam-se fontes significativamente singulares para conhecer as mais variadas formas de resistência. (FAGUNDES: 2014, 278).

Os arquivos e os documentos, incluindo as fotografias, exercem hoje o papel de *lugares de memória*. Como afirma Pierre Nora, os arquivos não são apenas um lugar físico, mas também lugar social:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios funebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais (...). [Os lugares de memória] são bastiões sobre os quais se escora. Mas, se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. (NORA, 1993:13)

Possibilitamos aqui uma história da cultura política da ditadura militar, elucidando as ações e motivações dos agentes da polícia política e do movimento estudantil. Os agentes da DOPS/ES se aproximavam de qualquer acontecimento considerado de caráter ideológico, como em assembleias de sindicatos; missas; atos e reuniões públicas. A preocupação da DOPS/ES era em registrar a imagem dos líderes dos eventos, os indivíduos que discursam, puxam palavras de ordem e trabalhavam na estrutura. Alguns possuem identificação com nome e dados e outros não, mas mesmo assim eram assinalados nas imagens e nos textos dos dossiês como “subversivos”. Ao chegarem aos locais, buscava registrar o expediente dos eventos, o “modus operandi” dos “subversivos”, identificar a forma de organização destes. Com isso os próprios agentes também deixam seus registros, os resquícios de seu “modus operandi” de perseguição ideológica e vigilância.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Priscila C.B. **SNI & ABIN: entre a teoria e prática**. 1ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001

ATHAYDES, Ramilles. **O Movimento Educacional Capixaba: Análise do Dossiê do Fundo DOPS/ES sobre o Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal do Espírito Santo**. Florianópolis: ANPUH, 2015.

BIRARDI, Angela, CASTELANI, Gláucia Rodrigues, BELATTO, Luiz Fernando B. **O Positivismo, Os Annales e a Nova História**. Disponível em: <<http://www.klepsidra.net/klepsidra7/annales.html>> Acesso em: 23/05/2016.

BELING NETO, Roberto A. **Movimento Estudantil: os anos 70-80**. Escritos de Vitória. Vitória: PMV/Secretaria de Cultura e Turismo, 1996. (16 – Movimentos Sociais).

BERSTEIN, Serge. **Cultura Política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. 1ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

BRASIL, Arquivo Nacional. **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

\_\_\_\_\_. **Recomendações para Digitalização de Documentos Arquivísticos Permanentes**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2010.

BRASIL, Supremo Tribunal Federal. **Glossário Jurídico**. Brasília: Supremo Tribunal Federal. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/glossario/>> Acesso em: 27/09/2013.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**. Florianópolis: EDUSC, 2001.

\_\_\_\_\_. **A Escrita da História** - Novas Perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **História e poder: uma nova história política?** Novos domínios da história. Rio de Janeiro: ELSEVIER, 2012.

CARVALHO, Áurea Maria de Freitas. **Fotografia como fonte de pesquisa: histórico, registro, arranjo, classificação e descrição**. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória; Museu Imperial, 1997.

CIAVATTA, Maria Franco. **A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. **O mundo do trabalho em imagens. A fotografia como fonte histórica**. Rio de Janeiro, DP&A/Faperj, 2004.

COMISSAO DA VERDADE DA UFES. **Relatório Final**. Vitória: SUPECC/UFES, 2016.

DA MATTA, Roberto. **Sumário Executivo - Diagnóstico sobre Valores, Conhecimento e Cultura de Acesso à Informação Pública no Poder Executivo Federal Brasileiro**. Disponível em: <[www.acessoainformacao.gov.br/acessoainformacaogov/publicacoes/sumario\\_final.pdf](http://www.acessoainformacao.gov.br/acessoainformacaogov/publicacoes/sumario_final.pdf)> Acesso em: 14 jun. 2015

FAGUNDES, Pedro Ernesto. **A estrutura organizacional da Delegacia de Ordem Política e Social do Estado do Espírito Santo (DOPS/ES)**. Revista Diálogos, v. 15, p. 293-309, 2011.

\_\_\_\_\_. (org) **Arquivos da Repressão Política no Estado do Espírito Santo (1930-1985)**. Vitória: Coleção Rumos da História PPGHIS-UFES: GM Editora, 2011.

\_\_\_\_\_. **Revista Vida Capichaba (1934-1937): as imagens fotográficas a serviço dos integralistas do estado do Espírito Santo.** Em *Tempo de Histórias*, v. ano 15, p. 88-107, 2010.

\_\_\_\_\_. **Memória e repressão política: o acervo da Delegacia de Ordem Política e Social do Estado do Espírito Santo.** *Hominum*, v. v3, p. 7-15, 2013.

FOCAULT, M. **A Arqueologia do Saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Banco de dados da Folha.** Disponível em <  
[http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil\\_13out1968.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil_13out1968.htm)> Acesso em: 10/04/2017.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ. **Regime de Informação: construção de um conceito.** *Revista Inf&Soc.:Est.*, João Pessoa/PB, v.22, n.3, p. 43-60, set./dez. 2012.

HARTOG, François. **Temporality and Patrimony.** *VARIA HISTÓRIA*, Belo Horizonte, vol. 22, nº 36: p.261-273, Jul/Dez 2006

JARDIM, José Maria. **A Invenção da memória nos arquivos públicos.** *Revista Ciência da Informação*, v. 25, nº 2. 1999.

\_\_\_\_\_. **A LEI DE ACESSO À INFORMAÇÃO PÚBLICA: dimensões político-informacionais.** Rio de Janeiro: IBICT, V. 02, nº 1. 2012

\_\_\_\_\_. **A implementação da lei de acesso à informação pública e a gestão da informação arquivística governamental.** *Liinc em Revista*, v. 9, n.2, p.383-405, nov. 2013.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica.** São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

\_\_\_\_\_. **Fotografia e história.** 2 ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

LOPES, Janaina Vedoin. KONRAD, Glaucia Vieira Ramos. **Arquivos da Repressão e Leis de Acesso à Informação: os casos brasileiro e argentino na construção do direito à memória e à verdade**. Porto Alegre/RS. Aedos n.13 vol. 5 - Ago/Dez 2013

MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem: fotografia e história interfaces**. Tempo Vol.1. Rio de Janeiro, 1996.

MAUAD, Ana Maria; CARDOSO, Ciro Flamarion. **História e imagem: os exemplos da fotografia e cinema**. Domínios da História. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Tradução: Yara Aun. São Paulo: PUC-SP, 1993.

PEIRCE, S. Charles. **Semiótica e filosofia**. Tradução de Octanny Silveira da Mota e Leônidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix, 1975.

RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Lingüística Geral**. 2º. ed. São Paulo: Cultrix, 2006

SCARPATI, Riler. **“Moradas Provisórias”**: A História do Tempo Presente entre o objeto e a periodização. Minas Gerais: ICHS/UFOP, 2012.

SIQUEIRA, Alessandro Marque. **Estado Democrático de Direito**. Separação de poderes e súmula vinculante. Disponível em:

<<https://jus.com.br/artigos/12155/estado-democratico-de-direito>> Acesso em:

05/08/2016

SIMOES, Raab. **O RESGATE DO CIVISMO COM A VALORIZAÇÃO DOS SÍMBOLOS NACIONAIS**: uma contribuição para a sustentabilidade cultural. Brasília: CET/UnB, 2009.

THIESEN, Icléia. **Documentos “Sensíveis”**: produção, retenção, apropriação.

Rio de Janeiro: IBICT, 2013.

WEBER, Max. **Conceitos sociológicos fundamentais**. São Paulo: Edição 70, 1999.

## APÊNDICE

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
<b>DOSSIÊ 01: ATO PÚBLICO PELA TOMADA DA CASA DO ESTUDANTE</b>				
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.1	Dezenove negativos em preto/branco das fotos registradas no ato público pela tomada da casa do estudante.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.2	Homem recolhendo fiação elétrica próxima a uma árvore.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.3	Público observando para frente do Ato enquanto dois homens observam o próprio fotografo.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.4	Estudante tocando flauta transversal com pessoas observando e no fundo a faixa "Na luta pela casa do estudante".	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.5	Estudantes tocando flauta transversal e guitarra com o público observando.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.6	Estudantes tocando flauta transversal e guitarra com o público observando.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.7	Estudantes tocando flauta transversal e guitarra com o público observando.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.8	Estudantes tocando flauta transversal e guitarra com o público observando.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.9	Público do ato em forma circular, com espaço vazio ao centro. Algumas estão sentadas e outra parte de pé	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.10	Público observando para frente do Ato enquanto dois homens observam o próprio fotografo.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.11	Fotografia de duas faixas penduradas: “Pela retomada da Casa do Estudante – DCE” e “DCE preparou para você a Festa do Desabafo!!! Dia 6 – 21h – Ginásio da UFES – Chega de provas e de sufoco”.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.12	Três homens conversando com uma caixa de papelão com fiações elétricas, sendo um deles vestido de terno e maleta.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.13	Mulher fala ao microfone com faixa ao fundo “A Casa do Estudante é nossa: Vamos Retoma-la”	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.14	Homem recolhendo fiação elétrica próxima a uma árvore.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.15	Três homens conversando com uma caixa de	06/01/1981	Praça Costa	

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
	papelão com fiações elétricas, sendo um deles vestido de terno e maleta.		Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.16	Três homens conversando com uma caixa de papelão com fiações elétricas, sendo um deles vestido de terno e maleta.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.17	Três homens conversando com uma caixa de papelão com fiações elétricas, sendo um deles vestido de terno e maleta.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.18	Três homens conversando com uma caixa de papelão com fiações elétricas, sendo um deles vestido de terno e maleta.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.19	Público do ato em forma circular, com espaço vazio ao centro. Algumas estão sentadas e outra parte de pé.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.20	Público do ato em forma circular, com espaço vazio ao centro. Algumas estão sentadas e outra parte de pé.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.21	Fotografia através do ângulo do ombro de uma mulher registrando um homem em pé próximo a uma árvore.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.22	Pessoas em pé e algumas sentadas próximas a beirada da praça assistindo o ato.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.23	Pessoas em pé e algumas sentadas próximas a beirada da praça assistindo o ato.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.24	Um homem e uma mulher próximos a dois pedestais de microfone com faixa ao fundo "A Casa do Estudante é nossa: Vamos Retoma-la".	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.25	Homem em pé no espaço vazio no centro do Ato.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.26	Estudantes tocando flauta transversal e guitarra com o público observando.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.27	Homem em pé no espaço vazio no centro do Ato.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.28	Estudantes tocando flauta transversal e guitarra com o público observando.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.29	Dois homens próximos à caixa de papelão com fiações elétricas, sendo um deles vestido de terno e maleta.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.30	Homem segurando um pedestal de microfone.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.31	Homem recolhendo fiação elétrica próxima a uma árvore.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.32	Homem de terno e maleta próximo a uma caixa de papelão com fiação elétrica.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.33	Mulher fala ao microfone com faixa ao fundo "A Casa do Estudante é nossa: Vamos Retoma-la"	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.34	Estudantes tocando flauta transversal e guitarra com o público observando.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.35	Homem recolhendo fiação elétrica próxima a uma árvore.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.36	Um homem e uma mulher próximos a dois pedestais de microfone com faixa ao fundo "A Casa do Estudante é nossa: Vamos Retoma-la".	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.37	Vista de multidão de pessoas em pé reunidas ao fundo, algumas sentadas em primeiro plano. Faixa com o dizer "Pela reconstrução da UEE e Casa do Estudante!!! CAL Serviço Social CAL Comunicação".	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	Nota inscrita: "A foto mostra visão parcial do Ato Cultural pela retomada da Casa do Estudante Capixaba e pela reconstrução da União Estadual dos Estudantes, realizado na tarde do dia 06 de Janeiro de 1982 na Praça Costa Pereira, nesta capital".
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.38	Homem caminhando em meio à multidão, ao fundo faixa com o trecho visível "Pela retomada da Casa do Estudante...".	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.39	Estudantes tocando flauta transversal e guitarra com o público observando.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	Nota inscrita: “A foto mostra visão parcial dos participantes do Cultural. Em destaque aparecem: Evaldo Luiz Araujo Castro (nº 1), Renato Viana Soares (seta nº 2) e o ex-combatente de pre Sebastião (seta nº 3)”.
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.40	Estudantes tocando flauta transversal e guitarra com o público observando.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	Nota inscrita: “A foto mostra visão parcial dos participantes do Ato citado. Em destaque aparecem: Evaldo Luiz Araujo Castro (seta nº 1), Rauph Eustáquio Salles (seta nº 2) e a estudante não identificada (seta nº 3) responsável pela barraca que procedia a venda de bebidas alcoólicas”.
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.41	Público observando para frente do Ato enquanto dois homens observam o próprio fotografo.	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	Nota inscrita: “Mostra em destaque: José Arimathéa Campos Gomes (seta nº 1), Fernando Antônio Pêgo (seta nº 2) e Renato Viana Soares (seta nº 3)”.
br.es.apees.des.o.colc.fot.1.42	Público do ato em forma circular, com espaço vazio ao centro. Algumas estão sentadas e outra parte de pé	06/01/1981	Praça Costa Pereira.	Nota inscrita: “A foto mostra o momentoem que os estudantes, sentados, cantavam o Hino Nacional liderados pelo ex-combatente de prenome Sebastião”.
<b>DOSSIÊ 02: MISSA DE SAGRAÇÃO DE DOM LUIZ GONZAGA</b>				

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
br.es.apees.des.o.colc.fot.2.1	Sete clérigos em cerimónia com hóstia no altar de tempo religioso católico.	09/12/1975		
br.es.apees.des.o.colc.fot.2.2	Sete clérigos em cerimónia com hóstia no altar de tempo religioso católico.	09/12/1975		
<b>DOSSIÊ 03: CELEBRAÇÃO “NOSSA SENHORA APARECIDA” RETIRO ANUAL DO CLERO</b>				
br.es.apees.des.o.colc.fot.3.1	Dois clérigos e populares em uma sala.	20/10/1976 – 24/10/1976		
br.es.apees.des.o.colc.fot.3.2	Palco com clérigos e placa com o dizer “A Paróquia Nossa Senhora Aparecida agradece a todas as pessoas que colaboraram para o desenvolvimento espiritual e material desta comunidade”.	20/10/1976 – 24/10/1976		Dois clérigos assinalados com setas.
br.es.apees.des.o.colc.fot.3.3	Vista do lado direito do ginásio com pessoas com papeis na mão.	20/10/1976 – 24/10/1976		
br.es.apees.des.o.colc.fot.3.4	Visão do fundo do ginásio com pessoas.	20/10/1976 – 24/10/1976		Seta indicando padre no meio das pessoas setas na arquibancada.
br.es.apees.des.o.colc.fot.3.5	Visão do ginásio parcialmente com cadeiras vazias (antes de começar o evento).	20/10/1976 – 24/10/1976		Duas pessoas indicadas por setas.

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
br.es.apees.des.o.colt.fot.3.6	Clérigo falando ajoelhado ao microfone junto a outras quatro pessoas.	20/10/1976 – 24/10/1976		
br.es.apees.des.o.colt.fot.3.7	Sete clérigos próximos à imagem de Nossa Senhora Aparecida.	20/10/1976 – 24/10/1976		Três indicados por setas.
br.es.apees.des.o.colt.fot.3.8	Imagem de uma sala com clérigos caminhando por entre pessoas.	20/10/1976 – 24/10/1976		
br.es.apees.des.o.colt.fot.3.9	Vista do ginásio com pessoas com papéis na mão.	20/10/1976 – 24/10/1976		
br.es.apees.des.o.colt.fot.3.10	Imagem de populares e crianças.	20/10/1976 – 24/10/1976		Seta indicando uma pessoa em pé ao fundo.
br.es.apees.des.o.colt.fot.3.11	Vista do ginásio com pessoas com papéis na mão com ângulo para o palco.	20/10/1976 – 24/10/1976		Seta indicando uma pessoa caminhando no corredor entre cadeiras e o palco.
br.es.apees.des.o.colt.fot.3.12	Imagem de uma sala com clérigos caminhando por entre pessoas.	20/10/1976 – 24/10/1976		Dois clérigos e uma pessoa indicados por seta.
br.es.apees.des.o.colt.fot.3.13	Imagem do centro do ginásio com pessoas com	20/10/1976		Uma pessoa indicada por seta.

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
	papeis na mão.	– 24/10/1976		
br.es.apees.des.o.colc.fot.3.14	Visão do palco e do lado direito do ginásio.	20/10/1976 – 24/10/1976		
br.es.apees.des.o.colc.fot.3.15	Clérigo com microfone na mão realizando uma fala. Ao fundo placa com o dizer “A Bíblia é a pedra fundamental da igreja”.	20/10/1976 – 24/10/1976		
br.es.apees.des.o.colc.fot.3.16	Fotografia com ângulo por entre as pessoas com destaque a um clérigo e a imagem de Nossa Senhora Aparecida e Bandeira do Brasil.	20/10/1976 – 24/10/1976		
br.es.apees.des.o.colc.fot.3.17	Quatro clérigos em uma roda de conversa.	20/10/1976 – 24/10/1976		
br.es.apees.des.o.colc.fot.3.18	Clérigo com a mão imposta sobre a cabeça de outro clérigo. Populares assistem.	20/10/1976 – 24/10/1976		
br.es.apees.des.o.colc.fot.3.19	Sete clérigos alinhados ao fundo da mesa no palco. Mesa com velas e Bíblia. Duas placas ao fundo com os dizeres “A Bíblia é a pedra fundamental da igreja” e “A Paróquia Nossa Senhora Aparecida agradece a todas as pessoas que colaboraram para o desenvolvimento	20/10/1976 – 24/10/1976		Clérigo da ponta direita indicado com seta.

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
	espiritual e material desta comunidade”.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.3.20	Visão do palco com seis clérigos, um homem e uma mulher e visão parcial do ginásio com cinco clérigos e pessoas com papéis nas mãos.	20/10/1976 – 24/10/1976		Pessoa indicada no fundo com seta.
<b>DOSSIÊ 04: FOTOGRAFIAS RELACIONADAS À ALZIRO ZARUR</b>				
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.1	Populares e um homem de óculos escuros e terno segura um cartaz com o rosto de Alziro Zarur.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.2	Alziro Zarur em pé palco com mesa com a sigla LBV e mais quatro pessoas. No fundo cartaz com imagem de Jesus Cristo.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.3	Imagem com multidão de pessoas.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.4	Populares e um homem de óculos escuros e terno segura um cartaz com o rosto de Alziro Zarur.			Uma mulher indicada com seta.
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.5	Imagem com multidão de pessoas.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.6	Alguns populares de costas olhando para o palco.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.7	Populares e um homem de óculos escuros e terno segura um cartaz com o rosto de Alziro			

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
	Zarur.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.8	Ângulo de Alziro Zarur sorrindo.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.9	Alziro Zarur cumprimentando homem de terno com uma bandeira com o desenho de coração. Homens e uma mulher em volta.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.10	Alziro Zarur com as mãos nos bolsos do terno acompanhando de mulheres e homens de terno.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.11	Imagem com multidão de populares.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.12	Alziro Zarur acompanhado de um homem e uma mulher.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.13	Duas mulheres e um homem.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.14	Imagem com multidão de populares.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.15	Homem em pé com faixa ao fundo com a seguinte: "Benvindo a capital capixaba – Presidente Alziro Zarur".			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.16	Alziro Zarur acompanhado de três pessoas ao pé da escada do avião.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.17	Alziro Zarur descendo pela escada do avião da Vasp acompanhado de um homem, uma			

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
	mulher e um piloto.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.18	Alziro Zarur subindo ao palco acompanhado de uma mulher e homens de terno. Populares abaixo na plateia.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.19	Fotografia com o rosto de Alziro Zarur.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.20	Popular em pé ao meio da multidão segurando bandeira com desenho de coração.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.21	Alziro Zarur descendo do avião e homem de terno e mulheres aguardando abaixo da escada.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.22	Alziro Zarur sentado a mesa com destaque para a sigla LBV impressa na toalha de mesa.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.23	Alziro Zarur cumprimentando homem de terno com uma bandeira com o desenho de coração. Homens e uma mulher em volta.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.24	Alziro Zarur subindo ao palco acompanhado de uma mulher e homens de terno. Populares abaixo na plateia.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.25	Imagem de um homem escrevendo dentro de um guichê com uma placa escrito "Atendimento Jurídico". Homens de terno em volta e um popular com um prato de comida na			

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
	mão.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.26	Alziro Zarur em pé ao lado de um cartaz com a imagem de Jesus Cristo.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.27	Alziro Zarur acompanhado de mulheres e homens de terno cumprimentando uma criança.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.28	Imagem com multidão de populares.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.29	Homens de terno e mulheres ao lado de um avião.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.30	Ângulo de Alziro Zarur sorrindo.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.31	Alguns populares de costas olhando para o palco.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.32	Homem em pé com faixa ao fundo com o seguinte: "Benvindo a capital capixaba – Presidente Alziro Zarur".			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.33	Alguns populares de costas olhando para o palco.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.34	Ângulo de alguns populares e bandeira com um coração desenhado.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.35	Multidão em torno de uma casa ao meio de			

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
	árvores com algumas bandeiras com um coração desenhado. Alto falantes presos em alguns postes. Faixa estendida escrito "Benvindo a capital capixaba – Presidente Alziro Zarur". Ao fundo uma placa escrita "Caixa".			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.36	Multidão em torno de uma casa ao meio de árvores com algumas bandeiras com um coração desenhado. Alto falantes presos em alguns postes. Faixa estendida escrito "Benvindo a capital capixaba – Presidente Alziro Zarur". Ao fundo uma placa escrita "Caixa".			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.37	Duas mulheres e um homem.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.38	Alziro Zarur acompanhado de três pessoas ao pé da escada do avião.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.39	Alziro Zarur acompanhado de mulheres e homens de terno cumprimentando uma criança.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.40	Homens de terno e mulheres ao lado de um avião.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.41	Populares e um homem de óculos escuros e terno segura um cartaz com o rosto de Alziro			

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
	Zarur.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.42	Alguns populares de costas com ângulo para Alziro Zarur subindo ao palco.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.43	Alziro Zarur com as mãos nos bolsos do terno acompanhando de mulheres e homens de terno.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.44	Ângulo do rosto de Alziro Zarur cumprimentando uma mulher popular em meio à multidão.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.45	Alguns populares e ao fundo duas placa escritas "Pastel de Carne" e "Frango Assado".			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.46	Alguns populares de costas com ângulo para Alziro Zarur subindo ao palco.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.47	Imagem de alguns populares em pé próximos a uma árvore.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.48	Alguns populares de costas com ângulo para Alziro Zarur no palco acompanhado de uma mulher.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.49	Popular em pé ao meio da multidão segurando bandeira com desenho de coração.			

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.50	Imagem de alguns populares em pé próximos a uma árvore.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.51	Alguns populares e ao fundo duas placa escritas “Pastel de Carne” e “Frango Assado”.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.52	Duas mulheres e um homem.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.53	Imagem do guichê com placa “Atendimento Jurídico”. Uma criança conversa com um dos homens de terno que estão atendendo.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.54	Imagem de quatro mulheres populares sentadas em um banco de madeira.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.55	Imagem de um homem escrevendo dentro de um guichê com uma placa escrito “Atendimento Jurídico”. Homens de terno em volta e um popular com um prato de comida na mão.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.56	Alziro Zarur sentando a mesa com destaque para a sigla LBV impressa na toalha de mesa.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.57	Fotografia de uma faixa pendurada com os dizeres visíveis “...ar da Boa Vontade deseja boas vindas... presidente mundial da LBV”.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.58	Alguns populares e ao fundo duas placa escritas			

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
	“Pastel de Carne” e “Frango Assado”.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.59	Alziro Zarur descendo da escada do avião da VASP.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.60	Alguns populares e ao fundo duas placa escritas “Pastel de Carne” e “Frango Assado”.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.61	Alziro Zarur descendo da escada do avião da VASP.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.62	Alziro Zarur descendo do avião e homem de terno e mulheres aguardando abaixo da escada.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.63	Fotografia de uma faixa pendurada com os dizeres visíveis “...ar da Boa Vontade deseja boas vindas... presidente mundial da LBV”.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.64	Imagem do guichê com placa “Atendimento Jurídico”. Uma criança conversa com um dos homens de terno que estão atendendo.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.65	Alziro Zarur descendo pela escada do avião da Vasp acompanhado de um homem, uma mulher e um piloto.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.66	Imagem da multidão de populares em pé.			

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.67	Alziro Zarur acompanhando de um homem uma mulher.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.68	Alguns populares de costas com ângulo para Alziro Zarur no palco acompanhado de uma mulher.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.69	Alziro Zarur em pé ao lado de um cartaz com a imagem de Jesus Cristo.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.70	Alguns populares de costas observando para o palco.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.4.71	Imagem de quatro mulheres populares sentadas em um banco de madeira.			
<b>DOSSIÊ 05: MANIFESTAÇÃO DO PARTIDO DOS TRABALHADORES – PT</b>				
br.es.apees.des.o.colc.fot.5.1	Manifestação de alguns populares na rua próxima a Assembleia Legislativa.	01/10/1981	Palácio Domingos Martins	
br.es.apees.des.o.colc.fot.5.2	De cima de um pequeno palanque, um homem fala ao microfone enquanto outro lê um papel.	01/10/1981		
br.es.apees.des.o.colc.fot.5.3	Manifestação subindo uma ladeira, com carros estacionados na rua. Pessoas segurando uma faixa “PT – Queremos empregos com estabilidade”.	01/10/1981	Palácio Anchieta	

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
br.es.apees.des.o.colc.fot.5.4	Alguns populares e três faixas penduradas: “Central Única dos Trabalhadores”, “Contra o desemprego – Central Única dos Trabalhadores” e “Trabalhadores – Dia Nacional de Luta – Pça 8 – 18 h – Quinta.	01/10/1981	Praça Oito	
br.es.apees.des.o.colc.fot.5.5	Alguns populares e três faixas penduradas: “Central Única dos Trabalhadores”, “Contra o desemprego – Central Única dos Trabalhadores” e “Trabalhadores – Dia Nacional de Luta – Pça 8 – 18 h – Quinta – Participe”.	01/10/1981	Praça Oito	
br.es.apees.des.o.colc.fot.5.6	Quatro homens em um pequeno palanque.	01/10/1981		
br.es.apees.des.o.colc.fot.5.7	Costas de uma multidão de populares segurando diversas faixas.	01/10/1981		
br.es.apees.des.o.colc.fot.5.8	Homem falando ao microfone de um pequeno palanque.	01/10/1981		
br.es.apees.des.o.colc.fot.5.9	Homem falando ao microfone erguendo um papel em um pequeno palanque.	01/10/1981		
br.es.apees.des.o.colc.fot.5.10	Multidão em frente à Assembleia Legislativa. Diversas faixas, única visível “PT presente na luta dos trabalhadores”.	01/10/1981	Palácio Domingos Martins	
br.es.apees.des.o.colc.fot.5.11	Multidão segurando faixas. “Queremos	01/10/1981	Palácio	

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
	empregos com estabilidade – Núcleo do PT SP”.		Anchieta	
br.es.apees.des.o.colc.fot.5.12	Multidão em frente à Assembleia Legislativa. Diversas faixas: “PT – Diretório Municipal de Vitória - Presente na luta dos trabalhadores”, “Por uma sociedade sem explorados nem exploradores – J. Companheiro”.	01/10/1981	Palácio Domingo Martins	
br.es.apees.des.o.colc.fot.5.13	Multidão em frente à Assembleia Legislativa. Diversas faixas: “PT – Diretório Municipal de Vitória - Presente na luta dos trabalhadores”, “Por uma sociedade sem explorados nem exploradores – J. Companheiro”.	01/10/1981	Palácio Domingos Martins	
br.es.apees.des.o.colc.fot.5.14	Multidão de pé e alguns sentados em bancos com faixas: “PT presente na luta dos trabalhadores” e “Por um governo dos trabalhadores – Companheiro”.	01/10/1981	Avenida Jeronimo Monteiro.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.5.15	Homem falando ao microfone com pequeno papel na mão em um pequeno palanque.	01/10/1981		
br.es.apees.des.o.colc.fot.5.16	Homem falando ao microfone de um pequeno palanque.	01/10/1981		
br.es.apees.des.o.colc.fot.5.17	Homem falando ao microfone de um pequeno palanque.	01/10/1981		
br.es.apees.des.o.colc.fot.5.18	Homem falando ao microfone de um pequeno	01/10/1981		

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
	palanque.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.5.19	Ângulo de costas de alguns populares em pé e outros sentados.	01/10/1981		
br.es.apees.des.o.colc.fot.5.20	Multidão caminhando segurando faixas.	01/10/1981	Avenida Jeronimo Monteiro.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.5.21	Multidão de pé e alguns sentados em bancos com faixas: “PT presente na luta dos trabalhadores” e “Por um governo dos trabalhadores – Companheiro”.	01/10/1981	Avenida Jeronimo Monteiro.	Nota Inscrita: “A foto mostra visão parcial da Praça Oito de Setembro, nesta Capital, quando da realização do ato público denominado “1º de Outubro – Dia Nacional de Luta dos Trabalhadores, realizado na noite de 1º de Outubro de 1981”.
br.es.apees.des.o.colc.fot.5.22	Multidão segurando faixas. “Queremos empregos com estabilidade – Núcleo do PT SP”.	01/10/1981	Palácio Anchieta.	Nota inscrita: “Mostra os manifestantes quando passavam nas proximidades do Palácio Anchieta com destino à Assembleia Legislativa”.
br.es.apees.des.o.colc.fot.5.23	Alguns populares e três faixas penduradas: “Central Única dos Trabalhadores”, “Contra o desemprego – Central Única dos Trabalhadores” e “Trabalhadores – Dia Nacional de Luta – Pça 8 – 18 h – Quinta – Participe”.	01/10/1981	Praça Oito.	Nota inscrita: “A foto mostra, de outro ângulo, visão parcial da Praça Oito de Setembro, nesta Capital, quando da realização do ato público “1º de Outubro – Dia de Luta dos Trabalhadores”.

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
<b>DOSSIÊ 06: PICHAGÕES RELACIONADAS AO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL – PC DO B</b>				
br.es.apees.des.o.colc.fot.6.1	Pichação “PC do Brasil – Operários e o povo unidos contra a exploração e pelo socialismo” em muro.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.6.2	Pichação “PC do Brasil” em muro.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.6.3	Pichação “PC do Brasil – 60 anos – Reforma agrária radical!” em muro.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.6.4	Pichação “PC do Brasil” em muro.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.6.5	Pichação “PC do Brasil” em poste.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.6.6	Pichação “PC do Brasil” em placa “Seja bem vindo a fazenda São Manoel – propriedade de Manoel Caetano Gonçalves – a 2kms”.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.6.7	Pichação “PC do Brasil” em muro.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.6.8	Pichação “PC do Brasil – 60 anos – Reforma agrária radical!” em muro.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.6.9	Pichação “PC do Brasil – 60 anos – Reforma agrária radical!” em muro com grades.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.6.10	Pichação “PC do Brasil – 60 anos – Reforma agrária radical!” em muro.			

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
br.es.apees.des.o.colc.fot.6.11	Pichação "60 anos de luta – PC do Brasil" em muro.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.6.12	Pichação "PC do Brasil" em muro.			
<b>DOSSIÊ 07: FOTOGRAFIAS RELACIONADAS AO MOVIMENTO CONCÍLIO DOS JOVENS</b>				
br.es.apees.des.o.colc.fot.7.1	Multidão de homens e mulheres reunidas próximo ao campo de futebol.	09/02/1975	Campo do Desportiva.	Nota: Ao centro de camisa rosa um dos moradores de Santo Antônio (Irmãos Taizé).
br.es.apees.des.o.colc.fot.7.2	Arcebispo Dom João da Motta, Albuquerque e Padre Michael em roda de conversa.	09/02/1975	Campo do Desportiva.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.7.3	Arcebispo Dom João da Motta e Albuquerque.	09/02/1975	Campo do Desportiva.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.7.4	Fusca vermelho estacionado próximo a um portão.	09/02/1975	Campo do Desportiva.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.7.5	Homem sentado fazendo anotação em bloco de papel.	09/02/1975	Campo do Desportiva.	Nota: Cláudio, líder de comunidade no IBES.
br.es.apees.des.o.colc.fot.7.6	Dom Aldo (Bispo de São Mateus) em roda de conversa.	09/02/1975	Campo do Desportiva.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.7.7	Dom João, Dom Aldo e o Padre Rubens Duque sentados em banco de madeira.	09/02/1975	Campo do Desportiva.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.7.8	Duas mulheres em pé, uma sorrindo e outra de	09/02/1975	Campo do	Nota: Elizabete Santos Madeira

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
	braços cruzados. Ao fundo pessoas sentadas em uma arquibancada.		Desportiva.	(deblusa preta) subversiva e observadora no Concílio.
br.es.apees.des.o.colc.fot.7.9	Marcelo Amorim Netto e Elizabete Santos Madeira conversam próximo a mureta do campo de futebol.	09/02/1975	Campo do Desportiva.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.7.10	Mulher fala ao microfone sobre um tablado com uma faixa ao fundo parcialmente visível "Assembleia do povo de...".	09/02/1975	Campo do Desportiva.	Nota: Marlene, líder de uma comunidade em Vila Velha, demonstrou profundo conhecimento sobre o assunto.
br.es.apees.des.o.colc.fot.7.11	Padre André segurando uma folha de papel.	09/02/1975	Campo do Desportiva.	Nota: Espanhol.
br.es.apees.des.o.colc.fot.7.12	Padre André, lado esquerdo de costas, dialogando com Dom João.	09/02/1975	Campo do Desportiva.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.7.13	Padre Bruno caminhando segurando folha de papel.	09/02/1975	Campo do Desportiva.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.7.14	Padre João Confalomiri em pé em uma arquibancada de madeira.	09/02/1975	Campo do Desportiva.	Indicado por uma seta. Nota: Paróquia de Anchieta.
br.es.apees.des.o.colc.fot.7.15	Padre João Confalomiri próximo a duas mulheres com folhas de papeis.	09/02/1975	Campo do Desportiva.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.7.16	Pessoas em pé abaixo da arquibancada e outras sentadas em pé na arquibancada. Homem	09/02/1975	Campo do Desportiva.	Duas seta indicadas com os números 1 e 2. Nota: Padre Marcelos (Pernambuco). nº1 - Padre Umberto

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
	caminha em primeiro plano.			(Paul - Vila Velha).
br.es.apees.des.o.colc.fot.7.17	Padre Miguel em roda de conversa próximo a um coreto.	09/02/1975	Campo do Desportiva.	Nota: Padre Michel (de camisa rosa) ao lado de um estrangeiro.
br.es.apees.des.o.colc.fot.7.18	Homem de camisa branca caminhando em meio à multidão.	09/02/1975	Campo do Desportiva.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.7.19	Padre Thiago tomando sorvete em meio à arquibancada. Ao fundo visão parcial da faixa "Assembleia do povo..."	09/02/1975	Campo do Desportiva.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.7.20	Roda de conversa de quatro homens no meio do campo de futebol. Um deles com bolsa preta de equipamento fotográfico.	09/02/1975	Campo do Desportiva.	Nota: Sr. Boffa - Fotógrafo que fotografou o Agente do DPF.
br.es.apees.des.o.colc.fot.7.21	Fotografia da parte superior da arquibancada lotada por homens e mulheres.	09/02/1975	Campo do Desportiva.	Indicação de seta: Thiago.
<b>DOSSIÊ 08: FOTOGRAFIAS RELACIONADAS AO ENCONTRO NACIONAL ESTUDANTIL</b>				
br.es.apees.des.o.colc.fot.8.1	Fotografia 3x4 de Joaquim Ferreira Silva Filho.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.8.2	Fotografia 3x4 de Paulo Roberto Fabres.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.8.3	Fotografia 3x4 de Robson Moreira.			
<b>DOSSIÊ 09: REPRODUÇÕES FOTOGRÁFICAS (JADERSON)</b>				
br.es.apees.des.o.colc.fot.9.1	Um fusca, um caminhão e uma ônibus escolar andando por uma estrada com metade de			

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
	asfalto e metade de terra. Um homem atravessando essa estrada.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.9.2	Fotografia 3x4 não identificada.			
<b>DOSSIÊ 10: FOTOGRAFIAS RELACIONADAS A CEZAR RONALD PEREIRA GOMES</b>				
br.es.apees.des.o.colc.fot.10.1	Fotografia de frente e do perfil direito de Cezar Ronald Pereira Gomes.	1968.		Nota: Em envelope do Governo do Estado do Espírito Santo e carimboda Delegacia de Ordem Política e Social. Indicação do termo “subversivo”.
br.es.apees.des.o.colc.fot.10.2	Fotografia de frente e do perfil direito de Cezar Ronald Pereira Gomes.	1968.		
br.es.apees.des.o.colc.fot.10.3	Fotografia de frente e do perfil direito de Cezar Ronald Pereira Gomes.	1968.		
br.es.apees.des.o.colc.fot.10.4	Fotografia de frente e do perfil direito de Cezar Ronald Pereira Gomes.	1968.		
br.es.apees.des.o.colc.fot.10.5	Fotografia de frente e do perfil direito de Cezar Ronald Pereira Gomes.	1968.		
br.es.apees.des.o.colc.fot.10.6	Fotografia de frente e do perfil direito de Cezar Ronald Pereira Gomes.	1968.		
<b>DOSSIÊ 11: FOTOGRAFIAS RELACIONADAS A AUTORIDADES DO ALTO CLERO</b>				
br.es.apees.des.o.colc.fot.11.1	Homens de terno de pé e um piloto observa.			

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
br.es.apees.des.o.colc.fot.11.2	Homens de terno e óculos escuros caminhando ao lado de um piloto identificado com chapéu.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.11.3	Homens de terno caminhando no desembarque de um aeroporto.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.11.4	Roda de conversa entre homens de terno e o piloto.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.11.5	Homem desembarca da porta traseira de um carro, piloto auxiliando na passagem do homem.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.11.6	Roda de conversa entre homens de terno e sem terno e piloto observa.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.11.7	Homens de terno e óculos escuros caminhando ao lado de um piloto identificado com chapéu.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.11.8	Roda de conversa entre homens de terno e piloto. Um fotógrafo ao plano de fundo em pé.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.11.9	Dois homens de terno conversando na entrada de um edifício.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.11.10	Dois homens posicionados em sentido de braços esticados próximo a um pequeno avião. Um fotógrafo em primeiro plano registrando o momento.			

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
br.es.apees.des.o.colc.fot.11.11	Dois homens parados próximos a um pequeno avião. Piloto faz referencia com uma das mãos elevadas a testa.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.11.12	Dois homens de terno conversando na entrada de um edifício.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.11.13	Grupo de homens e piloto de pé em observação de algo. Ao fundo roda de conversa de outros homens e mulheres.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.11.14	Grupo de homens e piloto de pé em observação de algo. Ao fundo roda de conversa de outros homens e mulheres.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.11.15	Grupo de homens de terno. Senhor de terno e óculos em primeiro plano cumprimenta alguém.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.11.16	Grupos de homens de terno caminhando em pátio de aeroporto.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.11.17	Pessoas de próximo a um avião grande com a inscrição semelhante a "Brasil". Dois homens de terno conversam em primeiro plano.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.11.18	Dois homens posicionados em sentido de braços esticados próximo a um pequeno avião. Um fotógrafo em primeiro plano registrando o			

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
	momento.			
br.es.apees.des.o.colt.fot.11.19	Pessoas observam um homem descer as escadas de um avião com a inscrição "Trans".			
br.es.apees.des.o.colt.fot.11.20	Homens de terno caminhando no desembarque de um aeroporto.			
br.es.apees.des.o.colt.fot.11.21	Homens em roda de conversa.			
br.es.apees.des.o.colt.fot.11.22	Alguns pilotos e homens de terno junto a um homem com vestimenta religiosa próximos a um avião.			
br.es.apees.des.o.colt.fot.11.23	Homens de terno caminhando no desembarque de um aeroporto.			
br.es.apees.des.o.colt.fot.11.24	Dois homens parados próximos a um pequeno avião. Piloto faz referencia com uma das mãos elevadas a testa.			
br.es.apees.des.o.colt.fot.11.25	Dois homens caminham próximos a uma fileira de carros estacionados.			
br.es.apees.des.o.colt.fot.11.26	Roda de conversa entre homens de terno e piloto. Um fotógrafo ao plano de fundo em pé.			
br.es.apees.des.o.colt.fot.11.27	Dois homens caminham próximos a uma fileira de carros estacionados.			

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
br.es.apees.des.o.colc.fot.11.28	Roda de conversa entre homens de terno e piloto. Um fotógrafo ao plano de fundo em pé.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.11.29	Roda de conversa entre homens de terno e piloto. Um fotógrafo ao plano de fundo em pé.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.11.30	Roda de conversa entre homens de terno e piloto. Um fotógrafo ao plano de fundo em pé.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.11.31	Grupo de homens de terno. Senhor de terno e óculos em primeiro plano cumprimenta alguém.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.11.32	Roda de conversa entre homens de terno e sem terno e piloto.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.11.33	Pessoas de próximo a um avião grande com a inscrição semelhante a "Brasil". Dois homens de terno conversam em primeiro plano.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.11.34	Alguns pilotos e homens de terno junto a um homem com vestimenta religiosa próximos a um avião.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.11.35	Homem desembarca da porta traseira de um carro, piloto auxiliando na passagem do homem.			
<b>DOSSIÊ 12: FOTOGRAFIAS RELACIONADAS AO MOVIMENTO INTEGRALISTA</b>				

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
br.es.apees.des.o.colt.fot.12.1	Multidão de pessoas e crianças, dois homens de social e gravata em pé segurando bicicletas. Ao fundo construções de até dois pavimentos.	1934 – 1937		
br.es.apees.des.o.colt.fot.12.2	Cinco homens e uma criança posam à frente das bandeiras do Brasil e do Sigma Integralista.	1934 – 1937	Colatina	Inscrição: Núcleo de Lage. Chefe e seu secretariado.
br.es.apees.des.o.colt.fot.12.3	Multidão de maioria homens com roupa social e gravata e algumas crianças posa em frente ao uma casa.	1934 – 1937	Colatina	Inscrição: Núcleo de Lage.
br.es.apees.des.o.colt.fot.12.4	Multidão de maioria homens com roupa social e gravata e algumas mulheres e crianças posa em frente a um pequeno vilarejo de casas. Ao fundo paisagem de arvores e uma grande montanha de vegetação e pedra.	1934 – 1937		
br.es.apees.des.o.colt.fot.12.5	Fotografia pelo ângulo de costas de multidão de homens de terno e crianças e mulheres bem vestidas parados em frente ao uma casa com a inscrição “Ação Integralista Brasileira” e o desenho do Sigma Integralista.	1934 – 1937		
br.es.apees.des.o.colt.fot.12.6	Multidão de homens de terno, crianças e mulheres bem vestidas sentadas em um auditório como plateia (similar a um cinema).	1934 – 1937		Colagem “Foto Bachmayer”
br.es.apees.des.o.colt.fot.12.7	Multidão de pessoas uniformizadas em pose, sendo homens a direita e mulheres a esquerda.	1934 – 1937		

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
	Ao fundo três pequenas casas e uma montanha com vegetação.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.12.8	Multidão de maioria de homens com ternos e chapéus entre algumas casas de um vilarejo.	1934 – 1937		Colagem “Foto Bachmayer”
br.es.apees.des.o.colc.fot.12.9	Casal de noivos. Mulher de vestido branco e homem roupa social e gravata com desenho do Sigma Integralista no braço. Três meninas de damas de honra. Fundo altar de templo católico.	20/07/1937	Vitória	Verso nota: “Como cumpridor dos meus deveres de Integralista venho oferecer ao Núcleo Provincial como recordação do casamento dentro dos rituais Integralista nesta província, sendo este o 1º realizado. Anauê pelo bem do Brasil. O Integralista Geraldo Andrade Silva”.
br.es.apees.des.o.colc.fot.12.10	Três fileiras de homens uniformizados de camisa social e gravata desfilam por entre uma rua de terra em um pequeno vilarejo, populares observam.	1934 – 1937		
br.es.apees.des.o.colc.fot.12.11	Grupo de treze mulheres e um homem posa uniformizadas com o Sigma Integralista em frente a um edifício.	1934 – 1937		
br.es.apees.des.o.colc.fot.12.12	Fotografia com bandeira e escudos com o Sigma Integralista e uma placa de ferro com a inscrição “Aqui se trabalha pelo bem do Brasil”	1934 – 1937		

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
br.es.apees.des.o.colt.fot.12.13	Multidão de maioria de homens com ternos e chapéus entre algumas casas de um vilarejo.	1934 – 1937		
br.es.apees.des.o.colt.fot.12.14	Três fileiras de homens uniformizados com camisa social e gravata em posição de reverencia em uma região urbana próxima a um parque. Populares observam em volta.	1934 – 1937		
br.es.apees.des.o.colt.fot.12.15	Grupo de sete meninas posa uniformizadas com o Sigma Integralista.	1934 – 1937		
br.es.apees.des.o.colt.fot.12.16	Multidão de homens uniformizados caminha por entre casas de um vilarejo. Os homens da frente carregam instrumentos de percussão.	Janeiro de 1935	Colatina	Inscrição: “Distrito de Lage. Um desfile da milícia com um efetivo de 200 homens em janeiro de 1935”.
br.es.apees.des.o.colt.fot.12.17	Visão de costas de uma multidão reunida em formato circular próxima a um campo e um casarão.	1934 – 1937	Colatina	Inscrição: Núcleo de Lage - Missa Campal
br.es.apees.des.o.colt.fot.12.18	Imagem de alguns homens uniformizados com o Sigma Integralista, parte deles sentados em cadeiras a frente e parte de pé ao fundo.	1934 – 1937		
br.es.apees.des.o.colt.fot.12.19	Cinco homens e uma criança posam à frente das bandeiras do Brasil e do Sigma Integralista.	1934 – 1937		
br.es.apees.des.o.colt.fot.12.20	Imagem de alguns homens uniformizados com o Sigma Integralista, parte deles sentados em cadeiras a frente e parte de pé ao fundo.	1934 – 1937		

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
br.es.apees.des.o.colc.fot.12.21	Foto de perfil de Plinio Salgado de braços cruzados uniformizado com o Sigma Integralista.	1934 – 1937		
br.es.apees.des.o.colc.fot.12.22	Bandeiras do Sigma Integralista sobre uma mesa com revólveres, espingardas e instrumentos musicais.	1934 – 1937		
br.es.apees.des.o.colc.fot.12.23	Quadros e cartazes com o rosto de Plinio Salgado e imagens do Sigma Integralista. Cartaz escrito “O Brasil precisa de você! Vote Plinio Salgado”.	1934 – 1937		
br.es.apees.des.o.colc.fot.12.24	Casal de idosos uniformizados com o Sigma Integralista sentado em duas cadeiras, sete homem atrás em pé também uniformizados e de braços cruzados. Fundo de um campo com vegetação.	1934 – 1937		
br.es.apees.des.o.colc.fot.12.25	Multidão de populares de costas em pé próximos a uma casa em um pequeno vilarejo.	25/10/1936	Baixo Guandú	Inscrição: “Esta foi tirada quando se estava elevando a missa. D. Geraldo”.
br.es.apees.des.o.colc.fot.12.26	Multidão de populares de frente em pé próximos a uma casa em um pequeno vilarejo.	25/10/1936	Baixo Guandú	Inscrição: “Esta vista foi tirada logo após a missa, Nº 2, D. Geraldo”.
br.es.apees.des.o.colc.fot.12.27	Sete homens em pé em uma calçada próximo a um edifício de uniforme com Sigma Integralista.	1934 – 1937		
br.es.apees.des.o.colc.fot.12.28	Vista de avenida em perímetro urbano com	1934 – 1937		

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
	casas e árvores. Multidão de populares à esquerda e de homens com uniforme integralista a direita parados abrindo espaço ao meio.			
<b>DOSSIÊ 13: FOTOGRAFIAS DE IDENTIFICAÇÃO</b>				
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.1	Fotografia de Augusto Silva Filho ou Luiz Ferrari Lima.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.2	Fotografia de Autoreis Augusto Ferreira.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.3	Fotografia de homem não identificado. Inscrição 18377.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.4	Teatro lotado com trinta homens de terno sentados a mesa no palco forrada com algo semelhante a bandeira nacional. Acima faixas com as seguintes inscrições: "Aliança Nacional Libertadora", "Abaixo o Imperialismo", "Guerra fascismo" e "Viva Luiz Carlos Prestes".			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.5	Fotografia de perfil de homem não identificado.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.6	Fotografia de homem não identificado. Inscrição 12972.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.7	Fotografia de homem não identificado.			

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.8	Fotografia de homem não identificado.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.9	Fotografia de homem não identificado. Inscrição 20404.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.10	Fotografia de homem não identificado.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.11	Fotografia de homem não identificado. Inscrição 12972.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.12	Fotografia de homem não identificado. Inscrição 27838.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.13	Fotografia de homem não identificado. Inscrição 04887.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.14	Fotografia de homem não identificado de terno. Inscrição 33671.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.15	Fotografia de homem de terno não identificado.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.16	Fotografia de homem de terno não identificado.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.17	Fotografia de homem não identificado.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.18	Fotografia de homem de terno não identificado.			

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.19	Fotografia de homem não identificado.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.20	Fotografia de homem de terno não identificado.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.21	Fotografia de Cassiano de Souza.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.22	Fotografia de Choc Michel.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.23	Fotografia de Derafim Pereira Dias.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.24	Fotografia de Ernani Vifal.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.25	Fotografia de F. Prumptuanio.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.26	Fotografia de Grimaldo Ferreira.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.27	Fotografia de Jardelino do Santo.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.28	Fotografia de Johann Bauer.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.29	Fotografia de José Bispo.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.30	Fotografia de José de Oliveira Guimarães.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.31	Fotografia de João AggnipimPersari.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.32	Fotografia de João Amazonas.			Nota: Dirigente do PCdoB.
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.33	Fotografia de João Santos Chauffer.			

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.34	Fotografia de Laurindo Lima da Costa.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.35	Fotografia de Luiz Gonçalves Barbosa.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.36	Fotografia de Manoel Fridman.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.37	Fotografia de Manoel Luis de Assis.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.38	Fotografia de Maria Joaquina de Jesus.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.39	Fotografia de Narciso Carneiro ou Abiaíl do Amaral Carneiro.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.40	Fotografia de Nilo Paiva.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.41	Fotografia de Pedro Jmm e Silva.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.42	Fotografia de Ricardo Medaldi.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.43	Fotografia de Salustiano Pinto da Rocha.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.13.44	Fotografia de Sergio Moreira Chauffer.			
<b>DOSSIÊ 14: NEGATIVOS FOTOGRAFICOS</b>				
br.es.apees.des.o.colc.fot.14.1	Série de negativos fotográficos de fotografias pertencentes ao Fundo da Delegacia de Ordem Política e Social – DOPS. Suas revelações estão espalhas por diversos dossiês.			
<b>DOSSIÊ 15: PARTIDO DO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO BRASILEIRO – PMDB</b>				

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
br.es.apees.des.o.colc.fot.15.1	Vista de cima de um auditório lotado com homens sentados ao palco atrás de uma mesa. Faixa na barra do palco escrita “Por um governo verdadeiramente democrático e popular”.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.15.2	Vista de lateral de um auditório lotado com homens sentados ao palco atrás de uma mesa. Faixa na barra do palco escrita “Por um governo verdadeiramente democrático e popular”.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.15.3	Homem fala de pé ao microfone de cima do palco. Pessoas a mesa observam.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.15.4	Homem fala de pé ao microfone de cima do palco. Pessoas a mesa observam.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.15.5	Homem de terno fala de pé ao microfone de cima do palco. Pessoas a mesa observam.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.15.6	Homem fala de pé ao microfone de cima do palco. Pessoas a mesa observam.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.15.7	Vista de cima de um auditório lotado com homens sentados ao palco atrás de uma mesa. Faixa na barra do palco escrita “Por um governo verdadeiramente democrático e			

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
	popular”. Uma pessoa fala de pé ao microfone.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.15.8	Vista lateral de um auditório lotado com homens sentados ao palco atrás de uma mesa. Faixa na barra do palco escrita “Por um governo verdadeiramente democrático e popular”. Uma pessoa fala de pé ao microfone.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.15.9	Fotografia com ângulo para homens que compõe a mesa no palco.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.15.10	No palco, homem de pé cumprimenta homem sentado. Um terceiro homem ao centro segura um microfone.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.15.11	Homem fala de pé ao microfone de cima do palco. Pessoas a mesa observam.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.15.12	Vista próxima ao palco e mesa. Faixa na barra do palco escrita “Por um governo verdadeiramente democrático e popular”.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.15.13	Vista de cima do palco, quinze homens sentados em cadeira atrás da mesa em meia lua. Décimo sexto homem fala em pé ao microfone ao centro e frente do palco.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.15.14	Homem fala de pé ao microfone de cima do palco. Pessoas a mesa observam.			

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
<b>DOSSIÊ 16: FOTOGRAFIAS NÃO IDENTIFICADAS</b>				
br.es.apees.des.o.colc.fot.16.1	Arildo Valadão sorridente agachado segura um cachorro pelo pescoço.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.16.2	Fotografia de homem não identificado.			Indicação de caneta um desenho de bigode. Inscrição: "S.I.C."
<b>DOSSIÊ 17: XVIII ENCONTRO NACIONAL DE VEREADORES</b>				
br.es.apees.des.o.colc.fot.17.1	Roda de conversa de três homens. Um homem caminha à direita com cigarro na boca. Ao fundo carros estacionados e placa escrita "Saída".	10 a 15 de Outubro de 1981.	Colégio Dom Bosco – Vitória.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.17.2	Dois homens em pé, um observa o entorno e outro lê um papel em mãos.	10 a 15 de Outubro de 1981.	Colégio Dom Bosco – Vitória.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.17.3	Dois homens em pé, um observa o entorno e outro lê um papel em mãos.	10 a 15 de Outubro de 1981.	Colégio Dom Bosco – Vitória.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.17.4	Pessoas em pé próximas a uma espécie de credenciamento. Placas: "Bem-vindos" e "Crachás". Ao fundo cartaz com o rosto de um homem afixado. Mulher segura jornais com as mãos esticadas para cima.	10 a 15 de Outubro de 1981.	Colégio Dom Bosco – Vitória.	

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
br.es.apees.des.o.colc.fot.17.5	Pessoas em pé próximas a uma espécie de credenciamento. Placas: “Bem-vindos” e “Crachás”. Ao fundo cartaz com o rosto de um homem afixado. Mulher segura jornais com as mãos esticadas para cima.	10 a 15 de Outubro de 1981.	Colégio Dom Bosco – Vitória.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.17.6	Seis homens em pé e uma mulher com microfone na mão.	10 a 15 de Outubro de 1981.	Colégio Dom Bosco – Vitória.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.17.7	Homem e mulher de costas com microfone na mão. Carro estacionado ao fundo.	10 a 15 de Outubro de 1981.	Colégio Dom Bosco – Vitória.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.17.8	Seis homens em pé e uma mulher com microfone na mão.	10 a 15 de Outubro de 1981.	Colégio Dom Bosco – Vitória.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.17.9	Seis homens em pé e uma mulher com microfone na mão.	10 a 15 de Outubro de 1981.	Colégio Dom Bosco – Vitória.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.17.10	Homem e mulher de costas com microfone e papeis nas mãos. Carros estacionados ao fundo.	10 a 15 de Outubro de 1981.	Colégio Dom Bosco – Vitória.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.17.11	Homem e mulher de costas com microfone na mão. Carro estacionado ao fundo.	10 a 15 de Outubro de	Colégio Dom Bosco –	

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
		1981.	Vitória.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.17.12	Homem e mulher de costas com microfone e papeis nas mãos. Carros estacionados ao fundo.	10 a 15 de Outubro de 1981.	Colégio Dom Bosco – Vitória.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.17.13	Homem e mulher de costas com microfone na mão. Carro estacionado ao fundo.	10 a 15 de Outubro de 1981.	Colégio Dom Bosco – Vitória.	
<b>DOSSIÊ 18: MOVIMENTO INDÍGENA</b>				
br.es.apees.des.o.colc.fot.18.1	Casa com cercado baixo de madeira, na parede lateral as inscrições “Creche Casulo Tio Patinhas – Aracruz – ADM. 1977 a 1980” Abaixo a pichação “Proibido a entrada de pessoas estranhas. FUNAI”.		Aracruz	
br.es.apees.des.o.colc.fot.18.2	Casa com cercado baixo de madeira, na parede frontal visível parte da pichação “Tupiniquins. Proibido a entrada de pessoas estranhas”.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.18.3	Casa com cercado baixo de madeira, na parede frontal visível parte da pichação “Tupiniquins. Proibido a entrada de pessoas estranhas”.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.18.4	Fotografia de uma estrada de terra em meio a um matagal.			

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
br.es.apees.des.o.colc.fot.18.5	Casa com cercado baixo de madeira, na parede frontal visível parte da pichação “Tupiniquins. Proibido a entrada de pessoas estranhas”.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.18.6	Muro alto com a inscrição: “Ministério do Interior – Fundação Nacional do Índio - FUNAI – P.I. Tupiniquins. 11ª DR Governador Valadares MG.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.18.7	Casa com cercado baixo de madeira, na parede frontal visível parte da pichação “Tupiniquins. Proibido a entrada de pessoas estranhas”.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.18.8	Casa com cercado baixo de arame farpado, na parede frontal a inscrição “Atendimento Médico Municipal”.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.18.9	Casa com cercado baixo de arame farpado, na parede frontal a inscrição “Atendimento Médico Municipal”.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.18.10	Casa com cercado baixo de arame farpado, na parede frontal a inscrição “Atendimento Médico Municipal”.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.18.11	Casa com cercado baixo de madeira, na parede frontal visível parte da pichação “Tupiniquins. Proibido a entrada de pessoas estranhas”.			

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
br.es.apees.des.o.col.t.fot.18.12	Casa com parede frontal visível parte da pichação "Tupiniquins. Proibido a entrada de pessoas estranhas".			
br.es.apees.des.o.col.t.fot.18.13	Casa com cercado baixo de madeira, na parede frontal visível parte da pichação "Tupiniquins. Proibido a entrada de pessoas estranhas".			
br.es.apees.des.o.col.t.fot.18.14	Casa com cercado baixo de arame farpado, na parede frontal a inscrição "Atendimento Médico Municipal".			
br.es.apees.des.o.col.t.fot.18.15	Casa com cercado baixo de arame farpado, na parede frontal a inscrição "Atendimento Médico Municipal".			
br.es.apees.des.o.col.t.fot.18.16	Casa com cercado baixo de arame farpado, na parede frontal a inscrição "Atendimento Médico Municipal".			
br.es.apees.des.o.col.t.fot.18.17	Casa com cercado baixo de arame farpado, na parede frontal a inscrição "Atendimento Médico Municipal".			
br.es.apees.des.o.col.t.fot.18.18	Casa com cercado baixo de arame farpado, na parede frontal a inscrição "Atendimento Médico Municipal".			
br.es.apees.des.o.col.t.fot.18.19	Casa com cercado baixo de madeira, na parede			

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
	frontal visível parte da pichação “Tupiniquins. Proibido a entrada de pessoas estranhas”.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.18.20	Casa com parede frontal visível parte da pichação “Tupiniquins. Proibido a entrada de pessoas estranhas”.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.18.21	Casa com cercado baixo de arame farpado, na parede frontal a inscrição “Atendimento Médico Municipal”.			
<b>DOSSIÊ 19: SINDICÂNCIA SOBRE PICHAMENTO DE IMÓVEIS E AUTOMÓVEIS</b>				
br.es.apees.des.o.colc.fot.19.1	Ônibus da Viação Bairro de Fatima pichado com as seguintes: “UNE”, “Cães fascistas – Abaixo a ditadura” e “Liberdade para os presos”.	15 de Outubro de 1985.		
br.es.apees.des.o.colc.fot.19.2	Restaurante Universitário com um fusca estacionado na frente com diversas pichações na parede “UNE” e “Abaixo a ditadura”.	15 de Outubro de 1985.		
br.es.apees.des.o.colc.fot.19.3	Parede com uma janela gradeada e a pichação “Cães fascistas, cães fascistas”.	15 de Outubro de 1985.		
br.es.apees.des.o.colc.fot.19.4	Parede com uma janela gradeada e a pichação “Cães nós somos a UNE”.	15 de Outubro de 1985.		

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
br.es.apees.des.o.colc.fot.19.5	Parede com uma janela gradeada e a pichação “Somos a UNE” e “Abaixo a repressão”.	15 de Outubro de 1985.		
br.es.apees.des.o.colc.fot.19.6	Prédio com a inscrição “Correios e Telégrafos” e em uma das colunas a pichação “Abaixo a repressão”.	15 de Outubro de 1985.		
br.es.apees.des.o.colc.fot.19.7	Ônibus da Viação Bairro de Fatima pichado com as seguintes: “UNE”, “Cães fascistas – Abaixo a ditadura” e “Liberdade para os presos”.	15 de Outubro de 1985.		
br.es.apees.des.o.colc.fot.19.8	Ônibus da Viação Imperial pichado com as seguintes: “UNE”, “Cães racistas”, “Liberdade para os presos”, “Abaixo a ditadura” e “Nós somos a UNE”.	15 de Outubro de 1985.		
br.es.apees.des.o.colc.fot.19.9	Fusca estacionando com um cartaz preso no para-brisa “Repressão da Ditadura dissolve Congresso da UNE”. Pessoas paradas na calçada próximo ao carro e outras caminhando.	15 de Outubro de 1985.		
br.es.apees.des.o.colc.fot.19.10	Pichação em parede “PC do Brasil”.	15 de Outubro de 1985.		
<b>DOSSIÊ 20: MOVIMENTOS SINDICAIS</b>				
br.es.apees.des.o.colc.fot.20.1	Fachada de um prédio com a pintura “Escola de		Escola de 1º e	Nota inscrita: “A foto mostra a fachada

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
	1º e 2º Graus Campo Grande C.N.E.C – 1º Grau completo – 2º Grau Técnico Secretariado, Assistente Administração, Aux Patologia Clínica, Técnico Química”. Algumas pessoas paradas na portaria, um fusca e duas motos estacionadas na frente.		2º Graus Campo Grande.	do prédio onde funciona a Escola de 1º e 2º Graus de Campo Grande, onde na tarde do dia 13 de setembro do corrente foi realizado um encontro de trabalhadores promovido pela Associação de Trabalhadores de Campo Grande”.
br.es.apees.des.o.colt.fot.20.2	Visão de costas de pessoas em uma sala de aula sentadas em carteiras e um homem em pé à frente.		Escola de 1º e 2º Graus Campo Grande.	Nota inscrita: “A foto mostra, visão parcial das pessoas participantes do encontro citado na foto ¼. Em destaque, indicado pela seta, Mauricio Amorim (Presidente da Associação dos Trabalhadores de Campo Grande)”.
br.es.apees.des.o.colt.fot.20.3	Visão de costas de pessoas em uma sala de aula sentadas em carteiras e um homem em pé à frente.		Escola de 1º e 2º Graus Campo Grande.	Nota inscrita: “Mostra, de outro ângulo, visão parcial do encontro citados nas fotos anteriores”.
br.es.apees.des.o.colt.fot.20.4	Fachada de um prédio com a pintura “Escola de 1º e 2º Graus Campo Grande C.N.E.C – 1º Grau completo – 2º Grau Técnico Secretariado, Assistente Administração, Aux Patologia Clínica, Técnico Química”. Algumas pessoas paradas na portaria, outras caminhando pela rampa de descida do prédio e pela rua.		Escola de 1º e 2º Graus Campo Grande.	Nota inscrita: “Mostra a fachada do prédio citado,, quando do encerramento do encontro descrito nas fotos anteriores”.

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
<b>DOSSIÊ 21: CONVENÇÃO MUNICIPAL DO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO BRASILEIRO – MDB</b>				
br.es.apees.des.o.colc.fot.21.1	Rua com carros estacionados, multidão de pessoas concentradas na calçada e parte da rua próxima a uma entrada por um muro. Algumas pessoas conversam próxima a multidão.	26/08/1979	Clube Brasil – Cariacica.	Nota inscrita: “A foto mostra, em destaque, o Clube Brasil de Cariacica/ES, quando da realização da Convenção Municipal do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) de Cariacica, fato este ocorrido as 09,00 do dia 26 de agosto de 1979”.
br.es.apees.des.o.colc.fot.21.2	Sala com uma fileira de mesas de homens sentados por um lado e do outro uma fila com populares do lado interno e externo.	26/08/1979	Clube Brasil – Cariacica.	Nota inscrita: “A foto mostra em destaque no interior do Clube Brasil em Cariacica, quando da votação de populares na Convenção do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), na manha do dia 26 de agosto de 1979”.
br.es.apees.des.o.colc.fot.21.3	Sala com uma fileira de mesas de homens sentados por um lado e do outro uma fila com populares. Uma mulher assina um papel em uma das mesas.	26/08/1979	Clube Brasil – Cariacica.	Nota inscrita: “A foto mostra em destaque no interior do Clube Brasil em Cariacica, quando da votação de populares na Convenção do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), na manha do dia 26 de agosto de 1979”.
br.es.apees.des.o.colc.fot.21.4	Sala com uma fileira de mesas de homens sentados por um lado e do outro uma fila com	26/08/1979	Clube Brasil – Cariacica.	

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
	populares.			
<b>DOSSIÊ 22: BINGO DO PARTIDO DOS TRABALHADORES – PT</b>				
br.es.apees.des.o.colc.fot.22.1	Multidão de pessoas em pé. Postes iluminados com uma faixa cruzando com o seguinte “Ganhe uma bicicleta Caloi no Bingo do PT dia 03 de outubro (sábado) 19:30h Praça Hélio Ferraz.	03/10/1981	Praça Hélio Ferraz.	Nota inscrita: “A foto mostra visão parcial do local onde foi realizado um bingo no Conjunto Residencial Hélio Ferraz – Município da Serra/ES, na noite do dia 03 de outubro de 1981, que contou com o patrocínio do PT-ES”. Foto carimbada como “Confidencial” em vermelho.
br.es.apees.des.o.colc.fot.22.2	Foto de costas de multidão. Um palanque com cinco pessoas, uma delas segura uma bicicleta.	03/10/1981	Praça Hélio Ferraz.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.22.3	Imagem de multidão em pé. Uma pessoa segura uma bicicleta.	03/10/1981	Praça Hélio Ferraz.	Nota: Seta vermelha direcionada a um homem em pé.
<b>DOSSIÊ 23: PICHAGÕES COM O SÍMBOLO COMUNISTA</b>				
br.es.apees.des.o.colc.fot.23.1	Casa com muro branco e janelas de vidro quebradas, pichação da sigla “PCB” e o desenho do símbolo foice e martelo. Ao lado terreno com matagal. Próximo ao telhado da casa uma placa escrita “Stuke”.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.23.2	Muro branco com a pichação da sigla “PCB” e desenho do símbolo foice e martelo. Próximo			

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
	um fusca estacionado e partes de estofados de um veículo no chão.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.23.3	Muro branco com a pichação da sigla “PCB” e desenho do símbolo foice e martelo. Próximo a carros estacionados e um jovem e uma jovem conversando.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.23.4	Imagem com pichação da sigla “PCB” e desenho do símbolo foice e martelo.			
<b>DOSSIÊ 24: FACULDADES PARTICULARES</b>				
br.es.apees.des.o.colc.fot.24.1	Prédio com uma faixa “FAFABES em greve – por melhores condições de ensino” com um carro na entrada e duas pessoas passando na calçada.		Santa Casa de Misericórdia.	Nota inscrita: “A foto mostra visão parcial da Faculdade de Farmácia e Bioquímica do Espírito Santo (FAFABES), situada na Avenida Cleto Nunes, nesta Capital”. Foto carimbada.
br.es.apees.des.o.colc.fot.24.2	Foto de sala de aula vazia com o escrito “Greve – por melhores condições de ensino” de giz no quadro negro.		Santa Casa de Misericórdia.	Nota inscrita: “A foto mostra em destaque no interior de uma das salas de aula da Faculdade de Farmácia e Bioquímica do Espírito Santo (FAFABES), no quadro negro, os mesmos dizeres descritos na foto anterior”.
br.es.apees.des.o.colc.fot.24.3	Público e cinco pessoas compondo uma mesa à frente, todas as cinco identificadas com	09/08/1979	Santa Casa de	Nota inscrita: “A foto mostra visão parcial da Assembleia realizada na

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
	números. Ao fundo as faixas “Estamos em Greve – Pelas readmissões” e “Por melhores condições de ensino”.		Misericórdia.	Faculdade de Farmácia e Bioquímica do Espírito Santo (FAFABES), ocorrida as 09,00 do dia 09/08/1979. Em destaque diversos componentes da referida Assembleia, no esquema número como segue: 1) Deputado Estadual do MDB Nelson Aguiar. 2) Diretor da FAFABES, Sr. Wenceslau Lami de Miranda. 3) Secretário de Estado de Educação, Dr. Stélio Dias. 4) Presidente do Diretório Acadêmico da FAFABES, Diretório Acadêmico ‘Gastão Roubach’. 5) Elemento não identificado”.
br.es.apees.des.o.colt.fot.24.5	Mesa composta por cinco pessoas. Ao fundo as faixas “Estamos em Greve – Pelas readmissões” e “Por melhores condições de ensino”.	09/08/1979	Santa Casa de Misericórdia.	Nota inscrita: “A foto mostra visão parcial da Assembleia realizada na Faculdade de Farmácia e Bioquímica do Espírito Santo (FAFABES), ocorrida as 09,00 do dia 09/08/1979. Em br.es.apees.des.o.colt.fot.24.1destaque diversos componentes da referida Assembleia, no esquema número como segue: 1) Deputado Estadual do MDB Nelson Aguiar. 2) Diretor da FAFABES, Sr. Wenceslau Lami de Miranda. 3) Secretário de Estado de Educação, Dr. Stélio Dias. 4) Presidente do Diretório

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
				Acadêmico da FAFABES, Diretório Acadêmico 'Gastão Roubach' Jorge Luiz Terrão. 5) Elemento não identificado".
br.es.apees.des.o.colc.fot.24.6	Público e cinco pessoas compondo uma mesa à frente, todas as cinco identificadas com números. Ao fundo as faixas "Estamos em Greve – Pelas readmissões" e "Por melhores condições de ensino".	09/08/1979	Santa Casa de Misericórdia.	Nota inscrita: "A foto mostra, de outro ângulo, os componentes da Assembleia realizada as 08,00 horas do dia 09/08/1979 na FAFABES, já descritos na foto anterior".
br.es.apees.des.o.colc.fot.24.7	Foto lateral de pessoas sentadas em carteiras olhando para frente. Ao fundo cartaz colado na parede "3º ENEF" [Encontro Nacional de Estudantes de Farmácia].	09/08/1979	Santa Casa de Misericórdia.	
<b>DOSSIÊ 25: FOTOGRAFIAS RELACIONADAS À INVESTIGAÇÃO DE PROFESSORES</b>				
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.1	Fotografia de multidão de pessoas, em sua maioria mulheres, observando algo a frente.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.2	Mulher cumprimenta uma pessoa em meio a multidão.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.3	Multidão de pessoas, em sua maioria mulheres, sentadas e em pé um espaço similar a um auditório e outras em pé no mezanino. Cartazes afixados no mezanino com os dizeres "Professor unido jamais será vencido" e "Não			

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
	queremos esmola, queremos aumento”.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.4	Multidão de mulheres em pé próximas a uma parede e um foco de luz.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.5	Fotografia do perfil de uma mulher.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.6	Multidão de mulheres, algumas delas com uma mão esticada para o alto.			Nota: Uma das mulheres com a mão esticada possui o rosto circulado com caneta.
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.7	Multidão de mulheres sentadas e alguns homens.			Nota: Três dessas mulheres possuem o rosto circulados com caneta.
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.8	Duas mulheres em pé próximas a alguns homens.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.9	Multidão de mulheres sentadas.			Nota: Três dessas mulheres possuem o rosto circulados com caneta.
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.10	Multidão de pessoas, alguns sentados e outros em pé, próximos a parede e uma janela. Cartaz afixado na parede com o dizer “Pela volta da comida, na panela do professor a união faz a força”.			Nota: Um rosto próximo a janela circulado por caneta.
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.11	Multidão de mulheres em pé no mezanino.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.12	Pessoas sentadas observando algo a frente.			

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.13	Roda de conversa entre sete mulheres e dois homens.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.14	Multidão de pessoas, em sua maioria mulheres, sentadas e em pé um espaço similar a um auditório e outras em pé no mezanino. Cartazes afixados no mezanino com os dizeres “Professor unido jamais será vencido” e “Não queremos esmola, queremos aumento”.			Nota: Quatro pessoas possuem seus rostos circulados por caneta.
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.15	Homens e mulheres em pé próximos a uma parede e janela.			Nota: Uma pessoa possui o rosto circula por caneta.
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.16	Homens e mulheres em pé movimentam as mãos e bocas como algo similar a cantar e bater palmas.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.17	Multidão de mulheres sentadas no chão próximas a um foco de luz.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.18	Multidão de pessoas, em sua maioria mulheres, sentadas e em pé um espaço similar a um auditório e outras em pé no mezanino. Cartazes afixados no mezanino com os dizeres “Professor unido jamais será vencido” e “Não queremos esmola, queremos aumento”.			Nota: Uma pessoa no mezanino possui o rosto circulado com caneta.
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.19	Visão lateral de quatro homens de pé, um deles estica o braço para o alto segurando um			

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
	cigarro.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.20	Homem de terno falando em meio a algumas pessoas. Cartaz ao fundo com dizer não identificado.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.21	Homem de óculos fala ao microfone.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.22	Homem de óculos fala ao microfone.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.23	Multidão de mulheres em pé observam algo a frente.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.24	Homem de óculos fala ao microfone.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.25	Jovem rapaz fala em meio a algumas pessoas.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.26	Jovem rapaz fala ao microfone.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.27	Jovem rapaz com braço erguido fala em dois microfones simultaneamente, um homem segura um dos microfones em direção a boca do jovem.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.28	Homem fala ao microfone.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.29	Homem de terno em pé próximo a algumas pessoas.			Nota: Uma das pessoas próximas ao homem possui uma indicação com seta.

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.30	Homem em pé observa algo à frente próximo a algumas pessoas.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.31	Homem de óculos e barba fala ao microfone. Ao fundo o cartaz com o dizer “Pela volta da comida, na panela do professor a união faz a força”.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.32	Homem de óculos e barba sorrindo próximo a duas mulheres. Ao fundo cartaz com o trecho visível “Por melhores condições”.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.33	Homem de óculos e barba caminha em meio a algumas pessoas.			Nota: O homem de óculos e barba é indicado por uma seta.
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.34	Multidão de homens e mulheres em pé, a maioria deles está sorrindo e com um braço esticado para o alto.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.35	Mulher com braço esticado fala ao microfone			Identificação: Rose de Freitas.
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.36	Roda de conversa de alguns homens, sendo um deles de terno, e uma mulher de óculos escuros em cima de um palco.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.37	Homem de terno parado em pé próximo a algumas pessoas.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.38	Homem de terno parado em pé próximo a			

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
	algumas pessoas.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.39	Ângulo de mulher de óculos conversando com outra pessoa em meio a multidão.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.40	Algumas mulheres em pé com um braço esticado para o alto.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.41	Mulheres em pé observam algo à frente.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.42	Quatro homens e uma mulher parados em pé sorriem.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.25.43	Grupo de mulheres conversa enquanto quatro homens estão de pé parados, sendo um deles de terno.			
<b>DOSSIÊ 26: FOTOGRAFIAS RELACIONADAS A MOVIMENTOS SOCIAIS</b>				
br.es.apees.des.o.colc.fot.26.1	Mesa de madeira com oito cadeiras grandes de madeira. Pessoas sentadas nas cadeiras e outras acompanham sentadas em um plenário.		Palácio Domingo Martins.	Nota Inscrita: "A foto mostra em destaque a composição da mesa do debate promovido pela ACAPEMA (Associação Capixaba de Proteção ao Meio Ambiente), na Assembleia Legislativa no dia 19 de Novembro do ano corrente. Da direita para a esquerda observamos os seguintes componentes: Nelson Aguiar, elemento não identificado, Wilson

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
				Hasse, elemento não identificado, Fredy Guimarães, Paulo Fraga, Dilton Lyra Netto, Argilano Dario. Registro a caneta da presença de representante do DCE/UFES.
br.es.apees.des.o.colc.fot.26.2	Três pessoas, sendo dois homens e uma mulher, em um palco de diante de uma plateia em um auditório. Faixa pendurada no alto com os dizeres: “Pela Anistia ampla, geral e irrestrita. D.A Emescam”.	14/08/1979	Colégio do Carmo.	Nota inscrita: “A foto mostra com destaque um dos oradores do manifesto já descrito, vendo-se de costas, camisa xadrez, o político Bezerra de Meneses.”.
br.es.apees.des.o.colc.fot.26.3	Palanque com quatro mulheres, sendo uma observando, outra fala ao microfone e as outras duas seguram um cartaz com os dizeres: “Problemas que causam a falta d’água – 1 Má distribuição (para a população falta água e para as industrias não falta). 2 Falta de bombas (para que a água suba nos morros). 3 Rede com canos finos. Lutas (o que fizemos?) 1 1977 – 1º Abaixo-assinado a CESAN. 2 1978 – 2º Abaixo-assinado (estudo de um questionário). 3 3º Abaixo-assinado. – Pesquisa – Clube das Mães – Assembleia Local – Assembleia Geral.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.26.4	Multidão de pessoas reunidas em uma calçada de uma casa com árvores.			

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
br.es.apees.des.o.colc.fot.26.5	Multidão reunida em pé próximo a escadaria da entrada da Catedral Metropolitana de Vitória.	23/06/1979	Catedral Metropolitana de Vitória.	Nota inscrita: “A foto mostra visão parcial da Catedral Metropolitana de Vitória/ES, quando das manifestações levadas a efeito ATO PÚBLICO DA FÉ PELA READMISSÃO DOS FUNCIONÁRIOS DEMITIDOS, fato ocorrido na noite do dia 23 de junho de 1979. Em destaque, a seta indica o político Berredo de Menezes quando fazia críticas ao ato governamental”.
br.es.apees.des.o.colc.fot.26.6	Multidão reunida próxima a um grande edifício, carro e caminhão estacionados em avenida com duas mãos, faixa pendurada entre árvores com dizeres não identificados, policiais em pé enfileirados com escudos e cassetetes. Pessoas em pé na maioria das janelas.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.26.7	Multidão reunida em pé na escadaria de entrada do Palácio Domingos Martins (Assembleia Legislativa do ES).		Palácio Domingos Martins.	Nota inscrita: “A foto mostra na parte externa da Assembleia Legislativa, diversas pessoas sendo em sua maioria estudantes, quando do debate promovido pela ACAPEMA naquela entidade dia 19 de novembro do ano corrente”.
br.es.apees.des.o.colc.fot.26.8	Mesa composta por oito pessoas em um palco. Algumas pessoas acompanham sentadas nas	14/08/1979	Colégio do	Nota inscrita: “A foto mostra visão parcial do auditório do Colégio do

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
	cadeiras do auditório. Faixa “Pela Anistia Ampla Geral e Irrestrita D.A. Emescam”. Cartaz ao fundo “Pela reintegração dos professores cassados. Por melhores condições de ensino. Por melhores condições de vida e trabalho. Anistia Ampla Geral e Irrestrita. CAPO... (ilegível)”.		Carmo.	Carmo, quando das realizações do manifesto já referenciado na legenda anterior”.
br.es.apees.des.o.colc.fot.26.9	Multidão em auditório observa grupo de jovens em palco tocarem diversos instrumentos. Nove cartazes/faixas afixados em torno do espaço com inscrições sobre falta de água e citando a CESAN. Em uma das faixas é possível observar menção aos bairros do Romão e Glória.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.26.10	Dois homens conversam em pé no canteiro central de uma avenida com carros estacionados nos dois sentidos. Do lado direito da imagem é possível observar multidão de populares e do lado esquerdo policiais com escudo e cassetetes.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.26.11	Multidão de pessoas reunidas e duas faixas “Basta. Chega de arbítrio, pela revogação do decretão” e “P/ readmissão dos funcionários.”		Palácio Domingos Martins.	Nota inscrita: “A foto mostra, já na parte externa da Assembleia Legislativa, a continuidade da manifestação pelo ATO PÚBLICO DE FÉ PELA READMISSÃO DOS FUNCIONÁRIOS DEMITIDOS. As setas

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
				indicam os políticos NELSON AGUIAR, ROBERTO VALADÃO, HELIO CARLOS MANHÃES e BERREDO DE MENEZES, críticos do ato governamental naquela oportunidade”.
br.es.apees.des.o.colt.fot.26.12	Mesa composta por sete pessoas, ao fundo cartaz “Pela reintegração dos professores cassados. Por melhores condições de ensino. Por melhores condições de vida e trabalho. Anistia Ampla Geral e Irrestrita. CAPO... (ilegível)”.	14/08/1979	Colégio do Carmo.	Nota inscrita: “A foto mostra o flagrante fotográfico colhido no interior do Colégio do Carmo, na data 14-08-79, mais precisamente as 21:00 horas, quando estava sendo realizado a manifestação em protesto contra a ANISTIA PARCIAL E RESTRITA, promovida pelo Comitê Brasileiro pela Anistia, seção Espírito Santo. Em destaque numericamente, podemos identificar os componentes da mesa da seguinte forma: 1 Antenor Costa Filho, 2 Sandro Chamon do Carmo, 3 Dr. Batista Herkenhoff, Juiz de Direito de Vila Velha, 4 Dr. José Ignácio Ferreira, Presidente da OAB/ES, 5 Dr. Ewerton Montenegro Guimarães, presidente da CBA/ES, 6 Dr Fausto (político não identificado), de Barra de São Francisco, 7 Rosilda de Freitas (ROSE)”.

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
br.es.apees.des.o.colc.fot.26.13	Fotografia de cartazes com os dizeres: “Registro nas ruas provocan Falta d’água”, “Queremos água em nossas casas”, “Necessitamos mais que urgente de água no Bairro Jesus de Nazareth”, “CESAN, água pelo amor de Deus” e “Água fenômeno natural, liquido preciso, vida que nós do Bairro Jesus de Nazareth necessitamos a cada segundo de nossas vidas”.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.26.14	Multidão em pé em calçada de avenida com duas vias segurando cartazes e a seguinte faixa “Comunidade de Cobilandia em união luta contra o aumento das passagens”.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.26.15	Multidão de pessoas reunidas e duas faixas “Basta. Chega de arbítrio, pela revogação do decretão” e “P/ readmissão dos funcionários, Povo unido jamais será vencido”.		Palácio Domingos Martins.	Nota inscrita: “De outro ângulo, a foto mostra os políticos descritos”.
br.es.apees.des.o.colc.fot.26.16	Multidão de populares sentados ocupando a totalidade de cadeiras em um auditório, outros em pé nos espaços vazios dos corredores e ao fundo. Cartazes e faixas estão afixados no beiral do mezanino na parte superior.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.26.17	Alguns populares em pé segurando cartazes (não legíveis) próximos a um prédio com árvores ao fundo.			

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
br.es.apees.des.o.colc.fot.26.18	Alguns homens de terno seguram faixa em meio a outras pessoas. Na faixa é visível "...readmissão dos funcionários, o povo unido jamais será vencido".		Palácio Domingos Martins.	Nota inscrita: "De ângulo mais próximo, ainda na parte externa da Assembleia Legislativa, podemos identificar os oradores do ATO PÚBLICO DE FÉ já referenciado, como sendo: 1 Deputado Estadual do MDB Nelson Aguiar, 2 Deputado Estadual do MDB Roberto Valadão, 3 Assessor Jurídico do MDB Hélio Carlos Manhães, 4 Deputado Estadual do MDB Dilton Lirio Netto, 5 Líder do MDB Berredo de Menezes.
br.es.apees.des.o.colc.fot.26.19	Populares sentados em cadeiras de auditório. Uma mulher possui o cartaz "queremos água" afixado no peito.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.26.20	Quatro homens em cima de um palanque na rua durante a noite, pessoas observam um deles com o microfone nas mãos.			Nota inscrita: "A foto mostra Alfredo Haller (representante do Movimento Popular da Serra/ES) quando proferia sua oratória, ladeado por VASQUEZI (provido de barba) e SALATIEL".
br.es.apees.des.o.colc.fot.26.21	Multidão de populares em pé na calçada de uma avenida de duas faixas, algumas pessoas de bicicleta. Próximo uma placa do posto de gasolina Esso.			

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
br.es.apees.des.o.colc.fot.26.22	Multidão de populares, alguns com crianças e bicicletas, caminhando por rua de paralelepípedo segurando cartazes (não legíveis).			
br.es.apees.des.o.colc.fot.26.23	Multidão de populares em pé na calçada de uma avenida de duas faixas, algumas pessoas seguram cartazes (não legíveis).			
br.es.apees.des.o.colc.fot.26.24	Dois homens conversam em pé no canteiro central de uma avenida com carros estacionados. Junto a alguns populares e policiais com escudos e cassetetes na calçada. Ao fundo edifício do DETRAN-ES com bandeira do Brasil (e outra não identificada) hasteada a um mastro.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.26.25	Dois homens conversam em pé no canteiro central de uma avenida com carros estacionados. Junto a alguns populares e policiais com escudos e cassetetes na calçada. Ao fundo edifício do DETRAN-ES com bandeira do Brasil (e outra não identificada) hasteada a um mastro.			
<b>DOSSIÊ 27: IMPRENSA E RADIOFUSÃO</b>				
br.es.apees.des.o.colc.fot.27.1	Pátio com prédio grande como galpão e uma escada externa que leva ao segundo andar,	25/05/1981	Rede Tribuna.	Nota inscrita: "Mostra em destaque (seta) os fundos do prédio citado, mas

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
	algumas pessoas em pé próximas ao prédio.			precisamente a porta de aço tipo esteira, danificada pelas explosões”.
br.es.apees.des.o.colc.fot.27.2	Quatro homens de pé sorrindo e conversando entre si.	01/02/1980	Aeroporto de Vitória.	Nota inscrita: “A foto mostra adeptos do Partido Trabalhista Brasileiro – PTB quando da chegada do Ex-deputado Federal Lysâneas Maciel. Em destaque, identificamos da esquerda para a direita as seguintes pessoas: Dr. José Alexandre Buaiz, Dr. Augusto Calmon, Lysâneas Maciel e Joaquim Leite de Almeida”.
br.es.apees.des.o.colc.fot.27.3	Quatro homens de pé sorrindo e conversando entre si em uma roda.	01/02/1980	Aeroporto de Vitória.	Nota inscrita: “Mostra em destaque, flagrante fotográfico colhido no Aeroporto Eurico Salles no dia 01 de Fevereiro de 1980. Em destaque, da esquerda para direita: Ex-deputado Federal Lysâneas Maciel, Dr. Augusto Calmon, Joaquim Leite de Almeida e Dr. Mario Gurgel (Ex-deputado Federal cassado)”.
br.es.apees.des.o.colc.fot.27.4	Foto de perfil de homem de terno sorrindo.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.27.5	Sala com escombros derrubados e pilhas de papéis queimados no chão.	25/05/1981	Rede Tribuna.	Nota inscrita: “Mostra visão parcial da parte interna do jornal A Tribuna, após as explosões e incêndios ali verificados

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
				na madrugada do dia 25/05/1981”.
br.es.apees.des.o.colc.fot.27.6	Sala com escombros, estante queimada e pilhas de papéis queimados no chão.	25/05/1981	Rede Tribuna.	Nota inscrita: “De outro ângulo, mostra visão parcial da parte interior do jornal A Tribuna, já descrita nas legendas anteriores”.
br.es.apees.des.o.colc.fot.27.7	Sala com escombros, estante queimada e pilhas de papéis queimados no chão.	25/05/1981	Rede Tribuna.	Nota inscrita: “Mostra visão parcial do jornal A Tribuna, descrito nas legendas anteriores”.
br.es.apees.des.o.colc.fot.27.8	Rua de paralelepípedo com duas vias e canteiro no meio, partes da rua e do cruzamento com poças de água. Alguns carros estacionados nos dois sentidos e pequenas casas e lojas.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.27.9	Imagem de quina de uma parede com alguns pedaços de material queimado no chão.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.27.10	Sala com escombros, estante queimada e pilhas de papéis queimados no chão.	25/05/1981	Rede Tribuna.	
br.es.apees.des.o.colc.fot.27.11	Prédio com janelas com ar-condicionado, duas pessoas observam por uma das janelas. Na parede a inscrição “A Tribuna”. Carros estacionados na rua em frente ao prédio.	25/05/1981	Rede Tribuna.	Nota inscrita: “A foto mostra a fachada do prédio onde funciona a Rede Tribuna de Comunicação, onde na madrugada do dia 25/05/1981 ocorreu explosões seguida de incêndio no local onde funciona o jornal A

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
				Tribuna”.
br.es.apees.des.o.colc.fot.27.12	Homem de terno caminha em pista de decolagem com maleta na mão. Piloto e comissária de bordo seguem caminhando atrás.	01/02/1980	Aeroporto de Vitória.	
<b>DOSSIÊ 28: MOVIMENTO GREVISTA</b>				
br.es.apees.des.o.colc.fot.28.1	Três homens sentados a uma mesa com papeis e uma maleta.	03/09/1979	Colégio do Carmo	Nota inscrita: “A foto mostra a mesa de componentes da Assembleia Geral dos Médicos do Espírito Santo, ocorrida na noite do dia 03/09/1979, no Colégio do Carmo, Rua Coutinho Mascarenhas, 22 nesta Capital. Em destaque numericamente vemos os seguintes componentes: 1) Dr. Newton Gomes de Oliveira (ortopedista), assistente. 2) Dr. Vitor Buaiz, presidente do Sindicato dos Médicos do Espírito Santo. 3) Dr. Vitor Murad que secretariou os trabalhos na ocasião”.
br.es.apees.des.o.colc.fot.28.2	Visão parcial do lado esquerdo do auditório. Cerca de cinquenta pessoas sentadas, em sua maioria homens.	03/09/1979	Colégio do Carmo	
br.es.apees.des.o.colc.fot.28.3	Visão parcial do lado direito do auditório. Cerca de cinquenta pessoas sentadas, em sua maioria	03/09/1979	Colégio do Carmo	

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	DATA	LOCAL	OBSERVAÇÃO
	homens.			
br.es.apees.des.o.colc.fot.28.4	Visão total do público do auditório. Cerca de cinquenta pessoas sentadas, em sua maioria homens.	03/09/1979	Colégio do Carmo	Nota inscrita: "A foto mostra o auditório do Carmo, quando da Assembleia descrita nas legendas anteriores".
br.es.apees.des.o.colc.fot.28.5	Três homens sentados a uma mesa com papéis e uma maleta. Um quarto homem fala em pé ao microfone ao lado da mesa.	03/09/1979	Colégio do Carmo	
br.es.apees.des.o.colc.fot.28.6	Visão parcial do lado direito do auditório com homens e mulheres sentados nas cadeiras.	03/09/1979	Colégio do Carmo	
br.es.apees.des.o.colc.fot.28.7	Visão parcial do lado esquerdo do auditório com homens e mulheres sentados nas cadeiras.	03/09/1979	Colégio do Carmo	
br.es.apees.des.o.colc.fot.28.8	Visão parcial do lado esquerdo do auditório com homens e mulheres sentados nas cadeiras.	03/09/1979	Colégio do Carmo	
br.es.apees.des.o.colc.fot.28.9	Visão parcial do lado esquerdo do auditório com homens e mulheres sentados nas cadeiras.	03/09/1979	Colégio do Carmo	